

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO TECNOLÓGICO

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

MURAD JORGE MUSSI VAZ

**Por uma Metodologia de leitura Popular
aplicada ao Planejamento Urbano**

Dissertação de mestrado

FLORIANÓPOLIS

-2006-

The background of the cover is a faded photograph of a large, ornate church with a tall bell tower and a cross on top. The church is surrounded by a paved plaza where many people are walking. In the foreground, there is a large, dark, abstract sculpture. The overall scene is bright and sunny.

MURAD JORGE MUSSI VAZ

**Por uma Metodologia de leitura Popular
aplicada ao Planejamento Urbano**

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós Graduação em Arquitetura
e Urbanismo da Universidade Federal de
Santa Catarina.

Orientador: Profº Elson Manoel Pereira, Drº

FLORIANOPOLIS

-2006-

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

Agradecimentos:

A todos aqueles que acreditaram que seria possível e contribuíram de alguma forma para que as idéias fossem materializadas.

“[...]Quem cruza , quem caça, quem reza
Quem roga uma praga no calçadão
Nossas boas Senhoras do Rosário
Rogam por nós pecadores solitários
Caçadores de tesouros noturnos
Bebedouros, Operários
Do Lado Esquerdo da Ordem

[...]Água benta
Água ardente
Arte sacra
Arte nata
Boates
Beatas
Brotam no mesmo chão
O Largo é um misto
De santo e profano
O Largo é o espelho curitibano. “
Largo Esquerdo da Ordem – Marilda Confortim.

A meus pais Nazira e Sérgio, minhas
irmãs Nadja e Najda, e ao pequeno
Munir, que ainda tem um longo
caminho a trilhar...

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

RESUMO

Palavras-chave: Imagem, imaginário, leitura comunitária, Planejamento de espaços públicos: o Largo da Ordem de Curitiba.

A cidade interpretada segundo seus espaços, ora em sua evolução natural, ora em intervenções planejadas é resultado e resulta em imagens presentes tanto no discurso quanto no imaginário coletivos. Imagens estas, que muitas vezes correspondem a cenários fictícios que se distanciam da evolução dos *lugares e espaços urbanos*. Os espaços urbanos revistos pela população numa síntese entre leituras, técnica e comunitária. Esse foi o viés buscado nas entrevistas e nos mapas mentais, conceituais e cognitivos, trabalhados junto à população. O resgate da cultura local corrobora para a compreensão dos respostas às perguntas encontradas na fase da pesquisa documental, elucidando uma série de questões levantadas durante o processo de análise e aproximando o saber técnico do saber comunitário. Cada cidade, cada espaço, cada lugar é único em sua identidade, apesar da polissemia encontrada em praticamente todas as aglomerações urbanas, portanto, para a validação de um método que intenta ser universal, houve a necessidade de escolha de uma área-exemplo – o Largo da Ordem em Curitiba –PR. E por que Curitiba? Curitiba é uma cidade paradigmática pela criação de uma imagem que lhe é conferida através do city marketing. Positivo ou negativo? A questão extrapola essa fronteira, e trabalhar com um objeto dito tradicional, em meio a tantas intervenções contemporâneas permite a compreensão entre a vivência real do espaço e o imaginário constituído pelos costumes. Através da evolução do trabalho e do escopo conceitual que foi sendo formado, sustenta-se o argumento de que é possível instrumentalizar a leitura comunitária utilizando para isso os mapas mentais, conceituais e cognitivos. Ao ratificar esse método, atinge-se o principal objetivo: a aproximação entre cidade planejada e cidade real, técnico e comunidade, sendo possível a extração de diretrizes de planejamento baseadas nessa relação e que se aplicadas conforme sua intenção inicial seriam capazes de efetivar a relação usuário, imaginário coletivo e saber técnico.

ABSTRACT:

Key-words: Image, imaginary, communitarian reading, Planning of public spaces: the Largo da Ordem, Curitiba.

The city interpreted according to its spaces, however in its natural evolution, however in planned interventions is resulted and in such a way results in images gifts in the imaginary speech how much in the collective ones. Images these, that many times correspond the fictitious scenes that if distanciam of the evolution of the places and urban spaces. The urban spaces reviewed by the population in a synthesis between readings, communitarian technique and. This was the bias searched in the interviews and mental, conceptual and cognitivos the maps, worked together to the population. The rescue of the local culture corroborates for the understanding of the answers to the questions found in the phase of the documentary research, elucidating a series of questions raised during the analysis process and approaching knowing technician of communitarian knowing. Each city, each space, each place is only in its identity, despite the polissemia found in practically all the urban agglomerations, therefore, for the validation of a method that intends to be universal, it had the necessity of choice of an area-example - the Plaza of the Order in Curitiba - PR. and why Curitiba? Curitiba is a paradigmática city for the creation of an image that is conferred it through City marketing. Positive or negative? The question surpasses this border, and to work with a said object traditional, in way to as many interventions contemporaries allows the understanding enters the real experience of the space and the imaginary one constituted by the customs. Through the evolution of the work and the conceptual target that was being formed, the argument is supported of that it is possible to instrumentalizar the communitarian reading using for this the mental maps, conceptual and cognitivos. When ratifying this method, reaches the main objective: the approach planned city and real city, technician and community, being possible the extration of lines of direction of planning based in this relation and that if applied as its initial intention they would be capable to accomplish the using relation, imaginary collective and to know technician.

Lista de Ilustrações

Ilustração 2 Processo de Simbolização , organização nossa. _____	17
Ilustração 3 Da cultura popular à construção do Lugar – organização nossa. _____	18
Ilustração 4 Imagem ambiental (Lynch,1997,p.9), organização nossa. _____	23
Ilustração 5 Imagem ambiental, (Lynch, 1997, p.11-12) _____	24
Ilustração 6 Projeto Rio Cidade Leblon Ilustração 7 Projeto Favela-Bairro favela do Fubá-Campinho _____	25
Ilustração 8 Formando a imagem mental _____	26
Ilustração 9 Inter-relações entre informações simbólicas _____	30
Ilustração 10 imagens de grupo _____	31
Ilustração 11 Qualidades da forma, segundo Lynch, 1997. Organização nossa. _____	36
Ilustração 12 Plan Voisin Paris - Le Corbusier 1925 _____	42
Ilustração 13 Curitiba 1857. Elaborado por Irã Dudeque baseado em Ilustração Paranaense. Curitiba Ano I (2) 1857_	52
Ilustração 14 Curitiba em 1927, fonte Leonardo Oba. (OBA, 1999) _____	53
Ilustração 15 Plano Agache 1943, extraído do Boletim PMC. Plano de Urbanização. Curitiba, Ano II (12) 1943. _____	57
Ilustração 16 Casa da Memória e Obelisco N° Sr° da Luz _____	62
Ilustração 17 Vista Aérea do Setor Histórico _____	62
Ilustração 18 Memorial de Curitiba _____	62
Ilustração 19 Feira Dominical _____	62
Ilustração 20 Relógio das Flores _____	63
Ilustração 21 Vista Aérea Praça João Candido _____	63
Ilustração 22 Caracterização do Bairro por fotos _____	63
Ilustração 23 Cidade (Lynch, 1997, apêndice B) Organização nossa. _____	65
Ilustração 24 Perfil dos usuários _____	71
Ilustração 25 Construção e análise de mapas cognitivos, baseado em Ensslin, 2001 e Ourives, 2003. organização nossa. _____	77
Ilustração 26 Estrutura de uma árvore (OURIVES,2003,p.69) _____	77
Ilustração 27 Construção do mapa cognitivo (KNORECK,2005,p184) _____	78
Ilustração 28 Igreja da Ordem _____	81
Ilustração 29 Bebedouro e Casa Romário Martins _____	81
Ilustração 30 Fonte do Cavalo e Sociedade Garibaldi _____	82
Ilustração 31 Interior da Galeria das Arcadas _____	82
Ilustração 32 Fundação Cultural e casario eclético _____	82
Ilustração 33 Ruínas do São Francisco e antigo Belvedere _____	82
Ilustração 34 Vista do Largo _____	83
Ilustração 35 Bebedouro e Casa Vermelha _____	83
Ilustração 36 Memorial da Cidade _____	83
Ilustração 37 Vista para o obelisco _____	83
Ilustração 38 Usos dos bares _____	83

Ilustração 39 Igreja e Solar do Rosário, Fonte do Cavalo	83
Ilustração 40 Preparação para a feira	84
Ilustração 41 Idem anterior	84
Ilustração 42 Feira de domingo	85
Ilustração 43 Feira de domingo	85
Ilustração 44 Feira de domingo	85
Ilustração 45 Feira de domingo	85
Ilustração 46 Caracterização de usos em diferentes dias e períodos	85
Ilustração 47 Ator trabalhando	86
Ilustração 48 Artesã	86
Ilustração 49 Mescla de estilos	86
Ilustração 50 Lâmpião - releitura	86
Ilustração 51 Igreja do Rosário e Araucária	86
Ilustração 52 "Mural"	86
Ilustração 53 Imóveis sem uso	86
Ilustração 54 Casa Romário Martins	86
Ilustração 55 "Banda de Chorinho"	86
Ilustração 56 Lampião de parede	86
Ilustração 57 Contrastes	86
Ilustração 58 Torres	86
Ilustração 59 Mapa nº 01 Teste Piloto	89
Ilustração 60 Mapa nº 05 Teste Piloto	89
Ilustração 61 análise dos desenhos – piloto	91
Ilustração 62 análise das entrevistas - piloto	92
Ilustração 63 Mapa cognitivo	93
Ilustração 64 exemplo da ficha	94
Ilustração 65 Mapa nº 07	98
Ilustração 66 Mapa nº 16	99
Ilustração 67 Mapa nº 17	100
Ilustração 68 Mapa nº 30	101
Ilustração 69 Mapa nº 37	102
Ilustração 70 Mapa nº 43	103
Ilustração 71 Formação do imaginário e dos slogans, a partir das imagens e das sensações, organização nossa.	105
Ilustração 72 Diretrizes obtidas	116

Lista de Tabelas

Tabela 1 Imagens de Curitiba - extraído de Rosa Moura, (MOURA, 2001,217).	22
Tabela 2 Imaginário, imagem, sensações e slogans obtidos junto à população.	104

Sumário

1.	Introdução	11
1.1.	Justificativa e relevância	11
1.2.	Objetivo Geral	14
1.3.	Objetivos específicos	14
1.4.	Métodos	14
2.	Referencial Teórico	15
2.1.	Cultura e Identidade	15
2.1.1.	Conceito de Cultura	15
2.1.2.	Cultura urbana e cultura local	18
2.1.3.	Identidade: o que é?	20
2.2.	Imagem e Imaginário	21
2.2.1.	O que os autores dizem sobre	21
2.2.2.	Imagem ambiental: é possível aplicar ao planejamento?	23
2.3.	Sistema Cognitivo	29
2.4.	Lugar	32
2.4.1.	Lugar: o que os autores dizem sobre	32
2.4.2.	Captar o senso de lugar	33
2.5.	Recriando lugares: o city marketing.	36
2.6.	Notas sobre o Planejamento Urbano	39
2.6.1.	Espaço Sacro ou Espaço laico?	39
2.6.2.	Cidade Racional ou Cultural?	40
2.6.3.	Planejamento e Qualidade de vida	43
2.6.4.	Planejar no Brasil	44
2.6.5.	Qual Planejamento	46
3.	Curitiba	48
3.1.	A identidade de Curitiba	48
3.2.	Formando uma cultura curitibana	51
3.3.	Planejando Curitiba:	55
3.4.	O Largo e sua história – a área-exemplo	61
4.	O Método	68
4.1.	Pesquisa qualitativa – o que é?	69
4.2.	Os mapas mentais ,conceituais e cognitivos.	72
4.3.	Explicando...	73
4.4.	E para construir?	76
4.5.	Na prática!	78
5.	Análises	81
5.1.	Análises empíricas:	81
5.2.	Os mapas mentais e as entrevistas	88
5.2.1.	O piloto-teste	88
5.2.2.	A 2ª. Etapa	95
5.3.	Os conceitos e as árvores	108
6.	Conclusões	111

6.1.	Concluindo	111
6.2.	Propondo	115
6.3.	Recomendações para futuras pesquisas	118
7.	Referências Bibliográficas	120
8.	Apêndices	124
8.1.	Apêndice 1	s/p
8.2.	Apêndice 2	s/p

Introdução

Não viajo todas as Curitiba, a de Emiliano, onde o pinheiro é uma taça de luz; de Alberto de Oliveira do céu azulíssimo; a de Romário Martins em que o índio caraíba puro bate a matraca, barquilha duas por um tostão; essa Curitiba não é a que viajo. Eu sou da outra, do relógio na Praça Osório que marca implacável seis horas em ponto; dos sinos da igreja dos Polacos, lá vem o crepúsculo nas asas de um morcego; do bebedouro na pracinha da Ordem, onde os cavalos de sonho dos piás vão beber água. (Dalton Trevisan – escritor curitibano.)

A imagem da cidade pode ser apropriada pelo planejamento urbano para que haja uma identificação entre o usuário e os espaços criados? Pressupondo que a resposta a tal questionamento seria afirmativa, resta a questão de como instrumentalizar a ação técnica juntamente com a participação popular. Buscou-se junto à população de uma área-exemplo os subsídios necessários para responder a tal questão e dar suporte aos resultados encontrados.

1.1. Justificativa e relevância

Marcelo Lopes de Souza (SOUZA; 2004), em sua obra “Mudar as Cidades” faz o resgate da elaboração de planos diretores calcados em dois vieses diferentes, aos quais chamou de leituras, visando um planejamento urbano participativo, e que estão enquadradas na ótica do planejamento da reforma urbana e do Estatuto da Cidade (Lei 10.257/2001). Uma diz respeito a todo o escopo de dados e conhecimentos técnicos necessários à elaboração de um plano diretor, conhecimento de técnicos para técnicos, sendo esta a *leitura técnica*, enquanto que a *leitura comunitária* é condizente com a visão da população. Dada a maneira através da qual vêm sendo elaborados os planos diretores no Brasil, a primeira leitura já possui metodologia conhecida e utilizada, e conduziria sempre, se executada somente ela, a planos diretores tecnocráticos e extremamente herméticos, como os que têm sido elaborados. Já a segunda, traria então uma gama de informações de cunho social, permitindo uma relação mais próxima entre técnicos – população – legislação. Nesse sentido:

[...] a questão da memória se torna pertinente, uma vez que, unindo de forma dialética o passado, o presente e o futuro, pode servir para estabelecer formas de vida sem ruptura brutal, respeitando um presente que encontra sua fundamentação no passado. Esse objetivo vale, especialmente, para o estudo do modo como os indivíduos e os grupos se situam dentro de seus espaços de vida e como se ligam a eles – aqui, na cidade (JODELET, 2002, p.31)

Ao problematizar a questão de planejamento e legislação urbanos no Brasil, deparou-se com algumas evoluções que tangem a participação popular, como a aprovação do Estatuto da Cidade em 2001 e a busca dos municípios em regularizarem sua situação face a esse conjunto de instrumentos legais. Mas a

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

prática de um “planejamento de gabinete” ainda é muito presente e a participação acontece ora apenas legitimando o processo decisório, ora, porém com menos frequência, efetivamente acontecendo através da mobilização tanto da população quanto de planejadores conscientes.

A longa tradição de cultivo da vida a partir de uma sociabilidade acordada entre os que se puseram conformes e em convívio na cidade denota estar seriamente abalada diante da perda de significados atribuídos à vida. Suspeito que devamos nos interrogar sobre dois pares de questões – cidade/urbanidade e cultura tradicional/ cultura moderna – para compreender como os elos dessa tradição estão se perdendo. Essa suspeita funda-se na hipótese de que a cidade vai deixando de produzir as imagens cruciais de uma ordem que tem como suportes a urbanidade e a cultura urbana. A não internalização dessas imagens ou a sua substituição por outras é o que talvez permitiria compreender o desbloqueio da ordem urbana e a “irrupção” não só de uma violência inaudita na cidade, mas de uma nova percepção de que a urbanidade não é mais referência de comportamento, paradigma da ordem (PECHMAN, 1997, p. 205).

Afirmar que a cidade é a responsável pela perda de imagens acarretaria em uma personificação demasiada do objeto cidade, e negligenciaria a verdadeira ação dos atores vinculados à planificação urbana. E nesse ponto precisamente, é que pode ser remetida a perda da urbanidade dos espaços planejados em relação ao cotidiano da população. Esse processo leva a um planejamento e desenho urbanos cada vez mais desconexos com a realidade social. O presente trabalho resulta portanto num resgate de conceitos como percepção, imagem, imaginário urbano calcados sempre em um objeto real, uma área exemplo – o Largo da Ordem – Curitiba (Paraná), mas com o intuito de ser um teste-piloto condizente com a proposta de Marcelo Lopes de Souza, instrumentalizando portanto a leitura comunitária. De que maneira?

Buscou-se em autores como Kevin Lynch e Jane Jacobs a gênese para a estruturação conceitual do que seria a leitura da cidade. Assim tentou-se ir além da simples transposição dos conceitos destes autores, aplicando o método de mapas mentais, cognitivos e conceituais, interpretados segundo seus conceitos. Essa maneira de ver a cidade através dos olhos dos cidadãos, mostrou-se ideal para a compreensão do objeto “lugar na cidade” e conseqüente indicação de diretrizes para seu manejo, pontualmente, como nessa pesquisa, mas que poderia ser aplicada a outros estudos em outras escalas. Numa busca pela diversidade de leituras foram utilizados dois métodos diferentes: a entrevista e os desenhos, obviamente sustentados por uma ampla base do referencial teórico. Assim, em ambos foi feito um resgate da imagem percebida, ou seja um paralelo entre a percepção ambiental e a imagem construída.

A questão que se coloca é como interpretar e aplicar essas imagens, obtidas a partir de diferentes leituras no próprio processo de planejamento. Indo além, há uma dificuldade real entre se aplicar a teoria relativa à percepção do espaço urbano e a prática do planejamento efetivamente. A partir da compreensão do conceito de cidade num viés calcado na identidade e no próprio corpo simbólico, as leituras poderão ser resgatadas diretamente junto à população, e a extração de ‘pistas’ poderá ocorrer de maneira mais realista e instrumentalizável.

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

Corpo simbólico, a cidade humanizada pode também, como os indivíduos, ser capaz de apresentar-se como detentora de virtudes ou realizar atos condenáveis, ser portadora de positividade ou vilania. [...] Ou seja, através de discursos e imagens, o homem re-apresenta a ordem social vivida, atual e passada, transcendendo a realidade insatisfatória. Há pois um deslizamento de sentido, uma representação do outro que não é idêntica, porém análoga, uma atribuição de significados que expressam intenções, desejos, utopias, mitos (PESAVENTO, 1997, p. 26).

A imagem urbana pode ser construída e consolidada com o passar do tempo, ou ser “produzida para ser vendida” através do *city marketing*¹. Em espaços tradicionais, como o escolhido, sua consolidação como referencial foi obtida tanto através de sua própria história, relacionada, obviamente com a história urbana de Curitiba, mas ao mesmo tempo através de alguns atos como a incorporação da feirinha², hoje tradicional, trazida de uma outra praça, além de um calendário anual de festas que são realizadas em tal espaço. Assim aos usos vão sendo agregadas imagens consolidadas com o passar do tempo e com a apropriação popular. A cultura curitibana foi sendo assim acrescida de novos valores sobre antigos espaços, de maneira a contribuir para o *slogan* lançado pelo poder público de *terra de todas as gentes e mesmo de capital social*.

Portanto para a construção conceitual do trabalho é necessária também a compreensão do conceito de cultura. Por que? Para que possam ser compreendidas as relações cidadão – cidade, baseados tanto na forma espacial quanto na história dos espaços. Assim discorre-se sobre a formação cultural do curitibano, suas lendas de origem e formação do núcleo urbano, como forma de entender o processo de construção da cidade, ora sobre sua evolução própria ora direcionada.

Esse *direcionamento* na trajetória do desenvolvimento espacial da cidade, chamado então de planejamento foi também um dos conceitos estudados, ora na instância nacional – o planejamento urbano no Brasil, ora na escala local, o planejamento urbano de Curitiba, justamente para que pudesse ser criada uma base de conhecimento sobre as práticas desenvolvidas. Com qual intuito planejou-se a cidade de Curitiba: *city marketing* como preconizado por diversos autores com resultados que alcançaram além da imagem resultados efetivos?

No âmbito da imagem estudada, em relação ao imaginário, delineou-se o conceito de *lugar*, ultrapassando o conceito de espaço físico, e tomando partido juntamente com o conceito de cognição, da apreensão dos espaços pelo homem a partir de seus valores físicos e também psicossociais intrínsecos.

Se as cidades têm perdido seus marcos referenciais ao sucumbir as práticas mercadológicas e ao tecnicismo dos planejadores, delineia-se um novo caminho no imaginário popular sobre o ambiente urbano.

¹ Prática que consiste em trabalhar a imagem urbana para atingir repercussão sobre o planejamento e a publicidade.

² Feira do Largo da Ordem, acontece todos os domingos desde 1973, sendo um símbolo da cultura curitibana.

Justifica-se então a necessidade de instrumentalizar a leitura comunitária no processo de planejamento, buscando maneiras de tornar compreensível e aplicável a visão da população nesse processo.

1.1. Questão de pesquisa

Dado o acima exposto faz-se a seguinte pergunta de pesquisa: como extrair da percepção e das imagens mentais pistas para direcionar o planejamento urbano rumo a uma cidade mais democrática e que permita uma maior apropriação do espaços? Nessa mesma ótica, como orientar a construção e gestão de espaços dentro do todo urbano, sem utilizar-se somente da visão técnica?

1.2. Objetivo Geral

Instrumentalizar a leitura comunitária através de mapas mentais, conceituais e cognitivos. Ao ratificar esse método, sustenta-se o principal objetivo da pesquisa sobre a aproximação cidade planejada e cidade real, técnico e comunidade.

1.3. Objetivos específicos

- Compreender o que é cultura e identidade urbanas;
- Explicitar o processo de formação da imagem e do imaginário;
- Traçar a história da evolução de Curitiba, tendo como enfoque o Largo da Ordem, visando caracterizar esse espaço hoje;
- Utilizar os mapas cognitivos como ferramenta de planejamento urbano, baseados na construção de mapas mentais e conceituais;
- Propor diretrizes de planejamento urbano calcadas na percepção ambiental.³

1.4. Método

Como citado acima, foi escolhida uma metodologia composta basicamente por três técnicas: uma busca pelo referencial teórico com base documental e bibliográfica, a estruturação do modelo de análise para o objeto de estudo na teoria de apoio multicritério à tomada de decisões, ou seja, a estruturação do problema através de mapas cognitivos, construídos a partir de mapas conceituais e mentais, a serem detalhados no quarto capítulo, sobre métodos e técnicas. A escolha pela pesquisa qualitativa demonstrou a busca pela compreensão da subjetividade inerente ao trabalho junto à população e justifica as técnicas e métodos escolhidos. Finalmente através das entrevistas para o reconhecimento dos conceitos em paralelo aos

³ Percepção ambiental, não no sentido comumente utilizado, que tange o meio ambiente, mas ambiente na qualidade de espaço que nos cerca.

desenhos. Assim através da construção das arborescências, e também da análise formal através de princípios delineados por Lynch, puderam ser elaboradas as diretrizes constantes nos resultados do trabalho.

2. Referencial Teórico

Viajo Curitiba dos conquistadores de coco e bengalinha na esquina da Escola Normal; do Jegue, que é o maior pidão e nada não ganha (a mãe aflita suplica pelo jornal: Não dê dinheiro ao Gigi); com as filas de ônibus, às seis da tarde, ao crepúsculo você e eu somos dois rufiões de François Villon. Curitiba, não a da Academia Paranaense de Letras, com seus trezentos milhões de imortais, mas a dos bailes no 14, que é a Sociedade Operária Internacional Beneficente O 14 De Janeiro; das meninas de subúrbio pálidas, pálidas que envelhecem de pé no balcão, mais gostariam de chupar bala Zequinha e bater palmas ao palhaço Chic-Chic; (Dalton Trevisan)

O referencial teórico divide-se basicamente em quatro blocos conceituais: cultura e identidade, notas sobre o planejamento, imagem e imaginário, e o conceito de lugar. A construção de cada um desses itens segue sempre a seguinte ordem: a conceituação teórica, com referência em um ou mais autores, e a seguir a relação desse tópico com o escopo da pesquisa.

2.1. Cultura e identidade

Este item relaciona-se à construção do conceito de cultura, com o intuito de traçar um paralelo entre a cultura e a identidade. Para que? Para que possa ser respondida a pergunta: é possível aplicar esse termo ao planejamento urbano? Através do conjunto de imagens com os quais a população se identifica e identifica como sendo inerente à sua cidade e ao seu viver urbano.

2.1.1. Conceito de cultura:

Este item estará focado em duas partes que se complementam: o que os autores dizem sobre a cultura, o referencial teórico aplicado a esse trabalho e se é possível sua aplicação no planejamento.

Buscou-se um conceito de cultura não hermético, de maneira a contemplar as esferas relativas tanto à vida cotidiana, quanto sua história e lendas, bem como aos fatos que corroboraram para a imagem da cidade e portanto, para o “saber-viver de uma cidade”.

Toda sociedade possui um modo de vida ou, de acordo com a nossa terminologia, uma *cultura*, que define modos apropriados ou necessários de pensar, agir e sentir. (CHINOY, 1978, p. 56)

Cultura é entendida neste trabalho como a expressão de uma sociedade. Cultura e sociedade são conceitos intrínsecos, segundo Ely Chinoy (CHINOY, 1978, p. 52), inventados pelos sociólogos para explicar “[...]as regularidades aparentes da ação humana e os fatos da vida coletiva”. Portanto a compreensão desses

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

conceitos se dá mutuamente. A cultura, sua assimilação e conseqüente disseminação baseia-se então em símbolos. Segundo Charles S. Peirce (PEIRCE,1977), *signo é algo que significa algo para alguém*, ou seja, a cidade está repleta de significações, de histórias, de fatos a serem narrados e constantemente reinventados. A cultura é então para Peirce, um repertório compartilhado de signos por uma determinada população.

De importância central na definição da cultura é o fato de ser ela, ao mesmo tempo, *aprendida e partilhada*. (CHINOY,1978,p.58)

Assim, ao tentar compreender a importância de determinados lugares dentro do todo urbano, busca-se a necessidade da manutenção de alguns traços já presentes nas sociedades e sua conseqüente recriação em novos projetos relacionados ao desenho urbano. O que não significa que novas idéias e imagens não possam ser incorporadas, prática que, se bem desenvolvida, pode trazer benefícios tanto para a cidade vista como espaço físico, quanto para a própria população, como a intervenção feita em áreas degradadas, a citar o SESC Pompéia em São Paulo, obra hoje presente no cotidiano do paulista e constante nas atividades culturais daquela capital. Inaugurado em 1982, projeto da arquiteta Lina Bo Bardi, que readaptou antigos edifícios industriais, contempla auditórios, áreas de piscina, quadras, biblioteca, entre outros em mais de 23.500m² de área total.



Ilustração 1 SESC Pompéia Exterior e Interior (extraído do site do SESC SP)

Percebe-se no Brasil, sobretudo a partir do século XIX um movimento em busca de uma cultura legitimamente brasileira, numa tentativa em *homogeneizar* o perfil brasileiro típico. A ampla gama de características que formaram a sociedade brasileira é que deve ser fundamental no momento em que se pensa sobre a cidade, pois assim, facilita-se o processo de apropriação dos espaços da cidade. A população identifica pontos referenciais (presentes na cultura local) que corroboram para a percepção ambiental. E como pode ser visto o conceito de cultura? O termo cultura vem do latim *colere*, e significa cultivar. (SANTOS; 1986).

A cultura pode ser encarada sob duas óticas: a totalidade de características de uma sociedade ou a totalidade de uma dimensão da sociedade (não material). Que dimensão é essa? O conhecimento. Neste ponto surgem os processos de simbolização sobre o conhecimento adquirido. Segue esquema montado a partir de Santos,(1986):

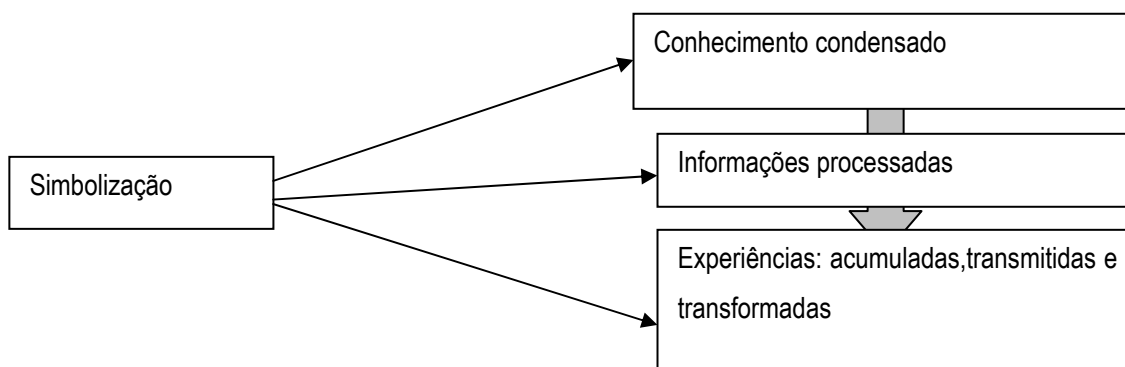


Ilustração 2 Processo de Simbolização , organização nossa.

A partir do termo simbolização percebe-se o processo de formação de símbolos dentro de uma cultura: o conhecimento começa a ser condensado através das práticas e das manifestações, de maneira a ser considerado por todos como algo comum (comum no sentido de compartilhamento). As informações começam então a ser processadas, e mesmo compreendidas por grupos diversos, de maneira a acumular experiências.

Nesse ponto, elas podem começar a ser transmitidas, e mesmo transformadas, com as inserções de novos objetos e as intervenções que redirecionam o transcorrer de tais conhecimentos, ou mesmo lugares.

Ressalta-se um erro comum na tentativa de compreensão da *cultura*, ater-se demasiadamente nas partes ou a visualização da cultura estudada somente como simbólico, faltando a visão de novos caminhos, de um panorama descortinado em avanço, que também faz parte dos aspectos culturais. Nesse ponto encaixa-se também as questões referentes ao planejamento urbano, pois a este cabe não somente diagnosticar o existente para trabalhar sobre problemas encontrados, mas também prever cenários futuros condizentes com o desenvolvimento dos núcleos urbanos.

Portanto cultura é uma construção histórica, porque se baseia num produto coletivo da vida humana, sendo assim, não é algo natural ou biológico. Constitui um território bem atual para as lutas sociais e se encaixa perfeitamente ao contexto urbano.

Tendo compreendido o termo cultura como algo inerente à civilização humana, portanto também intrínseco ao maior artefato já produzido pela humanidade - a cidade, pode-se discernir alguns outros termos referentes à cultura urbana, tanto a cultura popular, da qual pouco será falado, quanto a cultura local. “A cultura é pública porque o significado o é .” (GEERTZ, 1989,p.22)

E a cultura popular? A cultura popular é pensada sempre com relação à cultura erudita, sendo uma manifestação diferente da cultura dominante, estando fora de suas instituições, existe independente delas, mesmo sendo contemporâneas. É o pensamento dominante que decide o que é cultura popular! Toda produção cultural é resultado da existência comum entre as classes, da história coletiva. Partindo de que essa premissa é verdadeira, buscou-se então na produção cultural de um espaço específico a manifestação

justamente da história coletiva, pois dessa história, acredita-se devem ser extraídas as diretrizes balizadoras dos espaços criados e planejados dentro da cidade. Esses significados que tornam a cultura pública, (segundo Geertz), é que devem ser partilhados e aplicados no planejamento, conforme a linha buscada por esta pesquisa.

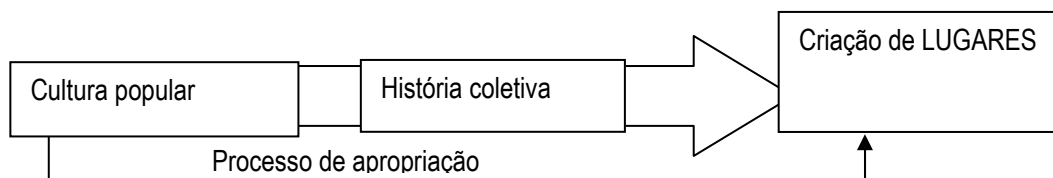


Ilustração 3 Da cultura popular à construção do Lugar – organização nossa.

2.1.2. Cultura urbana e cultura local

Massimo Canevacci, em sua obra “A Cidade Polifônica”, faz referência ao universo urbano, que mesmo degradado (aparentemente) é capaz de produzir sua própria linguagem: “[...] ao menos de um ponto de vista antropológico, tudo é cultura num contexto urbano” (CANEVACCI, 1997, p.36), percebe-se que há uma estreita ligação entre a cidade (meio antrópico), transformado pelo homem e portanto por ele apropriado e sua maneira de viver.

O espaço e a cultura acaba se conformam e se relacionam dialogicamente, permitindo uma evolução no decorrer do tempo.. Esse conceito, extraído de Massimo Canevacci, relaciona-se também como a cidade sendo o lugar do olhar, “Quanto ao contexto urbano que produz uma mutação na sensibilidade urbana, tudo roda em torno de dois conceitos guias, elaborados pelos futuristas: simultaneidade e analogia.” (CANEVACCI, 1997, p.37) Sendo assim, surgem denominações trabalhadas pelo próprio autor: cidade-cultura, cultura-comunicação, a comunicação-urbana. Continuando pelo viés introduzido pelo próprio autor obtém-se que o relacionamento estabelecido com a cidade emerge e é estabelecido sobre a base de recordações – o que estabelece a comunicação dentro do todo urbano como sendo *dialógica e não unidirecional*.

Pode-se extrair que as diferenças culturais pertencem não somente às idéias mas retratam as próprias relações sociais. E o que se entende por cultura? O conjunto designado tanto por manifestações artísticas, as formas de expressão do pensamento, as festas e cerimônias tradicionais, a própria educação e a comunicação de massas. José Luiz dos Santos (SANTOS, 1986) nos traz duas concepções básicas para o termo, buscadas então no trabalho de campo que foi desenvolvido:

- 1.ª Todos os aspectos de uma realidade social
- 2.ª Refere-se mais especificamente ao conhecimento, às idéias e crenças de um povo.

Uma única cidade possui diversas faces, sendo portanto multifacetada. Cada realidade cultural possui uma lógica interna - o estudo da cultura: combate preconceitos e promove o respeito e a dignidade nas relações humanas, advindo de suas histórias intrínsecas. O homem é um ser social, a riqueza das formas de cultura resulta de diversas manifestações e dimensões culturais relacionadas a diferentes classes

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

e grupos. Essa diversidade contribui para a animação dentro do espaço urbano, conferindo aos sítios o conceito de lugar.

A idéia de paisagem e de lugar como transformação coloca em posição central a importância da ação dos homens como sua conformadora principal. Assim, a maneira de analisar os lugares que poderão ser objeto das propostas de intervenção deveria levar em consideração o usuário, em permanente inter-relação com o tempo e o espaço (PRONSATO, 2005, p.117).

Na tentativa de ampliar o conceito de cultura, segue abaixo a definição da UNESCO, sobre a diversidade cultural:

A cultura adquire formas diversas no decorrer do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que a caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é tão necessária para o gênero humano quanto a diversidade biológica o é para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.⁴

Ao falar no plano cultural brasileiro, não se deve perder as seguintes óticas, a população originária de várias partes do mundo, conformada por diferentes classes e grupos sociais e que ocupa e está distribuída em paisagens regionais bem diferentes. Ao se levar em conta essa diversidade pode-se fazer as aproximações necessárias para a compreensão da cultura brasileira.

Breve nota sobre a indústria cultural:

Pode-se falar em indústria cultural? A indústria cultural fala diretamente ao indivíduo, mas com um discurso massificador e criador de novas necessidades. Ela não está imune às contradições da vida social, produzindo conseqüências objetivas na visão do mundo das várias camadas da população, em seus planos de vida, suas maneiras de agir. Percebe-se claramente um paralelo a ser traçado entre a política do *city marketing* curitibano preconizado por diversos autores contemporâneos e a própria indústria cultural - associada à forma de dominação de sociedade, instrumento de conhecimento ligado ao progresso social. Observa-se ainda que as preocupações com a cultura são institucionalizadas e fazem parte da própria organização social.

A indústria cultural, ao gerar novas necessidades re-dinamiza a cultura local, inserindo-lhe elementos exógenos, os quais na maior parte das vezes rompem com as tradições locais, ou ainda, tenta resgatar elementos locais e re-valorizá-los para fazer face a novas tendências. De uma maneira ou de outra tal processo é delicado pois está assentado sobre a fragilidade da cultura no que tange um redirecionamento

⁴ Extraído do site oficial da UNESCO Brasil,

http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/diversidadecultural/index_html/mostra_documento, acessado em 10/04/2006.

muitas vezes prejudicial para sua identidade, como elo de junção e formação da sociedade. A cultura local pode ser animada pela indústria cultural, mas não deve estar atrelada a esta simplesmente; sendo algo maior e da qual devem ser originados os elementos para a indústria cultural e não o processo contrário.

2.1.3 Identidade: o que é?

A identidade pode ser interpretada dentro de diversas óticas, nas mais variadas escalas. Seja ela identidade do indivíduo, de um grupo ou mesmo de um lugar. Quando trata-se da cidade:

Tal como um ser humano, a cidade possui uma identidade que faz com que os indivíduos a reconheçam e se reconheçam nela como individualidade (PESAVENTO, 1997, p.25).

Assim a identidade pode ser constituída como símbolo de modernidade calcada em *slogans* lançados pelo poder público e cada vez mais apropriados e difundidos pela própria população, ou relacionar-se com o espaço estando centrado sobre uma base de recordações, que segundo Massimo Canvenacci, "[...] as rememorações que emergem de uma cidade bem como o relacionamento com ela estabelecido são o que a constituem propriamente." (CANEVACCI;1997;22)

Essa estreita relação entre identidade e cidade, necessita de um maior embasamento relacionado também à idéia de imagem feita sobre o próprio artefato vivenciado. Para tanto segue abaixo a relação buscada entre a diferenciação de imagem e imaginário no que concerne à cidade.

Cidade e Imaginário, palavras de ordens diferentes e, no entanto, estreitamente ligadas no mundo contemporâneo. Imagens cidade disciplinada/disciplinar dos planejadores urbanos e burocratas, a imagem integral e "dura" dos mapas, da fotografia aérea, identificando as diversas áreas de ocupação específica, as vias de comunicação e os diversos serviços urbanos são constantemente contrapostos a percepções parciais, cidades fragmentadas, labirínticas "macias" e moldáveis, onde reina o individualismo irrestrito, a solidão e as relações passageiras, as constantes modificações físicas e visíveis, cidades plásticas, sem durabilidade (BRESCIANI, 1997, p.13).

A identidade portanto é formada também sobre as imagens, relações, crenças, ..., e num processo contínuo por elas passa a ser transformada, em uma evolução constante em que ambos os lados se espelham e influenciam, através de valores agregados com o passar do tempo.

Essas imagens dos planejadores é que deverão ser explicitadas e compreendidas, bem como trazidas para à escala do público usuário para a efetivação do já descrito planejamento participativo e no caminho contrário, as imagens da população devem ser condicionantes na formulação dos planos urbanos. Diversas imagens utilizadas com um único fim: "A conclusão é que o termo imagem se tornava polissêmico." (JODELET, 2002, p.112). Deste ponto surge então a necessidade da compreensão do planejamento, sua função, concepção, e como é possível ser utilizado para a criação de imagens, para a formação da identidade.

2.2. Imagem e imaginário

Qual a diferença entre imagem e imaginário? A intenção é de resgatar cada um desses conceitos para aplicação no contexto urbano.

2.2.1. O que os autores dizem sobre:

Imagem e imaginário estão aqui relacionados ao contexto urbano. Como? Através de uma contemporaneidade que se altera nela mesma, das constantes alterações nos discursos e re-criações de imagens. Interessante perceber que autores como Célia Souza trazem clara a referência de que o passado em si mesmo, não altera o presente - a imagem do que se vive agora (mas o condiciona muitas vezes), sendo o contrário, é o período em que se vive que altera a própria maneira de ver o passado. (SOUZAc, 1997, p.108)

Através dos diversos olhares com que a sociedade a vê, das múltiplas opiniões que ocorrem no seu meio, dos vários conceitos e preconceitos que se estabelecem, dos símbolos que se criam, e também por ser o “lócus” do poder, é que a cidade é a projeção no espaço físico, do *imaginário social* (SOUZAc, 1997, p. 109).

A construção do imaginário é um processo constante, através do contato com o próprio meio sócio-cultural produzido pelo homem, ele interage e reconstrói sua própria imagem. A imagem portanto é sintética, uníssona, possuindo apenas um significado. Ao passo que o imaginário, poderia ser visto como o próprio conjunto de imagens, lido e interpretado pelas lentes da cultura contemporânea. É importante ressaltar a diferença entre os termos, claramente explicitados:

A imagem corresponde à informação solidamente relacionada com um significado que se constrói numa síntese de contornos claros que a faz única e intransferível. A imagem tem um e apenas um significado, corresponde a um dado solidamente codificado no modo de ser daquela sintaxe. É um código urbano e impõe uma leitura e fruição que estão claramente inscritos na cidade como espaço construído. Ao contrário, o imaginário corresponde à necessidade do homem de produzir conhecimento pela multiplicação do significado, atribuir significados a significados; suas produções não são únicas, mas se acumulam e passam a significar mais por um processo associativo onde um significado dá origem a um segundo ou terceiro e, assim, sucessivamente. Pelo imaginário, a imagem urbana – locais, monumentos, emblemas, espaços públicos ou privados – passa a significar mais pela incorporação de significados extras e autônomos em relação à imagem básica que lhes deu origem (FERRARA, 1997, p.194).⁵

⁵ Grifos nossos

A imagem obtida através dos mapas mentais e nas entrevistas é única, apesar de ser a síntese de várias visões sobre o mesmo objeto. Esse é o código buscado, para que possa ser aplicada no próprio planejamento e desenho urbanos. A única ressalva que poderia ser feita à citação acima é que traz a cidade somente como *espaço construído*, expressão à qual poderia ser acrescentada, não somente construído mas também o social. Quando analisado, o imaginário traria o caminho inverso, a construção necessária de significados. Daí surgem as diferentes visões sobre um mesmo objeto, ou diversos objetos, os slogans criados para as cidades, para os bairros, como o La Bocca em Buenos Aires. A grande questão colocada sobre o Bairro La Boca, em Buenos Aires, gira em torno da intervenção ser apenas uma *maquiagem* que não conseguiu re-dinamizar a vida no bairro, a não ser atrair um fluxo maior de turistas, ainda mantendo altas taxas de criminalidade. Tem como focos principais La Bonbonnera - o estádio de futebol e a Rua *El Caminito*. entre outros. Assim a partir de uma imagem inicial, estariam sendo acrescentados outros significados. De maneira associativa, como trabalhado por Lucrecia Ferrara (1996), os significados vão se complementando (ou não) contribuindo para uma complexidade imagética.

Como exemplo, segue abaixo uma série de campanhas criadas afim de promover Curitiba, inclusive desenvolver o orgulho de ser curitibano, as imagens sobre a cidade são constantemente recicladas:

1970	Cidade Modelo – Capital Humana
1980	Capital da Qualidade de Vida
1990	Capital Ecológica
2000	Gestão urbana associada à Qualidade de vida

Tabela 1 Imagens de Curitiba - extraído de Rosa Moura, (MOURA, 2001,217).

A cidade torna-se o lócus do imaginário, pela própria gama de intervenções pelas quais remodela-se ora espacialmente, ora discursivamente. Todos os objetos são construídos dentro do tempo e do espaço, e para tanto, a leitura deve proceder a esta busca pelo momento presente, buscando uma “regularidade percebida nos fatos.” (SOUZAb, 2004, p.222)

Ao buscar aplicar mais especificamente à cidade, encontrou-se em Lynch (LYNCH, 1997) a fundamentação necessária para a construção da Imagem Ambiental, a ser descrita no próximo item.

Segundo Lucrécia Ferrara (FERRARA, 1996), em sua obra *As Cidades Ilegíveis*, a percepção ambiental pode acontecer de duas formas: tanto visual quanto informacional. A visual relaciona-se aos elementos distintivos: cor, forma, textura, volumes, limites e localização. Já a informacional, relaciona-se à criação de signos, precisando de um tempo maior para sua leitura. Segundo a autora, *a complexidade da cidade como objeto de pesquisa necessita de criatividade*, cada pesquisa é única em percepção ambiental informacional:

A rejeição de modelos teóricos ou de métodos prefixados não equivale ao empirismo ingênuo [...] A procura da realidade é operacional: busca-se a linguagem da cidade, as representações de valores, os hábitos e as expectativas construídos pela vida diária e

dispersos em marcas e sinais que passarão esquecidos ou inadvertidos, se não forem resgatados pela observação atenta do pesquisador. (FERRARA, 1996, p. 66).

2.2.2. Imagem ambiental - é possível aplicar ao planejamento?

[...] a cidade não se confunde com o discurso da sua leitura, que cria uma inteligibilidade urbana. (FERRARA, 1996, p.67).

Ao trabalhar com o conceito de imagem ambiental, Lynch, faz referência à sua decomposição em três elementos básicos: identidade, estrutura e significado. (LYNCH, 1997, p.9). Quando trata-se de significados em relação ao ambiente urbano, a questão tornar-se mais complexa. “as imagens grupais de significado tendem a ser menos consistentes nesse nível do que as percepções de identidade e relação. Além do mais, o significado não é tão facilmente influenciado pela manipulação física como esses outros dois componentes.” (LYNCH, 1997, p.10). Nesse âmbito, é necessário buscar a clareza física do ambiente urbano, aliado a uma busca por significados que desenvolvam-se independentemente, sem a intervenção direta dos técnicos. Separar significado e forma torna-se difícil, portanto a análise buscada estará centrada mais na estrutura e na identidade do objeto (do mesmo método utilizado por Lynch). A imagem é a combinação de todos os sentidos, postos em operação. É importante trabalhar com imagens reais, que constituem o imaginário coletivo urbano e não apenas as intenções criadas discursivamente, que geram um imaginário baseado em falas lembranças.

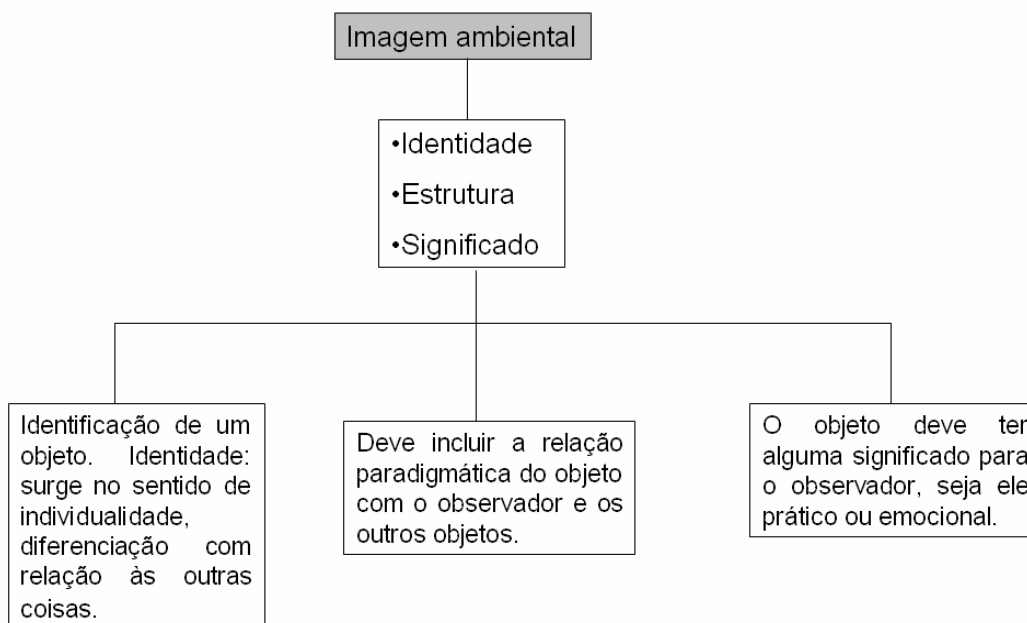


Ilustração 4 Imagem ambiental (Lynch, 1997, p.9), organização nossa.

É esse imaginário encobridor que, substituindo o real pela fantasia, constitui o ponto de partida para a construção de falsas lembranças impedindo que as possibilidades oferecidas pelo real e exploradas. (PRONSATO, 2005, p.119).

Justamente essas falsas lembranças, muitas vezes presentes ou incutidas pelo discurso oficial é que devem ser re-trabalhadas, buscando mais uma vez, aquilo que Lynch delineou nos três conceitos: identidade, estrutura e significado. “Cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados.”. (LYNCH, 1997, p.01)

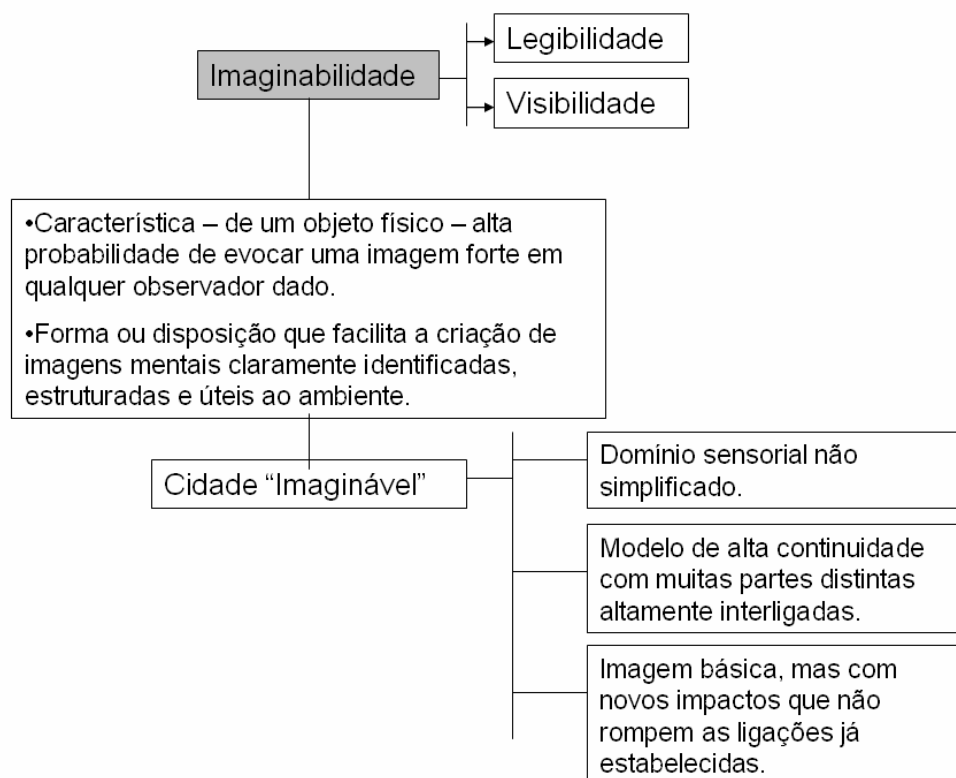


Ilustração 5 Imagem ambiental, (Lynch, 1997, p.11-12)

Organização nossa.

Imaginabilidade relaciona-se com legibilidade e visibilidade. Esses conceitos são cruciais para aplicação tanto no planejamento quanto no desenho urbano, a citar os bairros novos criados, como o Parque da Nações (construído para a expo 98) em Lisboa, ou a Vila Olímpica em Barcelona, que re-dinamizaram o turismo nessas cidades. Outro exemplo interessante é a inserção do museu de Bilbao, uma inserção que propiciou à cidade um incremento real através do turismo. Mesmo Paris, uma das capitais mais visitadas no mundo trabalha constantemente com o conceito de *cidade imaginável*, sempre com novas imagens ora impactantes, Centre Georges Pompidou, Arc de la Defense, Parc e La Villette, ora em harmonia com sua

própria estrutura, como as edições da Paris Plage, todas com alto apelo sensorial, embora algumas delas sejam temporárias. Trazendo para o plano brasileiro, podem ser citados os projetos executados no Rio de Janeiro.

A partir de 1992, a cidade do Rio de Janeiro, vem passando por uma renovação urbana sem precedentes, baseada em dois grandes programas: o Rio-Cidade e o Favela-Bairro. O Rio cidade busca combater o uso ilegal do espaço e restaurando, sobretudo, as praças e as vias centrais dos 19 bairros onde foi realizado, requalificando áreas públicas. Já no projeto Favela- Bairro a estratégia é de resgatar as peculiaridades das favelas, re-valorizando seus espaços, sem haver re-locação da população, e inclusive buscando maior integração com os bairros vizinhos, estando em vigor desde 1994.



Ilustração 6 Projeto Rio Cidade Leblon⁶

Ilustração 7 Projeto Favela-Bairro favela do Fubá-Campinho⁷

Segundo o mesmo autor, o papel social da paisagem está na possibilidade de oferecer material para as lembranças e símbolos comuns que “[...] unem o grupo e permitem que seus membros se comuniquem entre si.”(Lynch, 1997, p.143) o papel da forma física no processo de percepção é muito grande. Os ambientes podem atrair ou repelir, e mesmo facilitar sua organização ou distinção, estando vinculados à capacidade humana de memorizar materiais associados ou desconexos.

⁶Guto Índio da Costa

foto: George Unterman ARCOweb - Urbanismo - Anos 90.htm, acessado dia 10/02/2006.

⁷Jorge Mário Jáuregui

foto: J.T. Tardolin / Aerocolor - Rio ARCOweb - Urbanismo - Anos 90.htm, , acessado dia 10/02/2006.

Formando a imagem mental...

Ultrapassar a fronteira das diferenças individuais, para atingir as imagens públicas: imagens mentais comuns a vastos contingentes de habitantes de uma cidade.

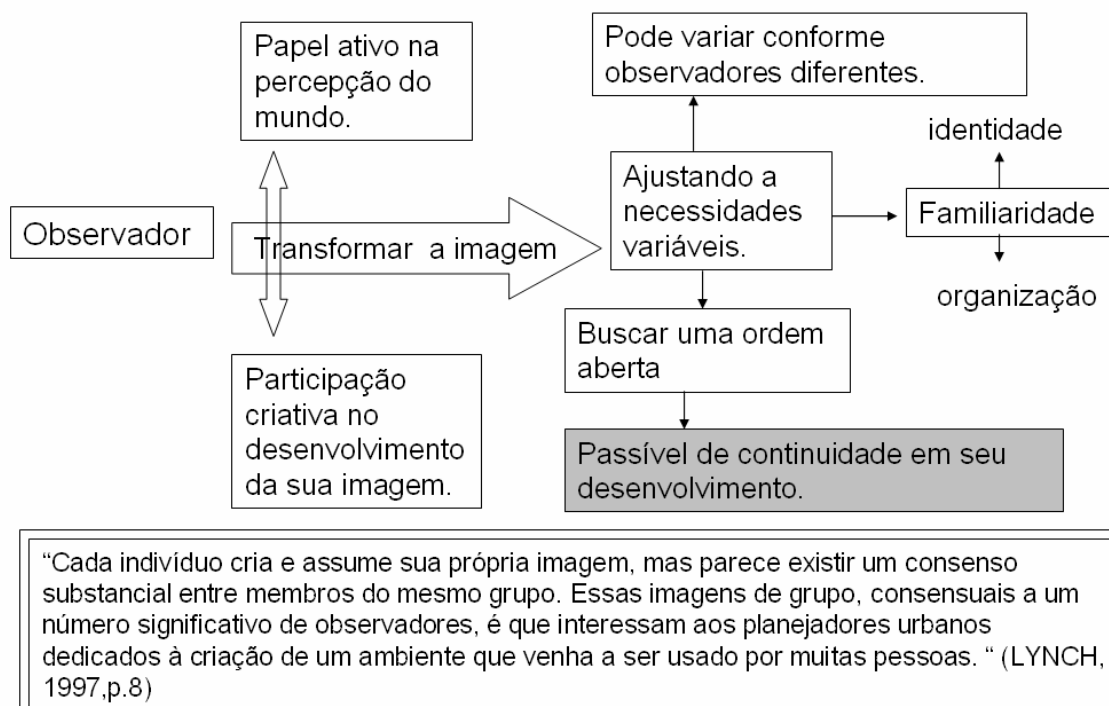


Ilustração 8 Formando a imagem mental

Fonte: Lynch, 1997 - organização nossa.

A imagem mental, portanto, pode contribuir para a formação as imagens públicas. Imagens públicas referem-se à soma das diversas imagens individuais, e que a partir da apropriação tornam-se públicas porque compartilham os significados, não no sentido daquelas vinculadas pelo poder público. Cada indivíduo (observador) transforma a imagem, através de sua percepção ativa no mundo (percepção individual e sua participação no desenvolvimento da imagem) beirando a familiaridade gerando a *identidade*, através da organização da *estrutura*. Essa dinamicidade, que varia entre observadores, está numa constante busca aberta a novos *significados*. Esse processo permite uma continuidade no desenvolvimento da imagem, ou seja, um constante agregar de valores que lhe é intrínseco. Varia de observador para observador, pois é filtrada pelas experiências individuais e pelo conhecimento adquirido por cada cidadão sobre o objeto cidade, bem como suas relações com o espaço que lhe cerca – relações de familiaridade, que como mostrado no esquema acima baseia-se em organização e identidade. Notar que os termos em *italico* são as três componentes básicas da imagem ambiental. E de que maneira esse processo pode ser instrumentalizado? O método aplicado por Kevin Lynch, consistiu em uma entrevista com uma pequena amostra de cidadãos sobre a sua imagem do ambiente e um exame sistemático da imagem mental suscitada em campo em observadores experimentados, ambas visando o conceito básico de imaginabilidade.

Contudo, no que diz respeito às conexões e à organização geral, surge uma divergência importante entre as duas fontes. As conexões conhecidas mais importantes persistem nos esboços, mas muitas outras podem desaparecer. Talvez as dificuldades de desenhar e ajustar tudo simultaneamente tornem esses mapas esquemáticos extremamente fragmentados e deformados. (LYNCH, 1997, p.167).

Dois problemas foram levantados pelo autor, tanto o tamanho da amostra, quanto à sua categorização em classe, tendendo a ser adultos da classe média, sem haver uma grande abrangência social. Mesmo assim, as conclusões obtidas apontam para uma validade do método, pois as hipóteses puderam ser ratificadas. Mesmo assim, em tratando-se de uma pesquisa qualitativa, havendo uma coincidência e repetitividade nas respostas a pesquisa é validada, porque passa a simbolizar a visão de vários grupos.

Sendo as cidades usadas por muitos grupos de pessoas, torna-se importante compreender de que modo os diferentes grupos principais tendem a imaginar seu entorno. (LYNCH, 1997, p.181).

Pode-se traçar um paralelo com Sylvia Pronsato, pois a autora traz que a efetivação da cidadania pode ser obtida através da imagem ambiental coletiva, conceito este permeado pelo efetivo direito à cidade e aos laços que se formam entre cidadão e espaço construído, e mesmo entre os cidadãos. Para obter-se essa efetivação da imagem ambiental coletiva é necessária a compreensão das relações que unem a comunidade ao lugar.

[...] a relação entre a comunidade e seu ambiente, vista como um processo dinâmico permeado de afeto pelo lugar e ligado às lutas pelos direitos de cidadania. (PRONSATO, 2005, p.32).

Notar que a autora usa termos como *afeto ao lugar e ligado às lutas*, essas relações somente podem ser criadas quando há uma leitura espacial, com sua conseqüente assimilação, através do mesmo processo de simbolização cultural já trabalhado.. Para tanto será necessária uma abordagem sobre o termo cognição, como o sistema cognitivo estabelece contato e assimila as informações que vêm do meio. A tentativa de aplicação de um planejamento mais consciente da realidade busca uma reorganização de sua própria ordem estrutural:

Le système de decisión n'est plus structuré selon un ordre hiérarchique avec un centre qui vote la loi, conçoit les normes techniques et réglementaires, et élabore les politiques et une périphérie qui en négocie la mise en oeuvre. Il est devenu polycentrique car les acteurs apparaissent comme autant des centres autonomes de decisión et aucun d'entre eux, pas même les administrations publiques, ne peut incarner à lui seul la collectivité ou l'intérêt general. (NOVARINA, 2007, p.53)⁸.

⁸ "O sistema de decisão não é mais estruturado segundo uma ordem hierárquica com um centro que vota a lei, concebe as normas técnicas e regulamentares, e elabora as políticas de uma periferia que negocia e a aplica. Tornou-se

Nesse ponto se faz necessária a efetivação da ação popular no processo de planejamento. Como dito por Gilles Novarina, as administrações públicas não podem centrar nelas mesmas o sentido de coletividade ou mesmo tomar como seu o interesse geral. Como se dá a passagem do legal para o real? Há uma correspondência clara ou tais conceitos deveriam ser revistos?

Para garantir a sustentação local da imagem, o modelo faz uso de um discurso, supostamente racional e neutro, pautado numa ideologia simplificadora, tecnicista e redutora da dimensão política da produção cotidiana do espaço. (MOURA;2001;p. 218).

Ao se trabalhar com Richard Sennet, percebe-se a importância do espaço público, da cidade, no que concerne a configuração das próprias relações humanas, e indo além do próprio perfil da população, deste ponto resultando a necessidade da máxima interação entre a cultura e o planejamento. Segundo o autor, o crescimento das cidades ocasionou a perda de seu centro, fazendo com que as pessoas dependam umas das outras para entenderem seu próprio eu (SENNET;1998). Então é nas cidades cosmopolitas, nas capitais que ocorre a verdadeira perda de si mesmo através da instituição de uma cultura pública. Quando há um forte senso de vida pública, ocorre na sociedade o senso do coletivo partilhado que na verdade, deve ser o intuito dos planejadores:

O verdadeiro problema dos planejadores urbanos hoje não está em 'o que fazer', mas em 'o que evitar'. A despeito dos alarmas que soam nos laboratórios de psicologia social, os seres humanos têm potencialmente um verdadeiro gênio para a vida de grupo sob condições de apinhamento[...] Numa palavra, quando o planejamento das cidades procura melhorar a qualidade da vida tornando-a mais intimista, o próprio senso de humanidade do planejador cria a própria esterilidade que ele poderia estar querendo evitar. (SENNET, 1998, p.379-80).

O termo esterilidade trazido pelo autor encaixa-se a muitas das cidades contemporâneas. Espaços estéreis, vazios, muitas vezes esteticamente interessantes, mas que não possuem atratividade suficiente para desenvolver a vida urbana. Constituindo muitas vezes cenários.

Indo além e pinçando alguns conceitos mais de Rosa Moura, afim de garantir a imagem e lhe dar suporte, o discurso mostra-se racional e neutro, ideologicamente simplificador, tecnicista e redutor da dimensão política da produção cotidiana do espaço. (MOURA, 2001, p. 218).

A imagem urbana construída transforma o imaginário da cidade, instalando no nível da consciência social, o desejo de uma 'nova cidade', que se sustenta na veiculação de uma paisagem urbana articulada com um novo imaginário social. (MOURA,2001, p. 215).

policêntrico porque os atores aparecessem como centro autônomos de decisão e nenhum entre eles , nem mesmo as administrações públicas, não podem encarnar nelas mesmas, a coletividade ou o interesse geral. “ Tradução nossa.

2.3. O sistema cognitivo

O homem constrói a sua volta um “cenário” que passa a ser o reflexo de seus próprios atos ou o reflexo dos comportamentos sociais a serem tomados. Assim a partir da vivência sobre determinado espaço, ou mesmo do contato sinestésico, é acionado o sistema cognitivo que contribuirá para que seja feito um desenho, uma imagem de tal espaço. A leitura visual procede sobre as informações colhidas portanto da seguinte maneira:

O sistema cognitivo humano processa a informação que provém fundamentalmente do meio, seja físico ou social, que é a realidade que envolve o indivíduo. Tanto o meio físico quanto o meio social possuem propriedades e regularidades intrínsecas e incluem acontecimentos altamente significativos, que constituem unidades cognitivas básicas. O desenho psíquico especificamente humano incide sobre as propriedades, relações e acontecimentos do meio, mas somente na medida em que resultam significativos para um sistema cognitivo. (SOUZAb, 2004, p.229)

Ao traçar um paralelo com o simbolismo contido nos lugares, conceito já trabalhado, resgata-se a importância da consolidação da imagem através de referenciais já percebidos e incorporados ao próprio imaginário coletivo.

Diz-se que o material simbólico é potencialmente significativo quando pode ser relacionado de forma substantiva e não arbitrária, a uma estrutura cognitiva hipotética que possui antecedentes, isto é, conteúdo ideacional e maturidade intelectual. Desde que o significado seja fenomenológico, o material aprendido deverá ser relacionado a estrutura cognitiva particular do ser que aprende. (SOUZAb, 2004, p.262)

E como definir o processo de cognição? (para maiores informações buscar SouzaB, 2004, p.217-8) Faz-se necessário trazer algumas definições, por exemplo, no âmbito dessa pesquisa a cognição é o processo através do qual o mundo de significados tem origem para o ser. E quem é o ser? Nesse caso o ser humano, que situa-se no mundo estabelecendo relações de significado e atribuindo significados à realidade que encontra.

Ao cruzar o conceito de cognição acima proposto ao método que foi utilizado, obteve-se a mesma sequência de passos efetuada por Kevin Lynch (1997). Se para situar-se no mundo tem-se que estabelecer relações de significado, estes foram buscados diretamente no objeto estudado, as avaliações subjetivas foram extraídas diretamente dos elementos de campo. A partir disso, buscou-se atribuir significados à realidade encontrada, quer através dos desenhos, quer através das entrevistas, com uma pequena amostra. Esses métodos foram todos explicitados no capítulo número quatro, referente aos métodos e técnicas.

E o que são *Significados*? Não são entidades estáticas, mas pontos de partida para a atribuição de outros significados. E a estrutura cognitiva? É o ponto de ancoragem e derivação de outros significados. E como aplicar isso ao desenho urbano?! Segundo Lynch, “[...] a análise da forma existente e de seus efeitos sobre o cidadão é uma das pedras angulares do design das cidades e com a esperança de que algumas

técnicas úteis de reconhecimento de campo e entrevista com cidadãos pudessem ser desenvolvidas como subprodutos.” (LYNCH, 1997, p.17) Daí a necessidade de buscar os elementos da tabela abaixo como fatores de análise para a construção dos conceitos afins ao presente trabalho.

Segue abaixo tabela adaptada de (SOUZAb, 2004, p.425-6), no que concerne o conjunto total de inter-relações estabelecidas a partir da informação simbólica, com relação às suas fases, no caso aplicados aos ensino, mas que podem ser remetidos à leitura urbana:

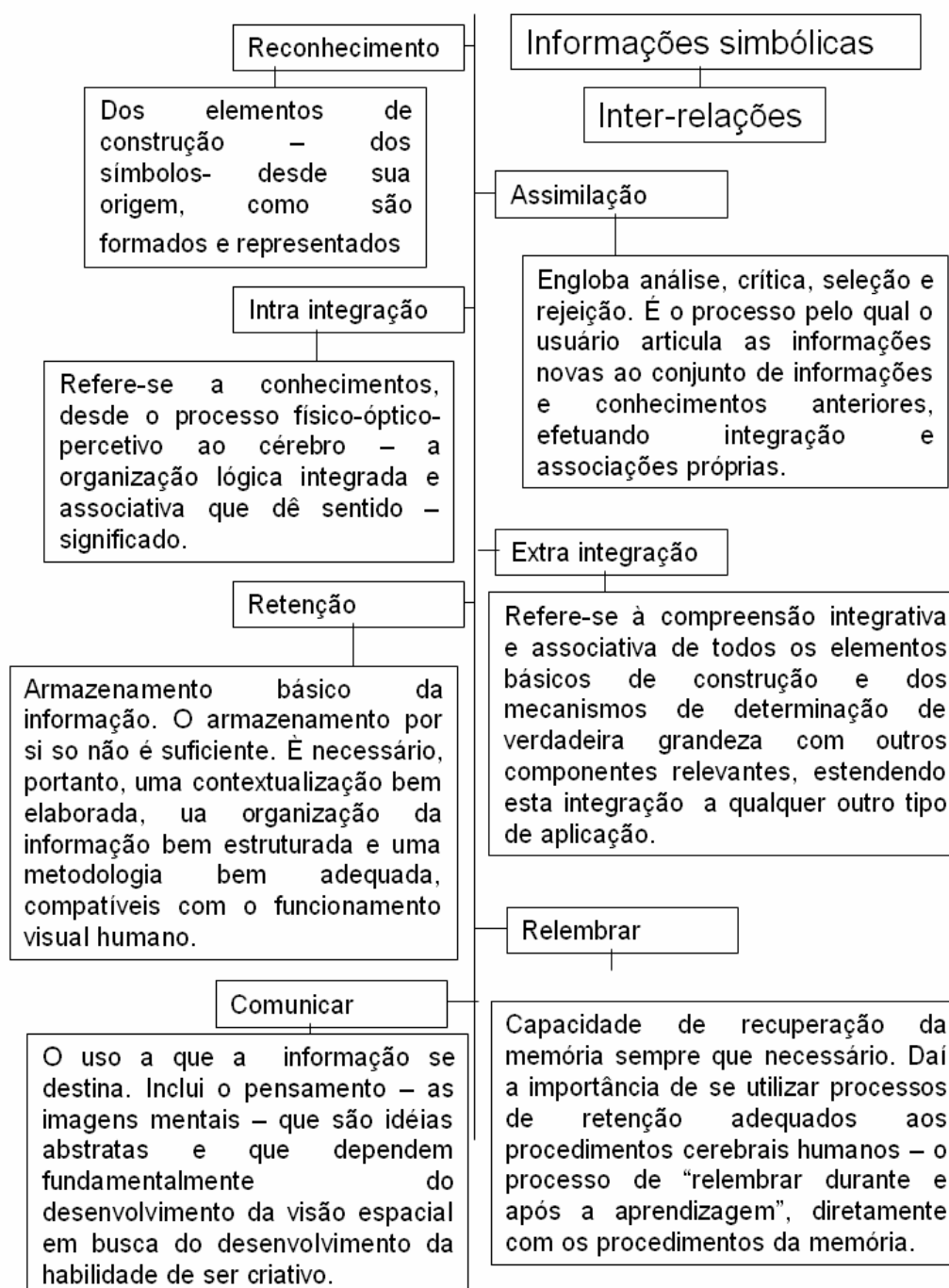
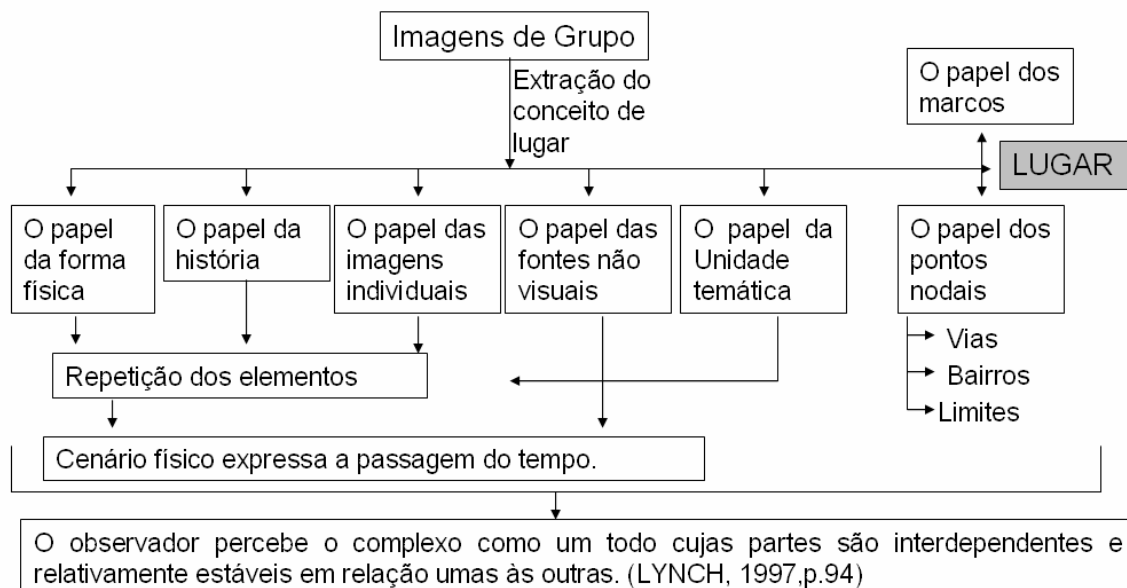


Ilustração 9 Inter-relações entre informações simbólicas

Esquema: nosso

Os conceitos acima propostos serão etapas constituintes da leitura e análise dos mapas obtidos na pesquisa de campo, juntamente com as qualidades da forma espacial, que serão trabalhadas mais adiante e com os já citados Identidade, Estrutura e Significado. Ao buscar uma integração entre esses conceitos chegou-se ao seguinte esquema, segundo o qual são formadas as imagens de grupo:



IMAGES SÃO MUTÀVEIS

Cada imagem individual é única e possui algum conteúdo que nunca ou raramente é comunicado, mas ainda assim ela se aproxima da imagem pública que, em ambientes diferentes, é mais ou menos impositiva, mais ou menos abrangente. (LYNCH, 1997,p.51)

Ilustração 10 imagens de grupo

Fonte Lynch (1997) - esquema: nosso

O conceito de lugar pode ser extraído das imagens de grupo a partir da seguinte linha de raciocínio. O papel da forma física influencia o processo de apreensão visual, juntamente com o papel da história (muitas vezes disseminada pela oralidade) mais o papel desenvolvido pelas imagens individuais, através da repetição dos elementos registrados nos desenhos e nas entrevistas coletadas no trabalho de campo. O cenário físico expressa, nele mesmo, a passagem do tempo, logicamente incluindo os elementos anteriores e mais três itens: o papel da unidade temática, o papel dos pontos nodais, afinal o objeto de estudo (nesse caso) é um antigo entroncamento de vias, acrescentando o papel dos marcos, e pelas entrevistas obtidas eles realmente são coincidentes. Foram excluídos as vias, os bairros e os limites dessa análise, por ser um ponto específico de dimensões físicas reduzidas se comparado com o contexto urbano da cidade escolhida. Seguindo a análise nota-se que o papel desenvolvido por cada um desses itens ratifica a imagem individual e

a aproxima da imagem pública, sendo esta obviamente, mais abrangente, imagem pública no sentido de imagem compartilhada pela população, não se referindo àquela vinculada pelo poder público.

Uma paisagem modificada pelo homem não é portanto, uma paisagem antinatural, mas uma paisagem cultural que deve atender tanto a critérios funcionais quanto estéticos. Assim sendo, não pode ser planejada de acordo apenas com prioridades econômicas rigorosas que levam à perda dos valores ambientais para, posteriormente, ser embelezada, num ato de redenção estética, pela inserção de elementos românticos pseudonaturais. (JACOBS, 2000:07)

2.4. lugar

O que vem a ser lugar?! No escopo deste trabalho, a idéia é utilizar o conceito de lugar para o planejamento urbano, ou seja, construir lugares ou mantê-los, seguindo então sua definição no item 2.4.1.

2.4.1. lugar - o que os autores dizem sobre:

Por *lugar* entende-se um espaço físico apropriado e transformado pelo homem (KOHLSCHÖR, 1996). Este conceito pode, portanto, ser abrangente, englobando tanto locais públicos quanto privados, espaços abertos ou fechados, de grandes ou pequenas proporções, etc. porém sempre filtrados e permeados pelo viés social, como acima trabalhado na relação cultura e sociedade.

[...] se o ambiente for visivelmente organizado e nitidamente identificado, o cidadão poderá impregná-lo de seus próprios significados e relações. Então se tornará um verdadeiro lugar, notável e inconfundível. (LYNCH, 1997, p.102)

Quando planejados e construídos tendo como enfoque o homem, os *lugares* traduzem a civilidade, o sentimento de ser cidadão. Possuir o seu lugar é uma necessidade inerente ao ser humano, quer esteja ligada à noção de abrigo, de proteção, de lar, quer esteja relacionada a sua posição dentro da sociedade. Segundo Ruano, (RUANO, 1999), trabalhando com a sustentabilidade em seus mais diversos níveis nos traz a idéia da dimensão social, “Os laços sociais são provavelmente o bem mais valioso que tem as sociedades humanas, e sem dúvida, são cruciais para nossa sobrevivência como espécie”. Entretanto, sem entrar na discussão sobre sustentabilidade, buscou-se exemplificar que a dimensão social permeia todas as esferas que tangem os estudos urbanos.

Segundo Cristina Freire (FREIRE, 1997), ler uma cidade é fazê-lo através de seus testemunhos, seu patrimônio, compreendendo seus espaços e/ou artefatos como páginas escritas, signos capazes de promover os mais variados significados no decorrer do tempo, voltados para os mais diversos intérpretes. Aqui recorre-se mais uma vez à teoria semiótica *peirciana*, na qual *signo é algo que significa algo para alguém*. Os períodos históricos sobrepuseram-se, negando ou complementando seus antecessores, assim acontece a própria construção do conceito de lugar. “As coisas não estão no tempo, mas são impregnadas

por ele, caso contrário, nada envelheceria.”(FREIRE, 1997,p.120) essa noção de espaço como uma sucessão de tempo facilita a compreensão da evolução natural dos espaços e a conformação da paisagem no âmbito urbano e muitas vezes o papel do técnico-planejador como:

Trata-se de discutir a conformação da paisagem nas cidades, o espaço público, entendendo que o arquiteto não deve ser uma mão sem cabeça, um mero técnico que cumpre objetivos por ele não compartilhados ou refletidos, nem um profissional ditador que determina por si só o desenho dos espaços. (PRONSATO, 2005, p.25).

Colocam-se abaixo alguns pontos trabalhados por Zeny Rosendahl⁹: a cultura é um elemento de diferença, que configura a criação dos lugares como sendo um ato social. Portanto, os lugares diferem porque as pessoas assim os construíram, definindo lugar - como um fenômeno inter-relativo, passível de ser compartilhado e repassado ao outro. Portanto ao se construir ou melhor, ao buscar efetivar o conceito de lugar, compreende-se que este é um ato social, portanto deve ser ratificado e aceito pelas pessoas que o construíram, baseados sobre a cultura e passível de ser repassado.

2.4.2 Captar o senso de lugar:

Através de um distanciamento do habitual, ou seja, livrar-se dos conceitos pré-concebidos que dificultam a própria leitura urbana, pode-se buscar uma participação mais efetiva da comunidade na tomada de decisões resgatando em seu imaginário fragmentado, anseios e expectativas relacionadas ao meio. Isso torna-se mais evidente tanto no caso de pesquisadores quanto de técnicos que possuem uma relação estreita com o local estudado, pois devem minimizar o *filtro pessoal* que já possuem sobre o artefato estudado.

Muitas vezes um usuário vê, no espaço, significações que um arquiteto não vê e vice-versa. [...]. O diálogo, a consciência do outro e das transformações recíprocas que podem ser provocadas constituem uma mudança de atitude interativa. (PROSANTO, 2005, p.49)¹⁰.

Como já trabalhado o sentimento de pertencer a um lugar leva ao sentimento de ser cidadão, cidadania acontece através de um exercício contínuo de participação, numa constante observação de causas/conseqüências, minimizando assim a dicotomia que surge entre espaço sócio-cultural e espaço natural, pois ambos são complementares e juntos formam um único sistema: o ecossistema urbano. Esse conceito de ecossistema urbano, até então não havia sido trabalhado, mas aplica-se à cidade como um todo, ou a seus micro-ecossistemas todos baseados na relação homem-meio, homem-homem e meio-meio,

⁹Profº drº Zeny Rosendahl (UERJ) – 2º Mesa Redonda - cultura, Turismo e identidade; in VI ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Fortaleza, 2005.

¹⁰ Junto com arquiteto, ler urbanista, técnico.

(FRANCO,2001), sendo que as ações cotidianas têm papel crucial na manutenção desses espaços não como valor de troca, mas como valor de uso.

Os usuários dos lugares e paisagens, que contribuem também para a sua conformação, por meio de suas ações cotidianas têm, muitas vezes, um sentimento de não-pertencimento a seus lugares de vida, como parte, em minha visão, da alienação gerada, em ultima instancia, pela economia política que prioriza o valor de troca desses lugares sobre o seu valor de uso. (PROSANTO, 2005, p.138).

O “senso do lugar” pode ser captado de diversas maneiras, seja através de entrevistas, mapas mentais ou mesmo fotografias (FERRARA,1997), ambos capazes de retratar a apreensão popular indo além da dita imagem folclórica e mesmo da simples realidade objetiva, compondo um verdadeiro panorama entre o eu e o outro. O espaço intra-residencial é o espaço do eu, individuo, portanto passível de cuidados e transmitindo a imagem de proteção. Já o espaço público, quando em área degradada não traduz o coletivo, restando ao abandono, pois imagina-se que é ao poder público que cabe sua manutenção. Em áreas de interesses especiais, sejam centro históricos, de preservação ambiental, interesse cultural, etc. mesmo que a relação de uso seja estreita entre o usuário e o espaço, baseada em lembranças e recordações, a sua manutenção é legada para ao poder público. Dessa maneira, muitas vezes acaba-se ratificando uma visão oficial dentro de uma visão participativa, mas na qual a população surge como mero elemento de manobra, por falta de subsídios de participação, ou mesmo falta de interesse, ou de conhecimento sobre como dar sua contribuição.

A participação efetiva acontece quando da disseminação da consciência da importância da ação no campo decisório.

[...] a participação formal tem um projeto institucionalizador enquanto a participação real tem um projeto transformador. Neste ultimo aspecto, penso que, para que um projeto possa ser transformador, são necessárias, alem da participação, outras instancias políticas. (PRONSATO, 2005, p. 123).

A cidade, sendo estrutura de informação e comunicação (FERRARA,1997), deveria promover o sentimento de “pertencer” do ser atuante, para a promoção da cidadania não como conceito de discussões políticas, mas como instrumento de ação popular, resultando de respostas concretas para os anseios e expectativas da população, baseado em um espaço tanto ambiental quanto histórico-cultural.

A intenção agora é a de traçar um paralelo entre as funções trabalhadas por Cristina Freire (1997), sendo estas três funções básicas articuladas pelas representações sociais em duas óticas: do desenvolvimento psíquico e da possibilidade da vida em sociedade; elas são: a função cognitiva, de integração da novidade, a interpretação dessa realidade e os comportamentos e condutas relacionados a essa rede simbólica, com as idéias expressas por Pronsato no seguinte trecho:

Isso porque a paisagem expressa, em cada momento histórico, a infra-estrutura econômica, e a estrutura social e política do espaço. Mas, já que as instancias que dão

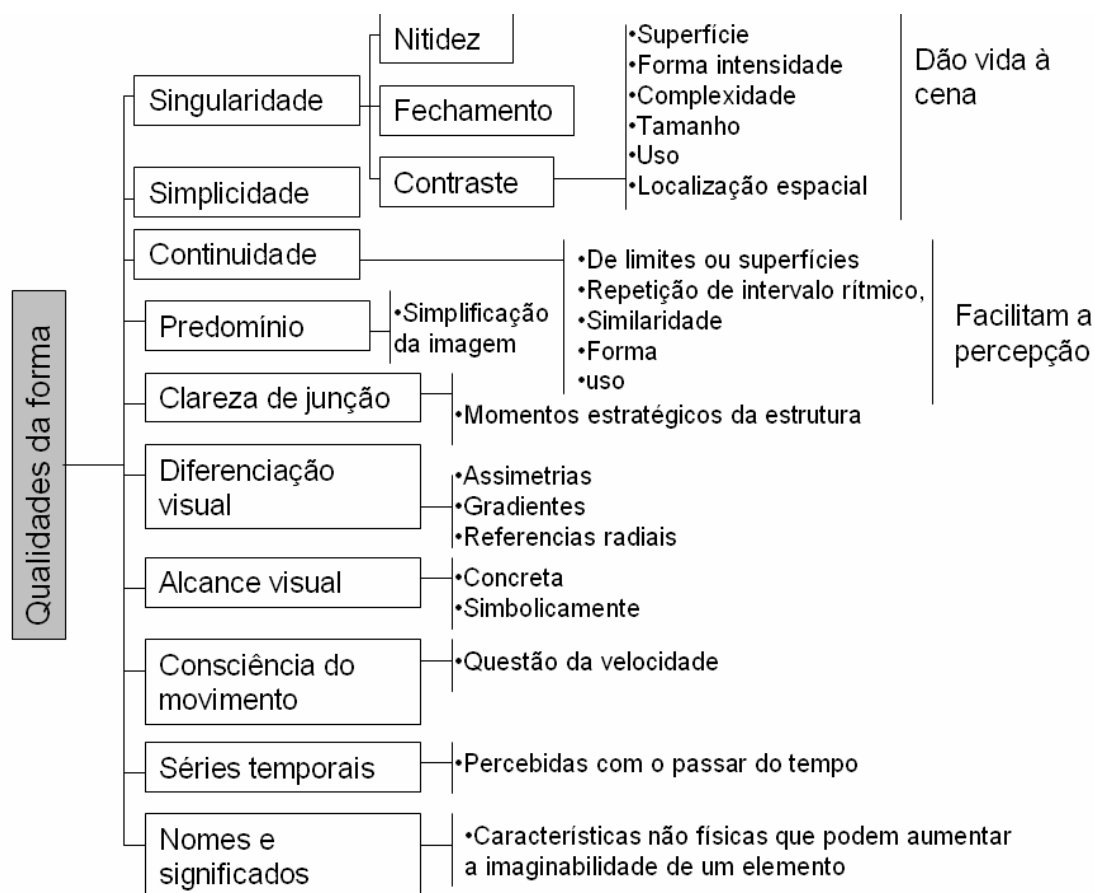
suporte ao sistema social, político e econômico tentam reproduzi-lo e mantê-lo, tenderão, também, a manipular as representações das paisagens com o objetivo de perpetuar a dominação de um pequeno setor privilegiado sobre a maioria da população. (PROSANTO, 2005, p.118).

Nota-se então a complexidade do termo paisagem urbana, que ora expressa o ecossistema urbano acima citado, quando explicita a estrutura sócio-histórica que a constituiu, ora os interesses político-econômicos, que buscam, geralmente, uma manipulação das representações da paisagem criando muitas vezes cenários, vazios de dinamicidade urbana. As funções então cognitiva, de integração e de interpretação estariam fadadas a *perpetuar a dominação* como na citação.

Mas a dimensão física do lugar também contribui para a percepção ambiental, Kevin Lynch (1997) chamou de qualidades da forma um conjunto de características passíveis de serem combinadas para a construção de novas imagens urbanas, ou de modo contrário, compreender as imagens de espaços reais para materializar aquilo que está contido no campo das idéias. Esses conceitos serão retomados mais adiante quando da análise real dos desenhos obtidos.

Cada pessoa forma uma imagem mental interna de um cenário. Quando o indivíduo internaliza uma cena esta é expressa nos seus próprios termos, de forma que mais tarde seja capaz de trazê-la a sua mente com maior riqueza de detalhes. Hoje há quase que um consenso que a motivação para aprender e a construção estruturada do conhecimento é uma característica muito pessoal(SOUZAb, 2004, p.289).

Portanto, ora partindo-se das imagens existentes para a re-criação dos lugares, ora de lugares existentes para a re-proposição de valores, ou ainda de valores novos para lugares ainda a serem construídos, o ponto máximo é de sempre resgatar o interesse popular, aliando as imagens ambientais com o saber técnico do planejador. Abaixo são exemplificadas as qualidades da forma, descritas por Lynch (1997), trabalhadas posteriormente.



As formas devem ser manipuladas de modo que exista um fio de continuidade entre as imagens múltiplas de uma grande cidade... (LYNCH, 1997, p.121)

Ilustração 11 Qualidades da forma, segundo Lynch, 1997. Organização nossa.

2.5. Recriando lugares: o city-marketing!

Como visto acima há uma série de qualidades da forma que permitem a apreensão espacial e que através da percepção e da manipulação podem ser mantidas como referenciais, ou possuir seus discursos alterados para a re-proposição de significados. Esses discursos podem estar vinculados a interesses da grande coletividade ou de grupos específicos. Observa-se que a partir da década de oitenta, no Brasil, com a grande projeção de planos diretores a imagem das cidades passou a ser tão importante (ou mais) do que a qualidade de vida dessas cidades. “O eleitor é tomado como consumidor. A mercadoria vendida é a imagem. [...] ganham importância inédita a marca, a imagem.” (MARICATO, 2000, p. 167/8) Assim são criadas uma série de intervenções, algumas pontuais, outras como partes de projetos maiores que influenciam a visão sobre o todo.

É evidente que a publicidade insistente e a mídia, de um modo geral, têm um papel especial na dissimulação da realidade do ambiente construído e na construção da sua representação, destacando os espaços de distinção. É evidente também que a representação ideológica é um instrumento de poder – dar aparência ‘natural’ e ‘geral’ a

um ponto de vista parcial, que nas cidades está associado aos expedientes de valorização imobiliária. A representação da cidade encobre a realidade científica.

Uma intensa campanha publicitária leva uma ficção à população: o que se faz em território restrito e limitado ganha foros de universal.”

(MARICATO, 2000, p. 165).

Essa re-criação de lugares não necessariamente é negativa, pois pode trazer implícita uma série de benefícios e mesmo dinamizar os espaços existentes. O que deve ser entendido como aspecto negativo é um discurso que universaliza as intervenções pontuais e gera uma imagem que não condiz com a realidade. Essa dicotomia centro urbano x periferia muitas vezes é encoberta pela imagem da cidade, e inclusive foi citada numa das entrevistas coletadas nesta pesquisa.

O marketing urbano pode surgir em diversas escalas, e pode alterar o processo de construção ideológica sobre um determinado lugar específico, esse potencial pode tanto ser utilizado de maneira positiva ou ser manipulado a ratificar intervenções de valor questionável.

Área freqüentemente a descoberto nos estudos de psicologia e projeto do ambiente construído, o place-marketing, ou, sem seu enfoque mais ampliado, o city marketing, apesar de todo seu imenso potencial no que concerne à prática do planejamento urbano – principalmente, da gestão urbana –, não deixa de trazer sérias preocupações e levantar desafios aos estudiosos da área. Por um lado, é perturbador constatar que “o processo de construção ideológica sobre a transformação urbana extrapolou a esfera espacializada do urbanismo e encontrou seus pontos de apoio noutros processos de manipulação de linguagem expressivas: o marketing moderno, a publicidade, a psicologia social.” (SANCHEZ GARCIA, 1997:37).

De qualquer maneira o que deve ser evidenciado, é que apesar do *city marketing* ser um instrumento facilmente manipulável, seu conceito fundamental, ou seja criar imagens através da percepção e do discurso, ele pode ser utilizado para a renovação de espaços ditos mortos, como ruas tradicionais, centro históricos ou obras inteiramente novas.

[...] torna-se instigante a perspectiva de investigar os processos por meio dos quais uma percepção intencional sobre o ambiente é (ou não) passível de ser criada, abrindo-se maneiras de transmutar um espaço em um lugar. (CASTELLO & MASCIA, 2002, p.362).

Conforme Fernanda Sánchez Garcia (2001), o capitalismo tem reproduzido novos espaços, trazendo à cena não somente a demanda pela produção, mas também pela informação e pela comunicação. O espaço é socialmente recriado através de discursos e imagens, aumentando cada vez mais o papel desempenhado pelo *city marketing* como instrumento de políticas urbanas.

Trata-se de um discurso ideológico que, em sua vertente urbana, configura políticas de promoção e legitimação de certos projetos da cidade tornados emblemáticos da época presente. Sua imagem publicitária são as chamadas ‘cidades-modelo’. (SANCHEZ GARCIA, 2001, p.156).

Essa maneira de simbolizar e representar a cidade através de um pensamento único, remete a dois pontos distintos, por um lado a potencialização de imagens hegemônicas fortes, cuja criação de novas leituras pode trazer novas interpretações e novos caminhos para o futuro, mas por outro, dificulta a formação do pensamento crítico pela maioria.

São diversas as imagens que giram em torno do termo “cidade- modelo”, primeiro uma modernização tecnológica, junto é claro, com uma infra-estrutura que atenda a todos, aliando “harmonia” , “qualidade de vida”, “ cultura e artes” e mais recentemente “sustentável”.

[...] a mesma imagem de marca, interpretada sob prisma analítico, encontra opacidades de diversas naturezas, históricas, políticas e territoriais. (SANCHEZ GARCIAb, 2001, p.157).

Para o caso de Curitiba, uma das cidades brasileiras onde a política urbana municipal mais tem investido em marketing, sua ‘logomarca’ estaria sempre associada à idéia de inovação, de poder visionário e criativo atribuído a seus quadros técnicos e, sobretudo, ao arquiteto-urbanista Jaime Lerner, a quem atribui-se uma reputação quase mitológica: (SANCHEZ GARCIAb, 2001, p.158).

Uma série de renovações urbanas podem fazer uma ponte entre a cidade competitiva e a cidade sustentável. (SANCHEZ GARCIAb, 2001, 162) Essas renovações costumam criar vitrines para as cidades, construídas , na maioria das vezes, para tais fins, reapresentam e reafirmam face à internacionalização a imagem-síntese trazendo novos sentidos e significados aos espaços.

Guardadas as diferenças e matizes entre os variados projetos, pode-se arriscar a afirmação de que os lugares públicos criados não passam de cenários para uma sociabilidade fictícia que por sua vez produzem uma estetização das relações sociais. (SANCHEZ GARCIAb,2001, p.158).

Essas intervenções re-propõem muitas vezes as imagens locais, numa tentativa de continuidade ou de ruptura com o existente, tentando resgatar costuras no todo, mas observa-se muitas vezes um descolamento com a realidade local. Mais do que os espaços da cidade propriamente, articula-se um consumo pelas imagens, isso é notório em Curitiba, onde os nomes das obras já ressalta a própria publicidade e os torna emblemáticos.

Nesse viés, ressalta-se a importância das idéias e das imagens ambientais recolhidas diretamente junto à população, visando diminuir a imposição de atores dominantes no processo de construção simbólica:

A construção da imagem da cidade está intrinsecamente ligada a representações e idéias. Trata-se, portanto, de uma construção social, subordinada à visão de mundo daqueles que, ao se imporem como atores dominantes nos processos de produção do espaço, também ocupam posição privilegiada para dar conteúdo ao discurso sobre esse espaço. (SANCHEZ GARCIAb,2001, p.169).

A década de 90 foi emblemática para Curitiba, na qual reconstruiu-se a imagem da imigração através de uma série de parques e memoriais, criando uma nova memória e recaindo muitas vezes no esquecimento da história real.

As imagens associadas a cidades-modelo adquirem conteúdos que, através de alguns nexos e estratégias, articulam diversas noções e codificam as novas representações da modernização: desenvolvimento sustentável, revolução tecnológica e produtiva, qualidade de vida, equidade e eficiência no planejamento, parceira público-privada, multiculturalismo, memória urbana, renovação de áreas, meio ambiente equilibrado, governança e participação cidadã. (SANCHEZ GARCIA, 2001, p.173).

Ao fazer um paralelo com Rosa Moura, (MOURA, 2001) em seu artigo *Os riscos da cidade-modelo*, pode-se reconhecer essa mesma re-criação de conteúdos, essa construção simbólica de um cenário, que segundo a autora não permite observar a realidade brasileira que se descortina por trás desse quadro.

[...] o consenso sobre a cidade é apenas aparente; as contradições existem e, por trás das certezas construídas pela Curitiba oficial, há elementos da 'outra Curitiba' repletos de significados. (MOURA, 2001, p. 203).

Quais são esses elementos, seus significados e como resgatá-los?! Evidentemente não faz parte do escopo deste trabalho fazer um levantamento de todo o planejamento e gestão urbanos e seus elementos, mas àqueles relacionados à imagem.

2.6. Notas sobre o planejamento urbano

Para que possam ser elucidadas algumas questões sobre a configuração das cidades brasileiras hoje, e indo além, sua identidade reflexo de sua evolução, segue abaixo um breve histórico sobre a formação das cidades desde a colônia. Sobre a qualidade de vida nas cidades e também algumas notas sobre o planejamento urbano no Brasil.

2.6.1. Espaço sacro ou laico?

E como se deu a evolução dessa paisagem cultural nas cidades brasileiras? Trabalhando com Murilo Marx, (MARX, 1988) observa-se que, historicamente, sua construção está calcada no direito canônico, ou seja a igreja como instituição irradiadora de costumes manteve por séculos sua influência na conformação urbana e no *saber viver urbano brasileiro*. Isso gerou espaços urbanos *modorrentos*, dotados de vitalidade apenas durante festas religiosas e procissões. A cultura urbana vinculava-se então ao calendário religioso, conformando um uso urbano que propiciou a não apropriação do público em detrimento do privado. E tal configuração ultrapassa a simples conformação urbana, contribuindo para a formação da maneira de legislar sobre a cidade:

A idéia sobre o chão comum em nossas cidades evoluiu no sentido duma crescente secularização. Esta evolução pode ser acompanhada pelo progresso das normas legais

que incidiram sobre as diferentes áreas coletivas. Tal acompanhamento, por certo, não é o único possível e talvez não seja o mais completo e aprofundado. Além de constituir um aspecto parcial, de superestrutura, a legislação tende a não ser rigorosamente cumprida, bem como costuma auscultar novos reclamos com muito atraso. Apesar disso, ou por isso mesmo, o arcabouço legal reflete muito bem a mentalidade que domina ou que ainda não foi extirpada ou superada plenamente por outra. E o faz incidindo sobre questões de ordem prática se não acidentais. A lei, cumprida ou burlada, arcaica ou reajustada, incide sobre o convívio dos cidadãos sobretudo em seu meio mais denso e significativo – a cidade. Regula, de diversas maneiras e para diferentes conflitos, os espaços comuns urbanos. (MARX, 1988, p.17).

Compreender a passagem de uma prática urbana calcada em costumes religiosos para a construção de uma legislação propriamente urbanística, com novos usos, práticas e costumes contribui para a leitura da configuração urbana atual. Tal alteração contempla o processo de laicização do espaço público, exemplificado por Murilo Marx, na cidade de São Paulo. A vida urbana evoluiu num crescente, acompanhada pela vida pública, pois a cidade passou a ser cada vez mais utilizada e vista como foco e ponto de entroncamento entre pessoas, mercadorias e informações.

A evolução da sociedade brasileira, com a miscigenação mais acentuada no século XIX relacionada ao advento de uma imigração intensa, ocasionou uma diversificação nos usos urbanos, com novos costumes e práticas urbanas vindas sobretudo com os europeus. Essas novas práticas não somente aceleraram a vida nas cidades bem como influenciaram sobremaneira e re-valorizaram os espaços urbanos. Feiras, mercados públicos e mesmo festas pagãs começaram a fazer parte do cotidiano urbano. E o calendário e a paisagem marcada por cruzeiros e imagens de santos foram ganhando torres, fontes, novos referenciais e valores, marcas da dinamização da vida e do espaço urbanos.

Revalorizar os espaços urbanos significou muitas vezes sua re-proposição quer pela mudança de usos quer pela sua própria configuração através do planejamento. Afinal é necessário fazer um resgate das práticas urbanísticas no Brasil:

O urbanismo brasileiro [entendido aqui como planejamento e regulação urbanística¹¹] não tem comprometimento com a realidade concreta, mas com uma ordem que diz respeito a uma parte da cidade apenas. (MARICATO, 2000, p.122).

Assim, as cidades brasileiras foram desenhadas sob qual pensamento, da cidade racional ou cultural?

2.6.2. Cidade racional ou cultural?

E qual foi o viés tomado pelo planejamento brasileiro? O discurso corresponde à prática?

¹¹ Grifo do autor

Segundo Le Corbusier (CORBUSIER,1933) o homem deveria ser a expressão máxima da racionalidade, portanto suas ruas deveriam ser retas, diferentemente das antigas ruelas da cidade medieval. Esse pensamento norteador da escola urbanística modernista, na verdade estava fortemente influenciado pelas diretrizes renascentistas levadas a cabo no urbanismo barroco.

O zoneamento é a operação feita sobre um plano de cidade com o objetivo de atribuir a cada função e a cada indivíduo seu justo lugar. Ele tem por base a discriminação necessária entre as diversas atividades humanas, cada uma das quais reclama seu espaço particular. CORBUSIER, 1933,p.05).

Desconstruindo: Criar eixos de circulação enfocando marcos é uma inovação renascentista sobretudo com o advento da perspectiva. E sua aplicação pôde ser efetivada no barroco, através da consolidação dos Estados Absolutistas, dotados de poder e capital suficiente para tais intervenções. As grandes intervenções como a promovida em Paris por Haussmann, conseguiram resgatar uma ordenação espacial, baseada em argumentos como higienização buscando maior salubridade do espaço urbano, ordenação formal capaz de evitar revoltas e barricadas e ainda, projetar Paris visando o futuro, de capital européia. Assim ao formular sua teoria baseado em eixos de circulação ordenando o espaço urbano, Le Corbusier, não estava inovando, mas seguindo uma linha de raciocínio sobre a cidade, que evidenciava-se muito antes do início do século XX.

Fica evidente que sua teoria não se restringe a isso, pois conseguiu contemplar a totalidade dos aspectos urbanos, chegando mesmo a propor a idealização do homem. Um novo homem que deveria habitar uma nova cidade, a cidade funcional, racional, projetada para o homem - ideal *O Modulor*. Essa é a base para todo o planejamento de cunho tecnocrático encontrado e desenvolvido posteriormente. A cidade ordenada seria o catalizador de uma nova sociedade, baseada na máquina, na produção em série, no ordenamento e clareza formais. As cidades projetadas nesse viés, tornaram-se verdadeiras anticidades, promovendo o surgimento dos não-lugares.

É urgente e necessário modificar certos usos. É preciso tornar acessível para todos, por meio de uma legislação implacável¹², uma certa qualidade de bem-estar, independente de qualquer questão de dinheiro. É preciso impedir, para sempre, por uma rigorosa regulamentação urbana, que famílias inteiras sejam privadas de luz, de ar e de espaço. (CORBUSIER,p. 1933,p. 05).

É necessário, neste ponto, desenvolver os conceitos de anticidade e de não-lugares. Ao propor uma cidade ordenada por vias para automóveis, onde o espaço para o homem está contemplado por grandes gramados e torres, alguns conceitos inerentes à cidade perdem sentido: o contato humano nos lugares públicos, os espaços de encontro, a multiplicidade de funções e usos, os encontros e sobretudo o inesperado. Os fluxos de mercadorias, pessoas e informação, enfim as trocas. Isso configura a condição de

¹² Grifo nosso.

ser urbano, e a negação dessa vivência, como nas super quadras de Brasília, transforma-as em anticidades. O mesmo está retratado nas torres do Plan Voisin – 1925 (ilustração 4) para Paris, disseminado em diversos outros planos por todo o mundo, como em Brasília e mesmo em Florianópolis.



Ilustração 12 Plan Voisin Paris¹³ - Le Corbusier 1925

Não-lugares, segundo palestra proferida por Lucia e Juan Mascaro (UFSC, 17 de março de 2005), são aqueles que podem ser encontrados em qualquer região, país ou cidade, ou em lugar nenhum. Exemplos: aeroportos, *shopping centers*, etc, ou seja, espaços “internacionalizados”, preconizados não somente pelo modernismo, mas com muita influência da arquitetura pós-moderna. Esse conceito de não-lugares é originário de discussões aprofundadas sobre a supermodernidade, sobretudo na obra de Mar Auge, *Não-Lugares* (AUGÉ, 1994) na qual o autor faz um resgate de supermodernidade num viés antropológico.

Se um lugar pode ser definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. (AUGÉ, 1994, p. 73).

Isso não quer dizer que Brasília, triunfo maior do urbanismo racionalista, ponto de inflexão óbvio na prática de planejamento, seja um não lugar como um todo, mas suas super quadras, poderiam ser referência para qualquer cidade e estar locadas em muitos outros lugares que não o cerrado brasileiro.

O lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente. (AUGÉ, 1994, p. 74).

E qual seria a relação entre espaço e lugar?

O termo ‘espaço’, em si mesmo, é mais abstrato do que o de ‘lugar’, por cujo emprego referimo-nos, pelo menos, a um acontecimento (que ocorreu), a um mito (lugar-dito) ou a uma história (lugar histórico) Ele é (o espaço) portanto, eminentemente abstrato, e é significativo que seja feito dele, hoje um uso sistemático, ainda que pouco diferenciado [...](AUGÉ, 1994, p. 77).

Essa busca por um *regra da vida urbana* acarretou uma perda no próprio conceito de qualidade de vida urbana, a ser discutido no próximo item. Concluindo, ainda segundo Auge (1994, p.87), não-lugares são

¹³ Ilustração extraída do site www.volker-goebel.de/LaDefenseLeCorbusier.html acessado em 10 de junho de 2005.

duas realidades complementares, distintas em sua essência, espaços constituídos com relação a certos fins e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços.

2.6.3. Planejamento e qualidade de vida:

O que vem a ser qualidade de vida? Conceito buscado e definido nas mais variadas disciplinas, desde a medicina até o urbanismo, dentro do enfoque urbano, a qualidade de vida está vinculada à qualidade do espaço em que se vive. Adriana Rosseto, em sua tese de doutorado, (ROSSETO, 2003), faz referência a quatro grupos de elementos que podem definir, através de sua conformação e relação a qualidade do ambiente urbano a citar: paisagem urbana (áreas edificadas, áreas livres, vegetação), salubridade (clima, aeração, iluminação, saneamento), funcionalidade (habitação, trabalho, lazer, circulação), e sociabilidade (espaços públicos, espaços privados).

No que tange à melhoria da qualidade de vida, ela corresponde à crescente satisfação das necessidades – tanto básicas quanto não básicas, tanto materiais quanto imateriais – de uma parcela cada vez maior da população. Quanto ao aumento da justiça social, trata-se de uma discussão mais complexa, pois esbarra na multiplicidade de possibilidades de entendimento da idéia de justiça social. Essas possibilidades de entendimento são, à vezes, complementares, às vezes conflitantes entre si. (SOUZA, 2004,p.62).

Obviamente este foi um conceito modificado no decorrer da evolução urbana, e mesmo sem ser citado diretamente já pôde ser observado em vários documentos de relevância histórica:

É preciso buscar ao mesmo tempo as mais belas paisagens, o ar mais saudável¹⁴, levando em consideração os ventos e a neblina, os declives melhor expostos e, enfim, utilizar as superfícies verdes existentes, cria-las, se não existem ou recupera-las, se foram destruídas. (CORBUSIER, 1933,p. 07)¹⁵.

Em todas essas cidades o homem é molestado. Tudo que o cerca sufoca-o e esmaga-o. Nada do que é necessário a sua saúde física e moral foi salvaguardado ou organizado. Uma crise de humanidade assola as grandes cidades e repercute em toda a extensão dos territórios. A cidade não corresponde mais a sua função, que é a de abrigar os homens, e abriga-los bem. (CORBUSIER, 1933,p.17).

Termos como *ar mais saudável* e *abriga-los bem*, pressupõe um crescimento da cidade voltado para o bom relacionamento entre suas funções e o homem que nela deve habitar.

¹⁴ Grifo do autor

¹⁵ Detaques do autor.

Qualidade de vida pode também relacionar-se ao conceito de urbanidade, “o bem viver a cidade”. Quatro dimensões trabalhadas por Alzira Krebs (KREBS,2002), em sua dissertação de mestrado que contemplam a totalidade urbana: a conjuntural, a físico espacial, a temporal e a social, quando estudadas e vistas de forma integrada corroboram para a busca da perda da urbanidade, dos antigos núcleos urbanos, muitas vezes desconstruídos pela legislação urbana, com seu monofuncionalismo, seu zoneamento restritivo, sua segregação subentendida, cujos padrões não poderiam jamais ser “carimbados” em diversas regiões diferentes, sem as devidas adaptações:

A importação dos padrões do chamado ‘primeiro mundo’, aplicados a uma parte da cidade (ou da sociedade) contribuiu para que a cidade brasileira fosse marcada pela modernização incompleta ou excludente. (MARICATO, 2000, p. 123)

A qualidade de vida deixa então de ser mera expressão utilizada em discursos, para se tornar quantificável, mensurável através de indicadores, podendo ser um conceito efetivamente aplicável e integrado ao planejamento urbano.

2.6.4. Planejar no Brasil.

De cunho estritamente tecnocrático, o processo de planejamento no Brasil tem se mostrado fragmentário no que concerne uma visão holística sobre a cidades.

Do modernismo, esse planejamento urbano ganhou a herança positivista, a crença no progresso linear, no discurso universal, no enfoque holístico. (MARICATO, 2000, p. 126).

Inovações têm sido implementadas na legislação, porém a aplicação prática e seus resultados efetivos, como a utilização do próprio Estatuto da Cidade necessita de um intervalo de tempo maior, tendo como respaldo mais exemplos do que aqueles que já tem sido observados.

Não é por falta de Planos Urbanísticos que as cidades brasileiras apresentam problemas graves. Não é também, necessariamente, devido à má qualidade desses planos, mas porque seu crescimento se faz ao largo dos planos aprovados nas Câmaras Municipais, que seguem interesses tradicionais da política local e grupos específicos ligados ao governo de plantão. (MARICATO, 2000, p. 124).

A prática de planejamento no Brasil tem se mostrado flexível a modelos ‘importados’. O que se observa é que há um distanciamento enorme entre o discurso proferido no processo do planejamento e na sua justificativa, se considerada sua aplicação efetiva. Dessa afirmação resulta o fato de não apenas servir como exemplo de adaptação de processos externos mas também, servir como base para extração de soluções inovadoras dentro do âmbito nacional, como o próprio orçamento participativo. A participação efetiva, e os laços criados sobre base espacial, leva à apropriação, segundo Ruano:

Os laços sociais são provavelmente o bem mais valioso que tem as sociedades humanas, e sem dúvida, são cruciais para nossa sobrevivência como espécie. (RUANO,1999,p.18).

Os ambientes devem propiciar o encontro e a interação entre seres humanos. A comunidade deve prezar a diversidade como algo salutar. Assim, devem ser minimizados o planejamento centrado nas vias e pistas voltadas unicamente para a separação homem x máquina, com insuficiência de espaços públicos, a carência da escala humana, a baixa densidade e o zoneamento funcional.

[...] as necessidades e percepções particulares e legítimas de grupos específicos precisam ser respeitados. Caso esse respeito não se dê ou se dê insuficientemente, fatores importantes da qualidade e vida dos membros desses grupos sociais serão vítimas de atrofia, o que contribuirá para formar um quadro marcado por sentimentos de opressão e injustiça, de uma lado, e preconceitos de outro. (SOUZA,2004).

Em detrimento da utilização unicamente do suporte técnico-científico que vem sendo a base de conhecimento sobre a cidade, dois tipos de levantamento têm sido preconizados para a elaboração de Planos Diretores: a leitura técnica e a leitura comunitária. Busca-se não mais os “diagnósticos” com levantamentos de dados estáveis, fixados, com inclusive, “um tempo de validade” definido. A cidade é dinâmica e evolui segundo seu próprio tempo, renovando, reciclando, recriando novos valores e mesmo reatualizando constantemente seus dados estruturais. Assim parece lógico trabalhar com uma outra gama de informações, em paralelo às informações de cunho técnico-científico, aquelas vinculadas à percepção, aos anseios, à própria vivência da comunidade dentro de seu espaço, da cidade.

Assim como seria tolice imaginar que mais planejamento e um melhor planejamento, por si sós, seriam a solução para os problemas urbanos, seria igualmente tolice negligenciar o debate técnico-científico argumentando, simplisticamente, que ‘o que falta é vontade política’ e que as soluções já são conhecidas. (SOUZA, 2004, p.313).

Esse conceito de dois tipos de levantamentos, chamados de leituras: técnica e comunitária foram abordados mais especificamente, no documento, Plano Diretor Participativo – guia para elaboração pelos municípios e cidadãos, publicado pelo Ministério das Cidades (2004). Em cuja apresentação, o ex-Ministro das Cidades, Olívio Dutra, cita:

Entretanto, para que isso seja possível [expansão democrática das cidades¹⁶] os cidadãos também terão que enfrentar um grande desafio nos próximos anos - o de instituir formas de planejamento e controle do território municipal utilizando os potenciais e limites do seu meio físico, as potencialidades abertas pela existência de redes de transporte e logística em seus territórios de forma que os impactos de seu crescimento e desenvolvimento não se traduzam em desequilíbrios e deseconomias, como tem sido nossa experiência recente de urbanização. (DUTRA, 2004).

¹⁶ Grifo nosso.

Esse re-direcionamento na prática do planejamento urbano deverá trazer uma aproximação real da teoria e da prática no que concerne as discussões que vêm sendo feitas. Segundo palestra proferida pela prof.a. Dr.a. Doreen Massey¹⁷, “[...] o espaço é uma simultaneidade de histórias mal acabadas. Um momento dentro da multiplicidade de trajetórias[...]”, portanto ao trabalhar com a cidade resgata-se o tempo (dimensão de troca, de mudança) na relação com o espaço (dimensão de multiplicidade contemporânea). O espaço, visto como lugar, é a dimensão do social, e a cidade sua representação. Observa-se que houve um período fértil para o planejamento no Brasil: “[...] foi durante o regime militar que a atividade de planejamento urbano mais se desenvolveu no Brasil.”(MARICATO, 2000, p. 138)

No contexto de valorização da racionalidade técnica o agente urbanista apareceu como autoridade acima dos conflitos e da sociedade política, uma vez que se apresentou como portador da verdade única sobre a cidade e seus habitantes. (SOUZAc, 2001, p. 109)

Foram planos muito pouco engajados com a realidade sócio cultural brasileira, nos quais a população não era ouvida, nem mesmo os técnicos locais. Importante ressaltar que durante as décadas de 70 e 80 frutificaram as discussões sobre o planejamento, e segundo Ermínia Maricato foi nesse período que as cidades brasileiras mais cresceram, sem planejamento, criando as não cidades.

Cabe aqui então o encaminhamento para a compreensão de imagem e imaginário, afim de minimizar o vazio existente entre a prática do planejamento e a visão da população.

Os equipamentos distribuídos na cidade, a partir de estudos técnicos rigorosos, codificam os fluxos, regulam as exclusões, ou inclusões parciais, dos diferentes habitantes urbanos diante dos múltiplos espaços. Os lugares urbanos adquirem significados renovados pela determinação previa das suas formas e usos gerada na e pela intervenção técnica. (SOUZAc, 2001, p.109)

2.6.5. Qual planejamento?

Os problemas urbanos encontrados no Brasil hoje são resultados de acertos/erros de cunho técnico-científico, ou a questão de planejamento está compreendida basicamente por questões de ordem política?. Num país onde a taxa de população (dita) urbana atinge aproximadamente 80 % , urge a questão do planejamento das cidades, não somente em seu sentido restrito, portanto tecnocrático, como tem sido realizado, mas buscando novas formas de diálogo com a cidade real. Segundo Marcelo Souza (2004):

O intelectual ou técnico que se ocupa da reflexão sobre instrumentos e problemas de planejamento e gestão urbanos, se não deve ser visto como um ‘médico’ , que trata o outro como um simples *paciente*, tampouco deve ser confundido com uma espécie de

¹⁷ “La conceptualización del espacio y la cuestión de la política en un mundo Globalizado” Profº Drº Doreen Massey (Open University – Londres) in VI ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Fortaleza, 2005.

'secretária' que meramente datilografa aquilo que lhe é ditado, sem possibilidade de exercer maior criatividade e uma postura crítica. Sua função seria, mais adequadamente, a de um consultor popular, capaz de aconselhar, sobre a base de seu treinamento profissional para coletar, manusear e integrar dados volumosos e de natureza variada e para refletir combinando diversas escalas espaciais e temporais, uma coletividade formada, tanto quanto possível (ao menos é essa a meta), por cidadãos livres. (SOUZA,2004,p.14).

Planejamento urbano, em sua essência, difere de termos como Urbanismo e Desenho Urbano. Na verdade, poder-se-ia afirmar que o planejamento engloba essas duas práticas mas a eles não se atem unicamente. O urbanismo é uma disciplina que vem sendo desenvolvida especificamente por urbanistas, portanto arquitetos no contexto brasileiro, onde tais profissões correspondem a um todo contínuo, cuja diferença relaciona-se basicamente à escala da intervenção. O desenho urbano, desenvolveu-se sobretudo no viés pós-moderno, numa crítica sobre a estreita aliança entre o Urbanismo e as vertentes modernistas clássicas. Ainda segundo Marcelo Souza:

[...] o que não se pode ignorar, é que as formações e as sensibilidades dos arquitetos [*funcionalidade e estética*]¹⁸ (cuja identidade aproxima-os, em parte, das engenharias e, parcialmente, das artes plásticas) e dos cientistas sociais [*relações e processos sociais*]¹ humanos e sociais são e permanecerão diferentes – o que não quer dizer que sejam incompatíveis. (SOUZA,2004, p.57).

A técnica, contudo, deve estar sempre associada à leitura popular dos espaços criados, pois à cidade é atribuída uma escala de valores conforme as quais as pessoas identificam os *lugares*¹⁹ e os classificam. A paisagem é decodificada pelo homem, segundo sua história e evolução, e o planejamento deve legitimar os aspectos simbólicos, ao invés da simples re-proposição de novos espaços.

Uma paisagem modificada pelo homem não é portanto, uma paisagem antinatural, mas uma paisagem cultural que deve atender tanto a critérios funcionais quanto estéticos. Assim sendo, não pode ser planejada de acordo apenas com prioridades econômicas rigorosas que levam à perda dos valores ambientais para, posteriormente, ser embelezada, num ato de redenção estética, pela inserção de elementos românticos pseudonaturais. (JACOBS,2000,p. 07).

O ponto de partida então seria o conhecimento da história dos objetos de intervenção, das cidades em si, com suas mais diversas bases: políticas, sociais, econômicas. Mas não somente, pois novos valores podem ser agregados ao já existente, sem que haja perda na qualidade espacial ou referencial dos espaços. Para tanto, é necessária a compreensão da evolução da paisagem urbana brasileira.

¹⁸ Grifo do autor

¹⁹ "A natureza simultaneamente física e social do espaço arquitetônico e urbanístico faz com que se o caracterize como um *lugar*, isto é porção territorial onde se desenvolvem práticas sociais." (Kohlsdorf;1996;20)

3. Curitiba

Curitiba em passinho floreado de tango que gira nos braços do grande Ney Traple e das pensões familiares de estudantes, ah! que se incendeie o resto de Curitiba porque uma pensão é maior que a República de Platão, eu viajo. (Dalton Trevisan).

Para a compreensão da área-exemplo, o Largo da Ordem, será feita uma breve exposição da trajetória da Curitiba, abrangendo tanto seu planejamento, quanto sua evolução urbana. Assim, a partir da identidade da cidade, juntamente com sua cultura, pretende-se fazer uma introdução ao recorte espacial propriamente dito.

Fluem, das orientações culturais, variadas formas de atuação da sociedade local e possibilidades de ampliação de sua capacidade propositiva. Estas são propriedades de enorme relevância no mundo em mutação e que podem garantir um futuro melhor, resistente à homogeneização de experiências sociais pelo marketing e pelo consumo. Estudar Curitiba é, hoje, dedicar-se a um caso paradigmático. (SANCHEZ GARCIA, 1997, p. 09).

3.1. A identidade de Curitiba.

A busca por uma identidade forte constituiu-se mais intensamente a partir da emancipação do Estado do Paraná. Curitiba passou por uma série de intervenções visando a criação de uma identidade em duas linhas não excludentes: para uma nova capital e uma capital nova. Buscou-se esse ideal em momentos diferentes. Primeiro na constituição da capital da então emancipada Província do Paraná em 1853, através de uma série de referências, criadas ou trazidas da história local: a lenda do índio proferindo *Core Etuba*, da Virgem apontando o local da catedral, do valor das araucárias, da localização da cidade sob a *bênção de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais*. E esse processo de resgate de lendas e histórias, bem como símbolos locais, foi tendo seqüência até o momento em que Curitiba precisava buscar novos ares, sobretudo com a intervenção do urbanista Agache, na década de 40.

Tal processo sofreu um redirecionamento a partir da década de 60, culminando com a busca por um cenário futurista, de forte apelo da imagem, calcada em alguns pontos fundamentais: o meio ambiente, a sociedade, idéias inovadoras e a campanha de lançamento e projeção da cidade como modelo para as demais.

Le Troisième Millénaire est déjà proche et ce qui va caractériser la bonne ville ce sera le concept plutôt que le décor [...] sur ce qui a fait et ce qui fait de Curitiba le laboratoire d'une expérience urbaine – et humaine – vraiment révolutionnaire, à point d'exporter des solutions et des inventions et d'être reconnue comme une sorte de modèle pour la

prochaine décennie, c'est-à-dire pour les premières années d'un nouveau siècle et pour les premiers moments d'un nouveau millénaire. (LERNER,1993, p. 42) ²⁰.

A formação da cidade, como não poderia ser diferente, está calcada em uma série de relatos e assim conta sua história oficial: Curitiba foi fundada em 29 de março de 1693, quando o capitão-povoador Matheus Martins Leme, respondendo aos apelos da população que pedia 'paz, quietação e bem comum do povo', promoveu a eleição da Câmara de Vereadores e a instalação da Vila, como exigiam as Ordenações Portuguesas - a Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais. No fim do século XVII, a pequena vila, era muito pobre, possuindo umas poucas casas, cuja população vivia basicamente da agricultura e do gado.

Antes da chegada dos portugueses, na metade do século XVII, os habitantes eram os índios Tupi-Guarani (Tingüi e Tiindiquêra) e os Jê (Kaigáng e Xokleng), mas pode-se dizer que o povo de Curitiba é de origem mesclada entre índios, portugueses e bandeiristas vindos de outras regiões do Brasil. Esse perfil começou a ser alterado a partir da metade do século XIX, quando o curitibano consolidou sua imagem como povo branco, fruto da imigração européia iniciada, com maior ênfase. Aos poucos, novos hábitos começaram a ser incorporados na cultura local, como feiras à base de produtos advindos das colônias de imigrantes. Atrelada a essa *historia oficial* surgem também as lendas de formação:

Conta a lenda que, a pedido do primeiros colonizadores portugueses, que sofriam com a fome e estavam insatisfeitos com o resultado das minerações, o cacique dos Campos de Tindiquêra, os ajudou a encontrar um novo local para morar. Para eles, esta era a vontade de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, que todas as manhãs aparecia com os olhos voltados para as margens do rio Belém. Após muito procurar, o cacique parou numa planície repleta de pinheiros e disse: - Taki Keva, Kurytyba. (Aqui, muito pinhão). Com esta frase o cacique quis dizer que naquele local os novos habitantes não passariam fome, porque para a civilização indígena o pinhão era fonte de alimentação durante o inverno, época em que a caça era escassa. (FENIANOS,2003,p.36).

Com o afluxo de imigrantes houve um re-encaminhamento na formação do perfil do habitante de Curitiba: calcada na força trabalhadora dos imigrantes estrangeiros, portanto um povo *branco* e *honesto* em sua concepção. Dessa maneira, segundo o dicionário, Fernão Magalhães – Identidade: igualdade completa; reconhecimento, passou a haver um reconhecimento entre os cidadãos, algo que os unia como sociedade, tendo como alicerce a cidade em si e sua cultura. É possível, então, traçar um paralelo entre a definição dada pelo dicionário, de reconhecimento com a imagem criada para o homem curitibano, pois a partir do momento

²⁰ " O Terceiro Milênio, já está próximo e o que vai caracterizar a boa cidade será mais o conceito do que a decoração [...] sobre isto é foi feito e que faz de Curitiba o laboratório de uma experiência urbana, - e humana, realmente revolucionária, a ponto de exportar suas soluções e invenções e ser conhecida como uma espécie de modelo para a próxima década, quer dizer para os primeiros anos de um novo século e para os primeiros momentos de um novo milênio." Tradução nossa.

em que surge uma identificação, um perfil, como alguém que vem de vários lugares mas que encontra seu lugar em uma única cidade, consolidando-se como além de mero cenário, personagem ativo na vida da população, capaz de suprir suas necessidades, e pronta para o desenvolvimento pleno de seus cidadãos.

É evidente que num espaço como a cidade, através de sua evolução histórica, na qual os valores sagrados foram sendo sucedidos por outros profanos ou laicos, a perda de referencial ou marcos seria natural. Alguns, a citar o exemplo de Curitiba conseguiram atravessar os anos, como a Praça da Catedral, o Largo da Ordem, a sede da antiga prefeitura, hoje Museu Paranaense, (entre outros), mas que não condiziam mais com uma capital moderna, centro para onde convergiram diversos imigrantes, portanto uma cidade que deveria possuir uma outra imagem. Qual seria essa outra imagem? Da mesma forma que a Igreja pontuava a paisagem com suas torres, bicas ornamentadas, cruzeiros e santos, o poder laico deveria pontuar a cidade com novos pontos de interesse. A começar, e por que não por um centro cívico de apelo modernista. Grandes intervenções já haviam sido efetuadas em São Paulo e no Rio de Janeiro, a exemplo da grande higienização proposta em Paris por Haussmann ou em Barcelona por Cerdá, sem dizer no anel viário de Viena. Aliou-se então o ideal modernista, ao já traçado Plano Agache para um obra de envergadura que deveria coincidir com o centenário da emancipação paranaense. Indo além, e a partir da década de setenta observa-se um processo de personificação da cidade aliado à imagem dos próprios governantes como sendo o reflexo do espaço público. Assim novos ícones foram sendo criados, ora buscando uma semelhança de Curitiba com as demais metrópoles européias (como o Jardim Botânico, a Ópera de Arapeí), ora na tentativa de re-inventar um passado que nunca existiu, como na disseminação sem critérios dos numerosos *tocheiros*²¹ na Av. Comendador Araújo.

Na verdade a criação desse imaginário acontece antes mesmo de sua apropriação, lança-se a idéia, e pacificamente a população assume como sendo seu tal objeto. Apropria-se então de algo já consumado e que, aos poucos, vai constituir mais um dos símbolos da cultura curitibana. Historicamente, observa-se uma tendência dupla, similar a esta mas não unicamente, pois quando fala-se em festas e na apropriação dos lugares confere-se, com o uso, a importância como marco. Este é o caso dos costumes, crenças, tradições.

Sua população 'tem cada vez mais suas necessidades supridas' sem que isso cause danos ao meio. Esse é o tema que começa a ser desenvolvido então, para que pudesse ser formulada uma nova cultura urbana. Uma capital de base social e de meio ambiente, que respeita tanto seus moradores quanto seu entorno, 'respeitando e valorizando' seu patrimônio histórico mas aberta ao futuro. Essa é a imagem sintética para a formação da cultura. Essa é a idéia passada e 'vendida' como verdadeira, baseada ainda e validada por afirmações, como a seguinte:

Si Curitiba devance les autres villes brésiliennes dans l'exécution d'un modèle de développement viable en milieu urbain, c'est parce qu'elle produit ce qu'il suffit pour

²¹ *tocheiro*: expressão usada por arquitetos curitibanos fazendo alusão às réplicas de postes antigos, em ferro.

l'entretien de sa population, sans succomber aux séductions de l'activité prédatrice.
(LERNER, 1993,44)²²

3.2. formando uma cultura curitibana...

A riqueza de origens delineada em Curitiba, sobretudo com o *slogan: terra de todas as gentes*, disseminada até no discurso proferido pela população, corrobora para a ratificação de uma cultura urbana cosmopolita, mas sem perder seu ar provinciano, de onde vem a imagem do curitibano como circunspeto e fechado, que aos poucos vai se abrindo conforme a própria abertura dos espaços dentro da cidade. Esse comentário pôde ser observado nas entrevistas obtidas na fase experimental, nas quais, houve a referência da imagem do curitibano. Portanto de todos os conceitos de cultura acima traçados, buscou-se mais especificamente a cultura local curitibana, que em si mesma, compreende uma tal complexidade de agentes formadores, tais como as diversas etnias, as lendas de formação, a busca por uma identidade paranista (século XIX), os planos propostos (e os efetivamente aplicados), o *city marketing* e mesmo a explícita campanha sobre o “*saber viver curitibano*”.

Por exemplo, o que queriam os paranistas no século XIX? Os paranistas buscavam uma identidade própria ao Paraná. Afinal, à época de sua emancipação, culturalmente o Paraná ainda não existia como estado, havia então a necessidade de buscar elementos próprios.

O trabalho dos paranistas se concentraria na busca de uma história significativa e de uma natureza característica para o Paraná. E para isso contavam também com o apoio estatal. (OBA, 1999, p. 145)

Segue uma breve explanação sobre a evolução da cidade, baseada nas imagens dos mapas:

²² “Se Curitiba antecede as outras cidades brasileiras no exercício de um modelo de desenvolvimento viável no meio urbano, é porque ela produz o suficiente para o entretenimento de sua população, sem sucumbir às seduções da atividade predadora.” Tradução nossa.

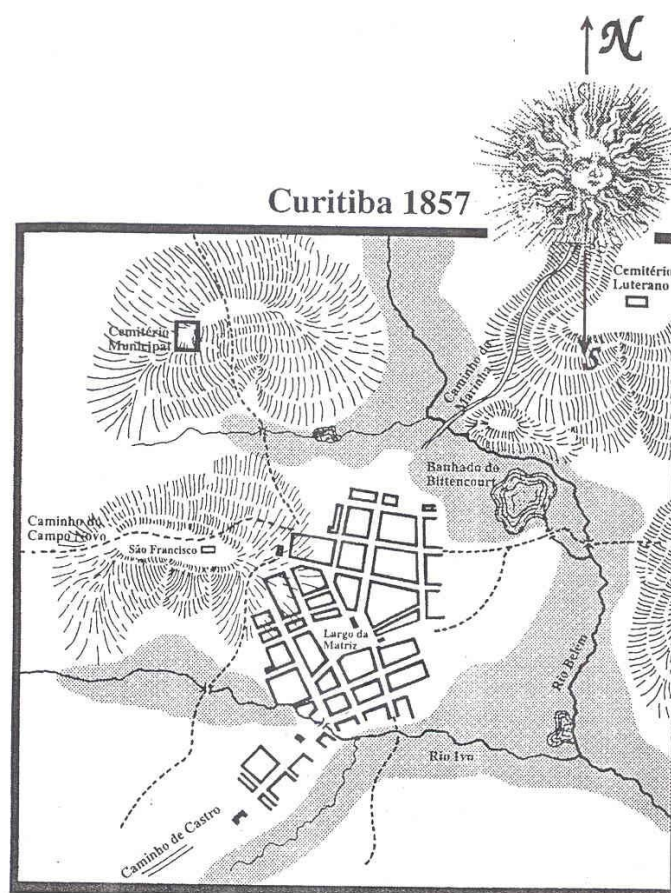


Ilustração 13 Curitiba 1857. Elaborado por Irã Dudeque baseado em Ilustração Paranaense. Curitiba Ano I (2) 1857

Em 1857 Curitiba ainda era uma pequena vila cuja vida girava em torno da matriz. Marcada por charcos e por rios que provocavam alagamentos constantes (áreas em cinza na ilustração acima).

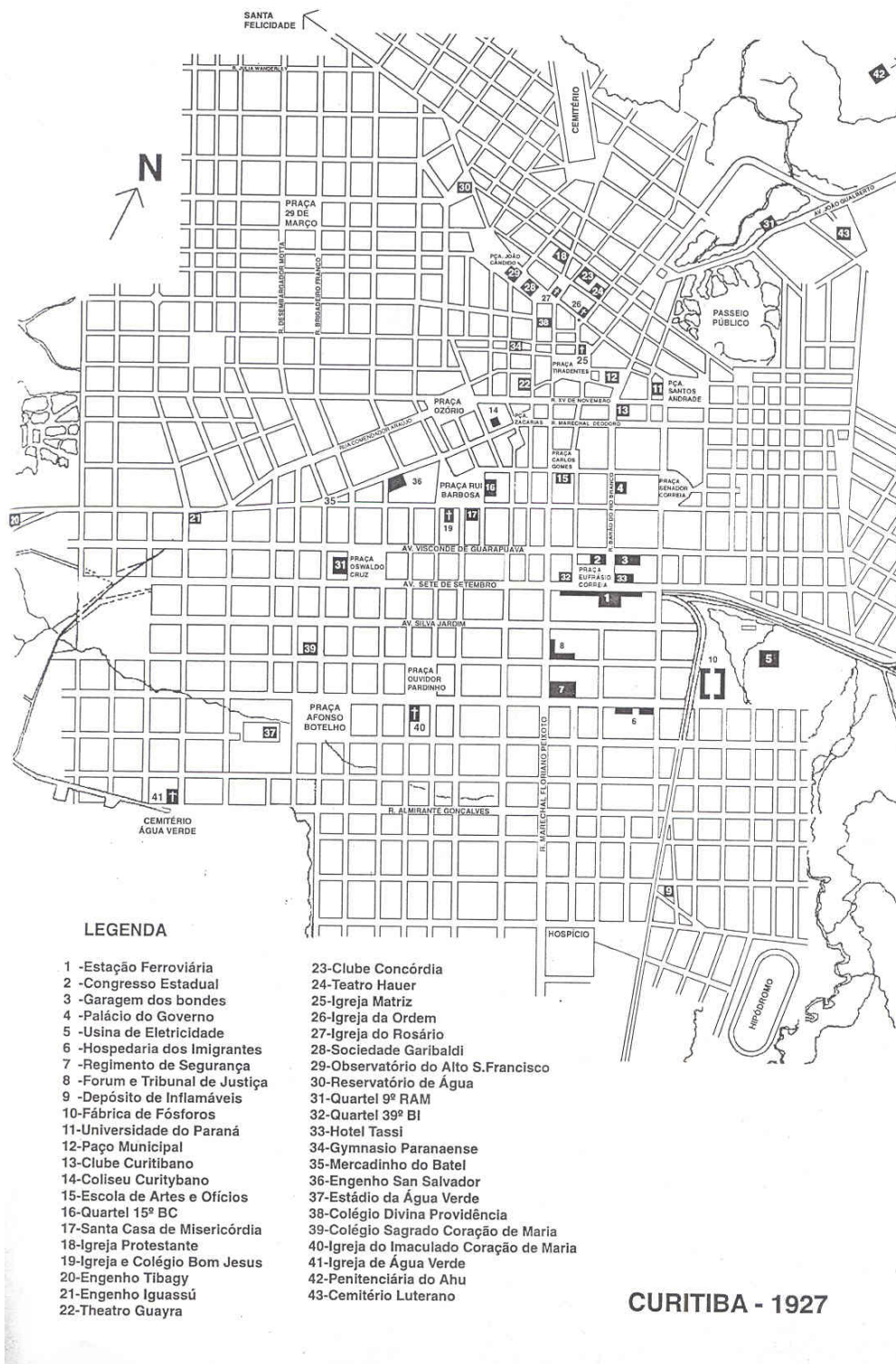


Ilustração 14 Curitiba em 1927, fonte Leonardo Oba. (OBA, 1999)

Em 1927 fica evidente seu crescimento rápido, inclusive com novas vocações trazidas pelos imigrantes, e evidenciado uma paisagem mais diversificada que a do século anterior. Se em 1857 a vida urbana girava em torno da matriz, em 1927 novos marcos foram acrescentados dinamizando a cidade e alterando a vida de seus habitantes em seu cotidiano.

A cultura curitibana extrapola a esfera da vida cotidiana, criando/recriando costumes, hábitos e mesmo a maneira de perceber a cidade. Quando pensa-se em cultura curitibana, ou especificamente de outra cidade, é necessário compreender a dinâmica da própria sociedade que a criou. Segundo Chinoy:

Se bem possamos distinguir analiticamente entre elas, a sociedade humana não pode existir sem cultura, e a cultura humana só existe dentro da sociedade. (CHINOY, 1978, p.53)

É necessário portanto compreender a identidade da sociedade curitibana, indo além da imagem que esta faz de si própria para que efetive-se a ponte entre o discurso, a imagem e a cidadania através do exercício pleno do direito de escolha sobre a cidade. Estes estão intimamente relacionados ao processo de leitura que foi desenvolvido no corpo desse trabalho, conforme publicação sobre Curitiba:

La transformation culturelle, enfin, lê changement de la manière d'être et de vivre d'une ville autrefois circonspecte et fermée, mais qui jouit, à présent, joyeusement, intensément, de ses espaces de loisir, de ses points de rencontre, de ses théâtres et musées, et même de ses services, tels que le transport en commun et la collecte sélective des déchets résidentiels. Cette transformation culturelle n'aurait pas été viable sans les transformations économique et sociale, celles-ci, à leur tour, n'auraient pas été produites, sans les transformations physiques que la ville a vécues. (LERNER, 1993, 44)²³

Segundo Leonardo Oba, em sua tese de doutorado (OBA, 1999), sobre os marcos referenciais urbanos de Curitiba, podem-se ser verificadas quatro etapas distintas em sua evolução urbano-histórica. A saber:

1. Curitiba colonial: 1693 a 1853. Na qual tem-se a passagem da influência clara da Igreja para o Estado. Segundo a intenção da Coroa segue-se o modelo urbano português, cuja traçado aproxima-se do relevo e com marcos bem definidos na imagem da cidade: a Igreja, a Casa de Câmara e Cadeia, o Pelourinho e o Mercado (demolido e onde atualmente está o Museu Paranaense).

2. Curitiba *Belle Epoque* 1853 a 1930 – marcada pelo anseio à modernidade, tendo como exemplo claro a Paris de *Haussmann*. Marcos arquitetônico-referenciais: Ferroviária, bulevares, jardins públicos, biblioteca, universidade, ed. públicos e palacetes, além das ruas embelezadas. São tidas como influências do perfil do *viver urbano*: positivista, anticlerical e republicano.

²³ “ A transformação cultural, enfim, a mudança da maneira de ser e de viver de uma cidade, antes circunspeta e fechada, mas que desenvolve, no presente, alegremente, intensamente, seus espaços de lazer, seus pontos de encontro, seus teatros e museus e mesmo seus serviços, tais como o transporte comum e a coleta seletiva dos lixo residencial. Esta transformação cultural não teria sido viável sem as transformações econômica e social, e estes, não teriam sido produzidos sem as transformações físicas pelas quais a cidade passou.” Tradução nossa.

3 e 4. Curitiba dos últimos tempos, duas fases cuja inflexão é 1965 – mais especificamente a aplicação efetiva do plano conhecido como Plano Serete, elaborado pela equipe coordenada por Jorge Wilhelm. Até 1965, desenvolvendo-se sobre as diretrizes do Plano Agache, década de 1940, segundo um traçado radial, concêntrico e com eixos bem demarcados. Os novos marcos do período Agache: o centro Cívico; a Biblioteca Pública, Colégio Estadual do Paraná, Praça 19 de Dezembro, o Correio Velho, o Hipódromo do Tarumã, os Estádios de Futebol, o Centro Politécnico, o Teatro Guaíra, o Mercado Municipal. A partir do Plano Serete, nota-se uma vinculação entre cidade e discurso, com forte desenvolvimento do *city marketing*. O aumento da população durante a década de 50 e 60, fazia urgir a necessidade de uma revisão ou de um instrumento legal mais atualizado. Com a revisão de 1960 foram levantadas: 47 unidades de vizinhança urbanas e 5 rurais.

[...] se a imagem física é o estímulo primeiro para a percepção da imagem urbana, ela só se completa a partir da complexa relação que permite estabelecer com o repertório cultural individual e coletivo de uma população, de uma sociedade, de uma cultura. (FERRARA, 1997p.26).

Assim tem-se diversas imagens trabalhadas conforme os interesses inerentes a cada período, que serão trazidas no próximo item. Cidades como as capitais dos países em desenvolvimento partilham processos históricos comuns e contêm importantes semelhanças em sua existência social, tentando superar desigualdades e atingir um padrão internacional de qualidade de vida (SANTOS, 1986).

É por intermédio dos padrões culturais, amontoados ordenados de símbolos significativos, que o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive. O estudo da cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, é, portanto, o estudo da maquinaria que os indivíduos ou grupos de indivíduos empregam para orientar a si mesmos um mundo que de outra forma seria obscuro. (GEERTZ, 1989,p.228)

O viés trabalhado por essa maquinaria será tratado no item abaixo.

3.3. Planejando Curitiba:

Willian Geertz (GEERTZ, 1989), em sua obra, desenvolve duas idéias vinculadas à cultura e ao planejamento: a primeira delas define cultura como sendo não os complexos de padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos -, como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, instruções – para governar o comportamento. Já a segunda idéia é que o homem é precisamente o animal mais dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento. Por isso a busca na criação de imagens – identidade. (GEERTZ;1989;56-7)

Os projetos urbanos desenvolvidos pelo poder público ou por outros interessados difere dessa percepção ambiental informacional porque está distante do seu cotidiano e não pode, portanto, desenvolver as mesmas informações. (FERRARA, 1996, p. 70)

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

A cultura , aqui, não são cultos e costumes, mas as estruturas de significado através das quais os homens dão forma à sua experiência, e a política - não são golpes e constituições, mas uma das principais arenas na qual tais estruturas se desenrolam publicamente. Com essa reformulação das duas – cultura e política – “[...]passa a ser um empreendimento mais praticável determinar a conexão entre elas, embora a tarefa não seja modesta.” (GEERTZ;1989;207)

Nesse teatro do passado que é a memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. (BACHELARD, 1994, p. 28)

Nota-se que a partir da década de 40, planejar Curitiba esteve sempre ligado ao intuito de criar identidade. Sua evolução histórica mostra que até a década de 1940 a cidade caracterizava-se sem expressividade urbanística no panorama nacional, mas como importante nó de entroncamento. Portanto Alfred Agache, numa primeira aproximação feita sobre a cidade, já em 1941, traz à luz problemas como o saneamento, o descongestionamento e a necessidade de órgãos funcionais. Além de resolver esses problemas urbanos de cunho técnico espacial, urgia outra questão, tornar Curitiba o centro de suas próprias ações e desenvolvimento. Dentre os centros funcionais preconizados pelo plano, não é sequer citado o centro histórico. Mais tarde resgatado na idéia de coração curitibano. Portanto, ao invés de um resgate da história local, tentou-se criar uma *nova alma* para a cidade.

A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo, que se manifesta ao longo dos séculos por obras materiais, traçados ou construções que lhe conferem sua personalidade própria e dos quais emana pouco a pouco a sua alma. (CORBUSIER,p.1933,p.15)

O Plano Agache, previa uma cidade clássica, radiocêntrica, propondo uma setorização em zonas funcionais, interligadas por um sistema de vias radiais e perimetrais, capaz de resolver os problemas de uma cidade que contava com um universo de 150.000 habitantes em 1943 e ia além, ao propor diretrizes capazes de darem suporte para o desenvolvimento da capital. Notar a visão da cidade em caracol, convergindo em anéis para o centro, no croqui abaixo. Com uma rápida evolução, em 1965, a população girava em torno de 480 mil habitantes, fator este que fez surgir a necessidade de um novo plano para a cidade. Inicia-se o PLANO PRELIMINAR URBANÍSTICO BÁSICO – diretrizes para o PLANO DIRETOR, conhecido posteriormente como Plano SERETE, elaborada epal equipe coordenada pelo paulista Jorge Wilhelm.

Planejar , aos olhos dos técnicos do PPU, significava diagnosticar as necessidades e disfunções da cidade e de sua população a partir de uma razão orientada para construção de uma espaço universal para um homem abstrato.” (SOUZAd, 201, p. 111)

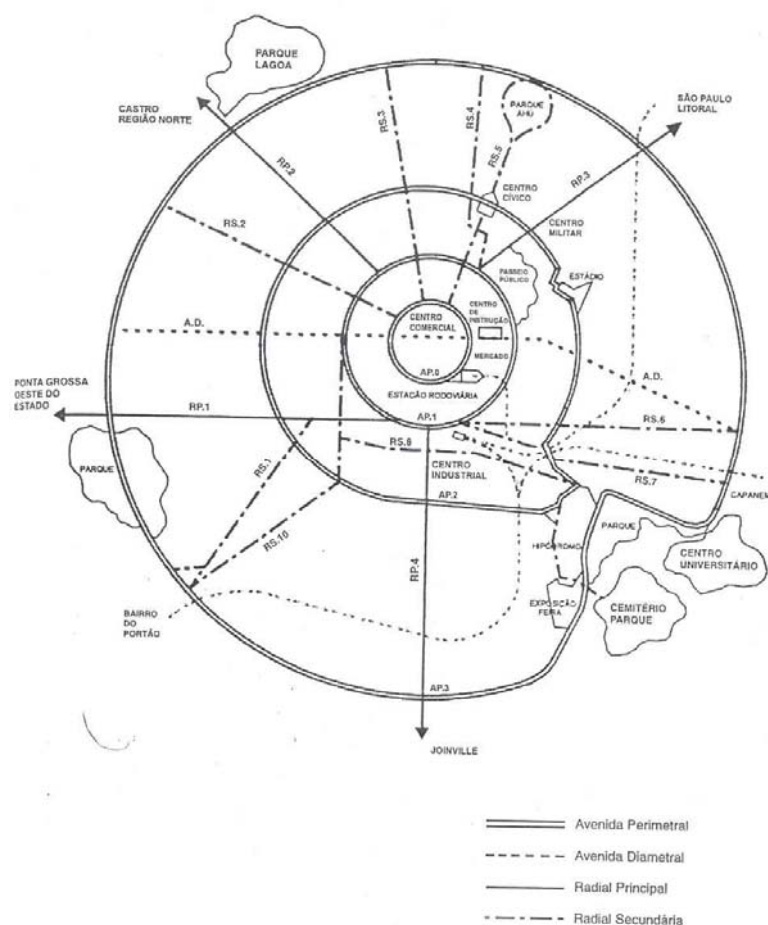


Ilustração 15 Plano Agache 1943, extraído do Boletim PMC. Plano de Urbanização. Curitiba, Ano II (12) 1943.

A partir do Plano Serete, 1965, cria-se uma cidade que surge como sujeito de suas próprias atitudes e decisões, Curitiba fala de si mesma. Em discursos proferidos pelos políticos e planejadores, a cidade decide seu próprio destino (SANCHEZ GARCIA, 1997, p.43). “Curitiba quer, Curitiba optou...” Tal discurso vincula-se diretamente ao *city marketing* de cidade classe média, onde o nível de vida é constante e não há diferenciação acirrada entre os extratos sociais.

[...] Jaime Lerner, prefeito em sua terceira gestão, 89-92, afirma que a cidade tem um bom nível de vida porque “tomou decisões certas na hora certa. Curitiba implantou com criatividade e determinação seu Plano Diretor²⁴ (Estado de São Paulo, 14-03-89 in SANCHEZ GARCIA, 1997, p.55).

Indo além:

A legislação homogeneizante, criou uma aglomeração de torres muito próximas umas das outras sem levar em conta as diferentes características dos diferentes eixos, bairros ou referenciais existentes. Esta legislação homogeneizadora acabou por ignorar as características próprias das diversas regiões da cidade. Isto fica frágante em alguns

²⁴ Grifos nossos.

casos em que antigos referenciais, em especial as igrejas acabam “desaparecendo” do perfil urbano, alinhadas que ficam, lado a lado com essas torres”. Elas próprias transformaram-se em marcos urbanos. (OBA;1998;p.280-1).

Curitiba torna-se uma cidade “classe média” com padrão de qualidade de vida mediano, homogênea, portanto consolida-se como modelo para as demais cidades brasileiras. Uma imagem criada a partir de um “amplo conjunto de elementos que caracterizam sua qualidade de vida”. Parques, avenidas estruturais, memoriais, praças, feiras populares, etc., tornam-se cruciais na consolidação de uma “Curitiba para todos”. Evidentemente tais iniciativas de planejamento apresentam resultados positivos sobretudo num incremento real na quantidade de áreas e espaços de lazer para a população, ao mesmo tempo, tornando-se instrumentos de discurso, desempenham dupla função, disseminar e corroborar para a apropriação e tais espaços, e indo além da cidade como um todo, e ratificar o “papel fundamental” de determinados personagens políticos na cena curitibana.

Pode-se perceber um momento claro de inflexão no desenvolver urbano de Curitiba a partir do Plano Serete (década de 60), e sua devida implantação, desenvolvimento e fiscalização com o então criado IPPUC. Segundo Cassio Taniguchi, ex- prefeito de Curitiba:

Era sua tarefa de delinear o mais amplo conjunto de mecanismos que possibilitasse ordenar o processo de desenvolvimento da cidade. Ao órgão fora entregue, assim, a responsabilidade de conciliar tempo e espaços urbanos para a construção de um futuro melhor aos habitantes desta cidade (TANIGUCHI,1990,VII)

Nota-se nessa afirmação a projeção e importância que tal órgão deveria desenvolver dentro do panorama do planejamento curitibano, e que efetivou-se realmente com a evolução da cidade. Segundo o ex-prefeito, a integração obtida na cidade em si, é fruto da própria interação entre os diversos profissionais que lá trabalharam desde o início “[...] da diversidade profissional de seu corpo técnico – principalmente: arquitetos, economistas, engenheiros, sociólogos – resultou uma concepção integrada de pesquisa e planejamento que considera globalmente aspectos físicos, econômicos, sociais e culturais” (IPPUC,1990,VII). Analisando o trecho que segue abaixo:

Era preciso perseguir o próprio desenho da cidade; sondar as aspirações da população e transformá-las em projetos; executar tais projetos e, às vezes, até mesmo gerenciar a execução de alguns deles. E nada foi em vão: Curitiba desfrutou da mais profunda transformação física, econômica e cultural de sua história. (TANIGUCHI,1990,VII)

Seguir o próprio desenho da cidade seria uma diretriz interessante, se tivesse sido realmente implementada. No mesmo apanhado de depoimentos obtém-se uma outra visão, sobre o mesmo plano - segue trecho do depoimento de Onaldo Pinto, engenheiro-arquiteto, na época integrante do grupo que formulou outros planos, que não o Serete, por uma intervenção feita por técnicos locais, e não um plano trazido de fora para uma outra realidade.

O Plano Serete encontrava muitos percalços, perdendo a caracterização à medida que se faziam as ligações entre as estruturais. O zoneamento rígido era intransponível;

zoneava-se a cidade para classificar sua ocupação indesejável e antidemocrática, aos urbanistas não cabe dizer o que devem ou não as pessoas fazer, cabe ao mesmo orientar o caminho certo permitindo que as pessoas encontrem a satisfação das suas próprias decisões. A cidade deve se libertar, permitindo tudo o que não lhe seja prejudicial. Não se pode restringir nem impedir a quem quer que seja de morar onde desejar; com zoneamento rígido se dificulta uma desejável integração social. (PINTO,1990,p.48)

Discurso oficial *versus* discurso real, ou somente uma questão de posicionamento político? Nota-se que apesar da tentativa de ministrar a elaboração de um plano mais próximo à realidade curitibana, o que ocorreu foi a personificação de uma cidade, através de um suporte técnico exógeno, muito bem embasado e que visou recriar uma nova imagem. O que se buscava na década de 70 (OBA,1999, p.241): mudar a conformação radial de expansão da cidade para uma conformação linear, integrando os transportes ao uso do solo, afim de descongestionar a área central e preservar o centro tradicional, além de conter a população de Curitiba dentro dos seus limites físico – territoriais, dando um suporte econômico ao desenvolvimento urbano e finalmente propiciar equipamento global à cidade.

Também é característico do traço modernista global a aposta no planejamento global como empreendimento capaz de superar as contradições sociais a partir tão - somente da redefinição do espaço. (SOUZA, 2001,p.108)

A consolidação desse processo nos anos 1970, foi beneficiada pelo contexto político nacional da década, com condições de ordem política e econômicas externas ao município. (MOURA, 2001,p.209)

A modernização urbana de Curitiba se fez num contexto nacional de ascensão das forças burocrático-militares e de fortalecimento da ideologia do planejamento racional e, especialmente, da crença do poder da Arquitetura e do Urbanismo no ordenamento do espaço e na (trans)formação do comportamento das camadas mais pobres da população. (SOUZA,2001,p.107)

À época foram feitos diagnósticos sobre a população de Curitiba, bem como a vocação da cidade, mesclando à organicidade da cidade, mas “[...] nas fendas do discurso técnico emerge com vigor o conteúdo político das decisões tomadas.” (SOUZA,2001,p.108).

Observe os quatro trechos seguintes, sublinhados em pontos relevantes:

Ney Braga, então prefeito:

[...] trouxemos de São Paulo o engenheiro Prestes Maia, que era na época um dos maiores urbanistas do Brasil e a quem muito se deve na elaboração do plano da cidade. (IPPUC,1990,03)

Tudo isso era discutido e resolvido em conjunto na Prefeitura. (BRAGA,1990,05)

Karlos Heinz Rischbieter, na época funcionário da CODEPAR (Companhia de Desenvolvimento do Paraná)

Então, acho que houve uma combinação rara de acontecer na história de planos em geral: Curitiba teve uma pessoa disposta a fazer um plano; teve outra que concebeu com genialidade o plano, que foi o Jorge Wilhelm , e teve uma equipe depois que tinha

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

desde pessoas geniais que conseguiram traduzir aquele plano em realidade até executores. [*e a população?*] (RISCHBIETER, 1990, 17)

Jorge Wilhein, o planejador:

Então, quando ele foi lançado, a imprensa toda já lançou como uma coisa francamente aplaudida pelos maiores luminares do urbanismo. Então foi feita esta montagem, bem sucedida e depois, evidentemente, ficou provado que pedestrianização era um sucesso comercial. (WILHEIM, 1990, 34)

Onaldo Pinto de Oliveira, engenheiro-arquiteto, que na época, participou com outro Plano, que não o Serete.

[...] um desenho trazido de São Paulo por alguém que provavelmente não conhecia Curitiba; um desenho que pretendiam impor à cidade, desconhecendo suas reais necessidades, suas tendências de crescimento e suas vocações de uso. (PINTO, 1990, 43)

Ocorreu-nos que estávamos reconhecendo o projeto que se delineava; era o Plano Agache, sobejamente conhecido, radial, perimetral. Estava o Plano Serete se transformando em um projeto radical concêntrico. (PINTO, 1990, 45)²⁵

Não se pode negar a eficiência de muitos empreendimentos levados a cabo nesse período, mas é inegável a manipulação dos interesses sociais, ou melhor dizendo sua camuflagem através de uma retórica eficaz. Discurso vivido e transformado em experiência real. Nota-se que em diversos trechos acima citados o interesse político é sobreposto ao interesse coletivo, que não é referenciado. O plano resulta de interesses muito específicos, sob a ótica tecnocrática e atualmente assume uma nova vertente desenvolvida internacionalmente: o *city marketing*. A partir da década de 80 fez-se necessário despertar o curitibano para sua cidade, portanto humanizada, na valorização do passado, e daí o centro histórico, o respeito ecológico, os parques, e a recuperação de seus marcos fundamentais como a Rua XV. A maior parte dos ícones curitibanos atuais vêm da 3ª. Gestão de Jaime Lerner 1989-1992 e de Rafael Greca de Macedo 1993-1996. Num viés pós-moderno de resgatar identidades, acumulando estilos do passado. E dos lugares da memória, como o Largo. A continuidade das gestões foi um dos pontos fortes na manutenção e na eficácia das diretrizes do planejamento. A equipe de técnicos do IPPUC, mais os pactos feitos junto às elites econômicas e políticas propiciou a solidez desta instituição, e a criação daquilo que Rosa Moura intitulou: *uma cultura de identificação com o plano*.

Essa realidade leva a concluir que o modelo de planejamento e gestão urbana de Curitiba é um modelo inacabado, consolidado a partir das desigualdades socioespaciais internas e de sua área metropolitana, o que confirma a 'funcionalidade do papel desempenhado pelos municípios vizinhos na absorção de mazelas sociais e ambientais' da região. (SANCHEZ GARCIA, 2001, p. 173)

²⁵ Todos os grifos são do autor

Houve também a formação da idéia de uma equipe de técnicos que não tem outro interesse senão o bem estar do cidadão curitibano, sendo eles os únicos responsáveis pelo destino da cidade. (MOURA, 2001,p. 211)

As representações que se impõem nas disputas pela produção do espaço não absorvem a complexidade dessa diversidade social, construindo-se mediante intencionalidades que se sobressaem perante a heterogeneidade de agentes e segmentos, obscurecendo interesses que não os próprios. Ao reproduzirem simbólica e parcialmente as relações da sociedade, acabam produzindo, pelo exercício do poder, uma realidade virtual, mas que se apresenta como verdadeira. (MOURA,2001,p. 215)

Ao recriar as imagens ressalta-se uma estreita relação entre o resultado do planejamento – a cidade modificada - e as relações sociais da comunidade. Sua alteração é um processo inevitável quando não são avaliadas com antecedência ou mesmo sem que se tome o cuidado de levá-las em consideração durante o processo de planejamento.

[...]o espaço é resultado material de práticas sociais cotidianas, que espelham modos de vida e preferências da população. (PEREIRA, 2003,p.17)

A prática cotidiana de vivenciar os parques, é outra questão interessante a ser levantada. Sem grandes dotes naturais como praias ou lagos, e seus rios poluídos em sua quase totalidade, restou aos curitibanos o desenvolvimento do lazer atrelado aos parques. E neste ponto surgiu um nicho para relacionar a imagem de Curitiba, a uma cidade com qualidade de vida, com natureza abundante, agregando novos pontos à imagem curitibana, ao *city-marketing*. Mas os parques disseminaram mais que a imagem de uma cidade ecologicamente correta, penetraram no imaginário coletivo, ao fazer alusão a grandes monumentos clássicos, como a Ópera de Arame, o Jardim Botânico, e mesmo a grande praça do Parque Tanguá, com forte referencial neo-clássico renascentista. Além do apelo visual evidencia-se o discurso das origens do *curitibano* pois que existem memoriais variados para etnias diversas que compuseram o *patchwork* local. Recriar identidades existentes é uma maneira de atingir dois objetivos: ratificar o simbolismo de Curitiba como terra de todos os povos, e em paralelo, aproximar a população e turistas dos espaços públicos criados.

As políticas para a ordenação espacial conseguem assim, reforçar o simbolismo do meio físico ao basearem-se no princípio de que a ordem no espaço certamente garantirá a ordenação na vida da população. (PEREIRA,2003,p.11)

3.4. O largo e sua história – a área exemplo.

Antes de discorrer sobre o Largo da Ordem, será feita uma breve exposição do bairro no qual ele está situado – o São Francisco.

A história e o nome do bairro se confundem com a história da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas. O primeiro nome pelo qual se identificou a região foi Pátio de Nossa Senhora do Terço. No entanto, a partir de 1752, em virtude da transferência da igreja aos religiosos franciscanos, o histórico local passou a ser

chamado de Pátio de São Francisco das Chagas. Essa nomenclatura sobreviveu durante todo o século XVIII até meados do século XIX. Em 1860, documentos já registram o nome de Largo da Ordem Terceira de São Francisco. O tempo e a tradição popular foram encurtando o nome do bairro. No início do século XX, os primeiros mapas com divisão de bairros em Curitiba já indicam a região com o nome de São Francisco. (extraído do site o Urbanauta de Curitiba data do acesso 10/12/2006)²⁶

Há uma série de histórias que permeiam a região, como a existência de túneis que uniam Curitiba à Paranaguá, a existência de tesouros, etc, fruto da imaginação dos primeiros moradores que ali se instalaram, os quais foram os primeiros habitantes de Curitiba. Por ser uma região topograficamente alta, o casario descia rumo ao Passeio Público, então um charco e rumo a Praça Tiradentes, marco zero da cidade. Interessante lembrar que as torres da antiga matriz foram construídas com as pedras das ruínas do São Francisco. É uma região considerada pólo de cultura e das artes, possuindo entre outros, quatro museus e quatro teatros. Segundo o censo 2000, o bairro possui 21.568 habitantes, em uma densidade média de 47,21 hab contra 36,37 hab na média da cidade. Segue o mapa do bairro.

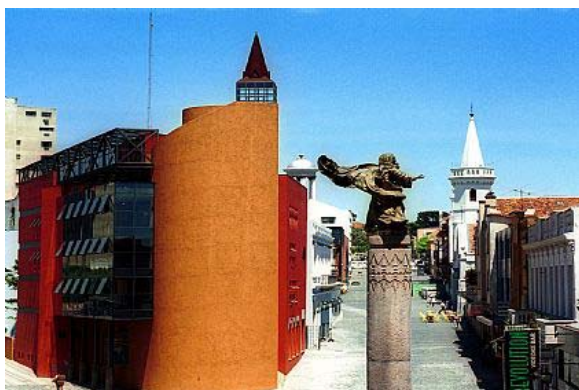


Ilustração 16 Casa da Memória e Obelisco N° Sr° da Luz



Ilustração 17 Vista Aérea do Setor Histórico



Ilustração 18 Memorial de Curitiba



Ilustração 19 Feira Dominical

²⁶ <http://www.bonde.com.br/urbanauta/bairros/saofrancisco.htm?bairro=saofrancisco.htm>

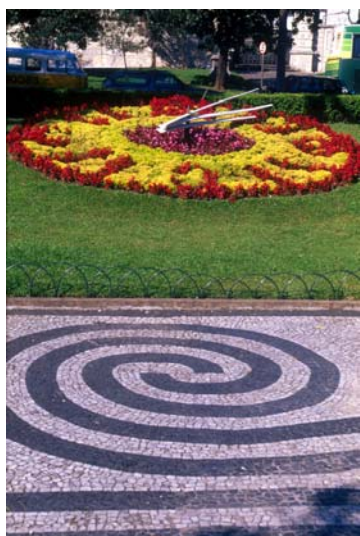


Ilustração 20 Relógio das Flores



Ilustração 21 Vista Aérea Praça João Candido

Ilustração 22 Caracterização do Bairro por fotos²⁷

Pelo panorama acima trazido de fotos, nota-se uma paisagem fortemente marcada pela arquitetura eclética, aliada a arranha-céus da metade do século XX, na maioria de forte apelo da escola modernista paranaense e algumas intervenções contemporâneas, como o Memorial de Curitiba, o Conservatório de Música, entre outros. Remete à vida tradicional do curitibano, e, apesar de estar próximo ao centro, ainda concentra alguns pontos tradicionais, com padarias e lojas antigas e conhecidas, que fazem parte do dia-a-dia curitibano. Acrescenta-se a isso a imagem do largo como setor histórico e todo o bairro ganha a dimensão de ponto central na história local. Todas essas características exemplificam muito bem o conceito de imaginabilidade trabalhado por Lynch, e trazido no corpo desta pesquisa.

Através desses ícones arquitetônicos fortes na paisagem e desses marcos e nós que configuram os pontos principais desse bairro identifica-se a legibilidade espacial aliada à visibilidade. Essa disposição permite, como será visto posteriormente, a criação de imagens mentais muito claras, e com elementos de fácil identificação, permitindo a compreensão da estrutura do ambiente. E por que isso é importante? Para que sejam retomados os três conceitos: identidade, estrutura e significado, de maneira a haver sempre a proposição de diretrizes e projetos conscientes daquilo que já existe, quer fisicamente, quer no plano do imaginário.

²⁷ Fotos extraídas do site: <http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/curitiba/bairros/bairro.asp?bcod=64&codgrupo=7>, acessado em 20 de dezembro de 2005.

Imaginemos o silêncio em que estava mergulhada a Curitiba nos seus primeiros tempos. O som campestre, esporádico, dos insetos, pássaros e animais. Mesmo as casas “urbanas” costumavam ser ocupadas somente nos domingos e dias de culto obrigatório. Isso reforçava a aparência geral de ausência, do tempo parado, do silêncio. O romper desta madorra pelo soar inconfundível do sino, parecia quebrar este encanto, remetendo todas as atenções para um só ponto: a Capela. (OBA, 1999, p.114).

Esse relato poderia referir-se a muitas das cidades brasileiras do século XVIII e XIX. Se o perfil das cidades era o mesmo, pelo menos daquelas que não apresentavam nenhuma particularidade natural ou configurava-se num ponto notável na economia e/ou política nacionais, a partir do século XIX, inicia-se uma busca, cada vez mais forte pela construção de uma cultura nacional e local. Assim resgatando lendas de formação e criando novas imagens buscam-se os marcos referenciais para a consolidação dos centros urbanos uns face aos outros. Desse ponto partiu-se para um recorte mais específico, o Largo da Ordem.

Um recorte histórico que retrata o processo de desenvolvimento e construção da imagem urbana. Extrapolando a própria escala da atualidade e do uso cotidiano, tal espaço inseriu-se no imaginário coletivo, imagem que reflete algo vivido que não corresponde mais ao que se observa. Transformado em símbolo da história curitibana ao lado da Rua XV e dos parques, hoje sofre com o descaso legal, suporte que não lhe configura usos em diversidade suficiente para a manutenção de uma vida constante, ao contrário, um corredor de passagem emoldurado pelas fachadas históricas, ou mesmo a recriação de uma história que não é a sua oficial.

Há dúvidas se o local inicial do novo povoado teria sido precisamente na atual Praça Tiradentes. Há autores que apontam o Alto do São Francisco donde teria “se derramado o casario, no sentido sul e leste, atraídos os povoadores, como é natural, pela facilidade do abastecimento de água dos rios Ivo e Belém” (POMBO, Rocha, apud OBA 1999, p. 70).

A princípio será feita uma tentativa em traçar um paralelo entre o espaço real, e as definições já delineadas acima. Observe o esquema abaixo, montado a partir dos conceitos de Kevin Lynch, que elucidam bem a citação:

Na produção do espaço na cidade, seja privado ou público, existe, portanto, uma separação não só entre o fazer e o pensar, mas também entre estes e o usufruir. (PROSANTO, 2005, p.52).

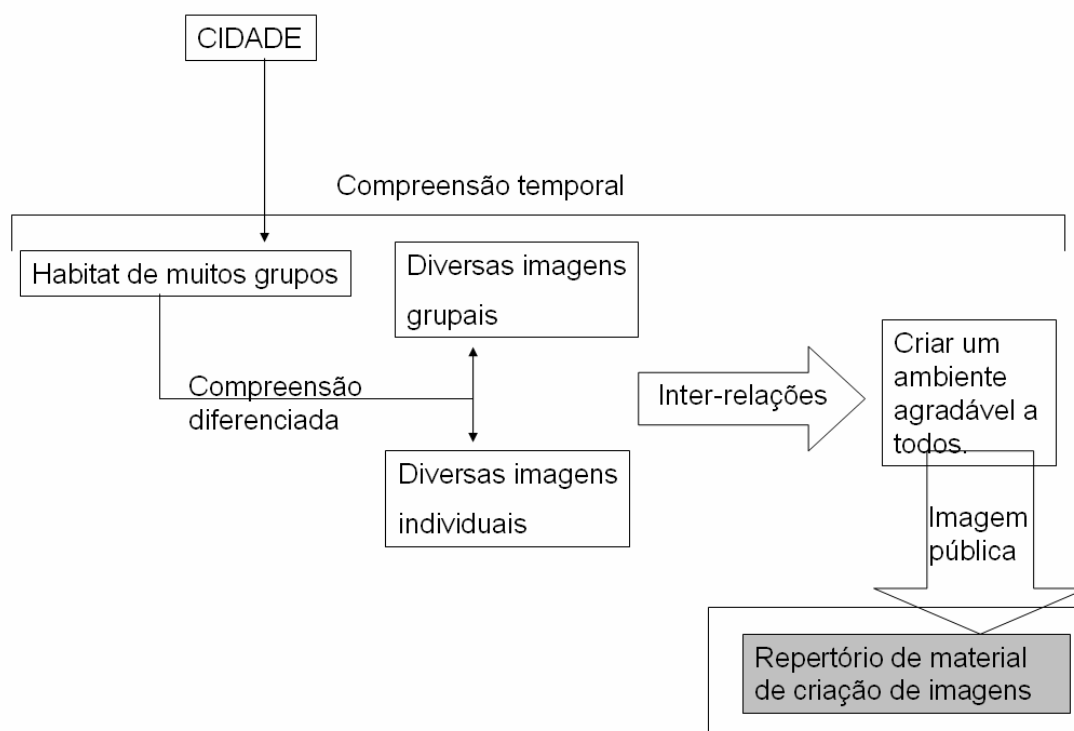


Ilustração 23 Cidade (Lynch, 1997, apêndice B) Organização nossa.

Os itens delineados por Lynch encaixam-se bem ao objeto estudado, sobretudo quando a questão temporal é inserida no desenvolver do espaço. Segue abaixo um breve relato sobre o desenvolver de tal recorte no tempo, para que seja compreendida a criação do *repertório de material de criação de imagens*, como na ilustração acima.

Na minha visão, para que essa participação seja possível, as pessoas precisam apropriar-se de seus lugares de vida, tendo deles uma visão crítica, processo que se entrelaça com a construção da cidadania. (PROSANTO, 2005, p.99).

Além da classificação das edificações em: Unidades de Monumento, Unidades de Acompanhamento e Unidades In-características houve uma série de intervenções visando criar atrativos à animação local, considerados por Alzira Krebs (KREBS, 2002) como amenidades dentro do conceito de urbanidade: Relógio da Flores (face à Igreja do Rosário), bancas de flores e revistas, despoluição visual, iluminação com maior tratamento cênico e restauro e uso de edifícios históricos para fins culturais. E mesmo a partir da década de 90 uma série de intervenções foram feitas, acarretando um re-direcionamento nos marcos visuais, como o Memorial de Curitiba e a Fonte do Cavalo, que “roubaram” a cena dos antigos elementos consolidados.

O primeiro estudo para o Setor Histórico de Curitiba foi elaborado em 1966, no IPPUC, sob a coordenação do Arquiteto Jaime Lerner. Coube àquele trabalho a delimitação do Setor, bem como as idéias básicas que se constituíram no ponto de partida para este Plano. (CYRO, 1970,s.p.).

Em frente à Igreja do Rosário, esquina com a Praça Garibaldi, foi instalada a Fundação Cultural, no antigo Casarão Fredolin Wolff, tendo sido tombada e restaurada. Único exemplar remanescente da arquitetura colonial luso-brasileira, o Armazém Roque foi desapropriado para a instalação da Casa Romário Martins – arquivo da memória de Curitiba. Junto com a Igreja S. Francisco de Assis e da Chagas constitui o edifício mais antigo do centro histórico. Seu acervo foi levado para a “Casa da Memória”. No Largo Coronel Enéas foram propostos elementos de animação como a Feira da Praça Zacarias, transposta para o local, dominical e que conta com diversas atrações, além da festa realizada anualmente, desde 1978, Festa de São Francisco da Ordem. Sob uma grande tenda branca são realizados diversos espetáculos de música e dança, espetáculos populares, além de alimentação típica e barracas de artesanato. Em 1981 foi instalado o Museu de Arte Sacra na Igreja da Ordem Terceira de São Francisco e das Chagas.

O Largo Coronel Enéas é assim chamado desde 1917. Já foi Pátio de Nossa Senhora do Terço, Largo da Ordem, Pátio da Capela e Pátio de São Francisco de Chagas. Em seu centro teria existido um chafariz que foi demolido quando da instalação de água e esgoto. Mais tarde recebeu um bebedouro para animais. O largo foi um dos pontos de reunião dos colonos com as suas carroças para comercialização de seus produtos. Além da Igreja da Ordem o largo é cercado por um conjunto de edificações de interesse histórico, a maioria já restaurada e em uso comercial ou cultural. (OBA, 1999, p. 255).

Foi formado um complexo de igrejas composto pela Catedral, e pelas Igrejas Nossa Senhora do Rosário e a Igreja da Ordem. Aos poucos foram se integrando à Catedral. Formando uma estrutura urbana sacralizada.

Uma delas, em 1737, sob a invocação de Nossa Senhora do Terço, [...]Esta capela hoje conhecida como a **Igreja da Ordem** ficaria sob os cuidados da Ordem Terceira fundada pelos Padres Franciscanos em 1746.

A outra capela surgiu pelo esforço dos escravos em homenagem ao seu santo padroeiro São Benedito. Foi construída no alto da Rua do Terço ou São Francisco de Paula, junto à Praça Garibaldi. Não há informações sobre a data exata da construção da Igreja do Rosário. Presume-se que tenha sido construída pelos escravos em 1737. Era chamada de *Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito*. “ (OBA, 1999, p. 120).

Assim foi sendo configurado espacialmente o largo. Quatro exemplares do ecletismo encontrado no Largo: a Igreja do Rosário (Igreja do Rosário dos Pretos de São Benedito), compondo com a Sociedade Garibaldi, em frente ao relógio das flores e na esquina oposta à Igreja Presbiteriana, inaugurada em 1935 e cuja torre marca o entorno, e o Solar do Rosário, que abriga hoje atividades culturais, além de uma galeria, sendo um imóvel particular.

O alto do São Francisco. Há quem diga que teria sido este o local inicial do povoamento que deu origem à cidade de Curitiba. As “Ruínas do S. Francisco”, na Praça João Cândido, na realidade nunca ruínas. Trata-se da Igreja de São Francisco de Paula

que nunca foi concluída. [...] o plano de revitalização propunha sua utilização retirando o gradeamento que impede a aproximação dos visitantes. As ruínas foram mantidas como tal e integradas ao conjunto com medidas paisagísticas. (OBA, 1999, p.256).

Apesar de uma série de lendas que estão relacionadas às ruínas, o fato é que elas hoje estão presentes na imagem do lugar e também no imaginário coletivo, mesmo que não incidam especificamente com o ponto de formação de Curitiba.

A cidade foi buscar a preservação das formas urbanas do passado cujo valor se revela e diz respeito somente aos moradores e dificilmente é percebido em outras instâncias. (OBA, 1999, 257).

Buscou-se aliar o tombamento a uma constante revalorização das construções antigas, constituindo novos marcos referenciais para a cidade.

É necessário também promover a conscientização popular pelo valor do bem cultural e conquistar a sua participação ativa. Para isso é preciso resgatar o sentimento de pertencer ao lugar e o orgulho por essa identidade reconquistada. Ai cresce a importância da iniciativa municipal, assumindo o papel de indutor na vida cotidiana das comunidades pela valorização das suas características culturais. (OBA,1999, p.258).

O monumento não é apenas o palácio mas todo o movimento social aí implícito que, por relações de dominação ou de exploração, tornou possível a sua concretização. (OBA, 1999,p. 260).

O espaço foi tombado, uma série de medidas foram tomadas no que concerne a manutenção das fachadas e do gabarito no local, mas ainda assim o espaço permanece como cenário de circulação, salvo nos domingos e nas festas. As relações sociais e o movimento cotidiano, trazidos na citação acima, não foram resguardados. Assim, partiu-se para a pesquisa de campo, como maneira de compreender tal distanciamento entre a imagem e a realidade.

4. O método

"O que não me contam, eu escuto atrás das portas. O que não sei, adivinho e, com sorte, você adivinha sempre o que, cedo ou tarde, acaba acontecendo." (Dalton Trevisan)

A seqüência de construção do modelo de análise partiu de um questionamento sobre qual tipo de pesquisa seria seguido. Pelos objetivos delineados evidenciou-se a pesquisa qualitativa.

Inicialmente buscou-se a construção conceitual dos termos utilizados. Trabalho esse constituinte de toda a etapa relativa ao referencial teórico e à fundamentação metodológica que encaminhou a pesquisa. E o que são conceitos? "[...] conceitos que são construções de sentidos" (MINAYOa,1994,p.20). E por que essa construção relacionada a um objeto real?

A compreensão efetiva do Largo aconteceu através de sua leitura feita numa abordagem holística ou seja buscando os significados intrínsecos aos espaços e aos objetos edificados, acrescida da busca da já referenciada imagem contida tanto nos desenhos quanto nas entrevistas coletadas. O significado foi traçado, juntamente com a estrutura e com a identidade, em um viés sociológico, ressaltando a visão do usuário, essa foi a essência do trabalho desenvolvido.

[...]o SIGNIFICADO é o conceito central para a análise sociológica. Numa oposição frontal ao positivismo, a sociologia compreensiva propõe a subjetividade como fundante do sentido e defende-a como constitutiva do social e inerente ao entendimento objetivo. Essa corrente não se preocupa de quantificar, mas de lograr explicar os meandros das relações sociais consideradas essência e resultado da atividade humana criadora, a efetiva e racional, que pode ser apreendida através do cotidiano, da vivência, e da explicação do senso comum.(MINAYOa, 1994,p.11)

Da mesma autora faz-se o regaste da provisoriedade, da dinamicidade e da especificidade como características fundamentais de qualquer questão social (MINAYOa,1994,13), portanto a formação social específica de uma sociedade depende tanto de seu espaço físico quanto de configuração social. Há entre o observador e seu objeto uma estreita relação, identidade, como chamou a autora, que deverá objetivar as estruturas sociais a fim de conferir sentido a seu trabalho intelectual aliando a isso os significados e intencionalidades encontrados nas ações e construções humanas.

Urge compreender a complexidade referente ao objeto, sobretudo no que concerne à totalidade de sua estrutura, quer física, real, social, imaginária, de usos e funções, dessa maneira compreendendo-o e analisando-o também, mas não somente, segundo seu viés histórico. "O objeto de estudo possui consciência histórica." (MINAYOa, 1994, p.20).

A busca por essa consciência histórica efetivou-se na estruturação desses fatores afins. Os conceitos trazidos da teoria foram confrontados em observações práticas, afinal sua problematização aconteceu sobre observações empíricas do autor. “Nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar um problema da vida prática.” (MINAYOa,1994,17). A idéia é a de aplicar o método de entrevista e de mapas mentais, aliados a uma pesquisa documental. Acompanhar os usuários de tal espaço, e por usuários entende-se vendedores das lojas, funcionários de espaços culturais, e os artesãos e artistas que expõem na feira dominical, além é claro dos transeuntes e usuários. Compõem-se em algumas perguntas prévias cujo interesse foi o de descobrir como está presente o Largo em seu imaginário e cotidiano, daí a necessidade dos mapas mentais, conceituais e cognitivos, para o cruzamento dos dados obtidos.

O depoimento resgata a memória das pessoas, aquilo que está contido no imaginário coletivo e que portanto vem sendo transmitido há algumas gerações e passa a ser consolidado como senso comum. Curitiba consolidou seus bairros em paralelo à imigração, muito de sua identidade vincula-se portanto às próprias colônias e baseia-se na relação que estas tinham com o centro.

4.1. Pesquisa qualitativa: o que é?

A abordagem acima citada sobre o levantamento documental foi acompanhada de constantes visitas ao local, observações em diferentes momentos do dia e da semana. Por que? Para que possa ser compreendida a relação usuário- espaço real. Observação sobre o público acompanhada através de fotos, entrevistas e desenhos feitos *in loco*.

Oralidade e escrita estão presentes em simultâneo para a antropologia, que deve fazer reviver a experiência direta com pessoas distantes, dando voz e subjetividade ao informador[...] (CANEVACCI;1997;104)

Em LAKATOS & MARCONI (1990,p. 20-21), buscou-se a espinha dorsal da presente pesquisa. Trata-se de um trabalho que a princípio deve tecer uma costura interdisciplinar. Cujas utilizações dos resultados será aplicada, tendo como processo de estudo tanto o histórico quanto o comparativo. Os dados são de duas naturezas, tanto objetivos, no caso dos conceitos propriamente, quanto subjetivos, no caso de opiniões e atitudes, relativos à cultura. Foram necessários tanto dados primários quanto secundários. Com isso chegou-se ao nível de interpretação de uma pesquisa identificativa e descritiva.

Técnica é um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte; é a habilidade para usar esses preceitos ou normas, a parte prática. Toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos. (LAKATOS & MARCONI,1990,p.57).

Com relação ao universo amostral entendeu-se que um grupo formado por cinquenta entrevistados seria o suficiente para a validação do método experimentado, na verdade somando-se os entrevistados do piloto-teste e as entrevistas efetivas foram atingidos um total de 49 mapas. Assim o ponto focal foram os

significados obtidos, que se comprovaram desde as primeiras entrevistas e desenhos feitos. A repetição para além do número convencionado acarretaria um esforço desnecessário para o escopo dessa pesquisa.

[...] a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível nas equações, médias e estatísticas. (MINAYOa, 1994, p. 22).

Dessa maneira constituiu-se a base para a aplicação dos mapas mentais, conceituais e cognitivos. E sua conseqüente abertura para o método de análise multi-critério. Foram buscados três grupos de usuários para as entrevistas, o primeiro grupo contém aqueles que trabalham em tal espaço e em suas imediações. O segundo pessoas que estavam presentes por motivos diversos e o terceiro por indivíduos que não estavam presentes no local, a fim de contrastar diferentes percepções conforme a presença ou não e a frequência de uso. Quanto à amostra, por não se tratar de uma pesquisa quantitativa, a quantidade estimada ficou em torno de cinquenta usuários, generalizando os resultados da *parte* (amostra) para o *todo* (população) (BARBETA, 2001, p. 17) E qual a razão em se trabalhar com amostras? Quatro são as razões trabalhadas por Pedro Barbeta: economia, tempo, confiabilidade dos dados e operacionalidade.

[...] temos as situações em que conhecemos muito pouco sobre o universo a ser estudado. Nestes casos, podemos realizar uma *pesquisa qualitativa*, observando detalhadamente um pequeno número de elementos, sem uma formulação criteriosa das características levantadas. Neste tipo de pesquisa não se costuma aplicar métodos estatísticos [...](BARBETA, 2001, p. 25).

Foi trabalhado com uma amostra não aleatória, afinal “[...] as técnicas de amostragem não aleatória procuram gerar amostras que, de alguma forma, representem razoavelmente bem a população de onde foram extraídas.” (BARBETA, 2001, p. 55).

O perfil dos entrevistados:

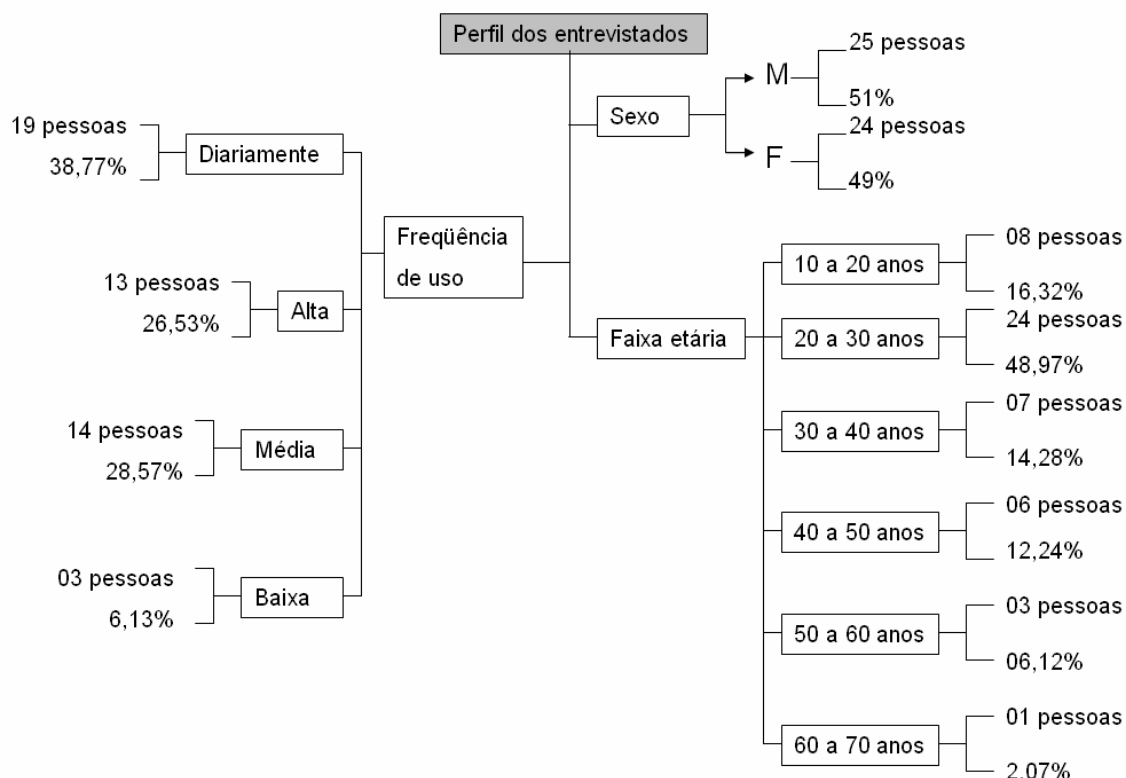


Ilustração 24 Perfil dos usuários

Perfil do usuário, conforme a frequência de uso: alta (diariamente até duas vezes ao mês), média (de uma vez ao mês até uma vez a cada dois meses), baixa (menos de uma vez a cada dois meses).

Nota-se haver praticamente igualdade na presença entre os sexos, pois o número de homens e o de mulheres foi praticamente o mesmo. Isso retrata o perfil de diversidade das pessoas que utilizam o local, o mesmo acontecendo com as faixas etárias. Encontraram-se pessoas de todas as idades, distribuídas da seguinte maneira: de 10 a 20 anos e de 40 a 50 os números foram muito próximos, correspondendo a primeira faixa etária a presença de colégios e cursinhos no entorno. A segunda é tanto de trabalhadores quanto turistas e usuários do local. A presença maciça foi de jovens na faixa de 20 a 30, muitos que trabalham no local, outros apenas o freqüentam aos domingos durante a feira ou os bares à noite. A faixa etária acima dos cinquenta foi menos representativa no trabalho, mas na observação feita em campo mostrou-se em grande quantidade também, sobretudo na feira dominical. As demais pessoas entrevistadas, que não estavam no local, também estão compreendidas num universo de diversidade etária. Quanto à frequência de uso, obviamente no grupo de trabalhadores a frequência é diária, e para as outras amostras as frequências alta e média foram praticamente iguais, denotando um espaço presente no cotidiano de boa parcela dos entrevistados.

4.2. Os mapas mentais, conceituais e cognitivos:

De maneira sintética, os mapas mentais aqui trabalhados correspondem aos desenhos obtidos junto à comunidade, dos quais foram extraídos os conceitos. Essa extração dos conceitos, dentre os muitos caminhos, foi baseada aqui na estrutura, significado e identidade de Lynch, mais as qualidades da forma, de maneira a traçar um paralelo e criar um método de análise que permita cruzar os conceitos teóricos com a aplicação prática.

Em um mapa mental bem elaborado, os símbolos são reduzidos ao mínimo necessário para representar as idéias relevantes para alguma compreensão ou ação, conforme o caso. (In: <http://www.mapasmentais.com.br/artigos/artigos.asp>, acessado em 15/09/2005).

Assim, com a aproximação de conceitos afins, pode ser traçada um mapa conceitual, aqui também chamado de diagrama conceitual para a sistematização da etapa seguinte, a formulação do mapa cognitivo.

O mapa mental e o cérebro:

A natureza dos Mapas Mentais está intimamente associada com as funções do cérebro, podendo estes ser utilizados praticamente em todas as atividades e que estejam envolvidos os processos de pensamento, memória, planejamento ou criatividade,...] (SOUZAb, 2004, p.148).

O apoio buscado nos mapas mentais, basicamente, facilita o registro das informações, sua organização e a posterior recuperação destas.

Esse processo de análise e construção da análise foi baseado em um modelo multicriterial, ou seja, na Metodologia Multi-critério de apoio à Decisão. Segundo Leonardo Ensslin, (ENSSLIN, 1996), existem três fases para a construção de um modelo, a fase de estruturação, a fase de avaliação e a fase de recomendações. Esse processo não deve ser linear e seqüencial – porém deve estar sendo realizado de maneira cíclica e interativa, portanto dinâmico.

1. Fase de estruturação:

- Construção do mapa cognitivo
- Árvore de Pontos de Vista
- Construção dos descritores

2. Fase de avaliação:

- Construção da função de preferências
- Construção da escala de preferência local
- Determinação das taxas de compensação
- Identificação do perfil de impacto das ações e avaliação global
- Análise de sensibilidade dos resultados.

3. Fase de elaboração das recomendações, essa fase é a que compreende o delineamento das diretrizes de planejamento.

Assim a leitura da cidade, leitura tão necessária à ação do arquiteto quanto dos demais técnicos relacionados ao urbano, revela o olhar que “destrincha ou esmiúça a sua significação mais íntima, expressa ou explicita a compreensão do mundo,[...]a inteligência da vida na cidade, o sonho em torno desta vida, tudo isso grávido de preferências políticas, éticas, estéticas e urbanísticas de quem o faz”. (PRONSATO, 2005, p.49).

Anterior à fase de estruturação, e para que possam haver subsídios necessários para esta, elaboram-se os mapas conceituais, com base nos mentais.

4.3. Explicando...

O que as pessoas percebem? A partir do todo espacial, são apreendidas partes menores, conforme os elementos dispostos, a partir da simultaneidade de informação contida, num primeiro momento, a apreensão passa do campo visual ao campo da memória. Segundo as citações abaixo:

Os elementos visuais constituem a substância básica daquilo que vemos e seu número é reduzido: o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento. Por poucos que sejam é matéria prima de toda informação visual em termos de opções e combinações seletivas. A estrutura visual é força que determina quais elementos visuais estão presentes, e com qual ênfase essa presença ocorre. (SOUZAb, 2004, p.148).

A força maior da linguagem visual está em seu caráter imediato, em sua evidência espontânea. Em termos visuais, nossa do conteúdo e da forma é simultânea. É preciso lidar com ambos, como uma força única que transmite informação da mesma maneira. (SOUZAb, 2004, p.166)²⁸.

A partir da tomada de conhecimento sobre o artefato, visualmente e sua apreensão pelo processo cognitivo, são arquivados os conceito-chave. Em que consistem? Na busca pela compreensão de um objeto, são elementares os conceitos-chave, pois o cérebro associa imagens e ou palavras a ganchos dos quais provem os conceitos, portanto:

O essencial do processo de lembrar é da mesma natureza do Conceito-chave. Quando as pessoas descrevem livros que leram ou lugares que visitaram, não o fazem “relendo” o que se encontra na memória. Procedem a uma revisão dos conceito-chave que esquematizam as personagens, locais e acontecimentos principais acrescentando-lhes detalhes descritivos de forma semelhante a única palavra ou frase-chave despolerá todo o conjunto de experiências e sensações. (SOUZAb, 2004, p.196).

²⁸ Grifos do autor

Assim, a partir dos conceitos-chave, serão extraídos os conceitos meio, ate chegar aos pés dos ramos obtidos. As pessoas constroem imagens a partir de sua vivência, e é essa construção que será buscada através dos mapas. A imagem mental buscada portanto, vincula-se tanto àquela trazida pela própria vivência dentro de tal recorte espacial, quanto aquela que refere-se à mídia, ou seja, através de apelos turísticos, ou mesmo trazidos pela imprensa local. A imagem mental, formada portanto, tanto pela vivência quanto por informações trazidas será recuperada sob a forma de desenhos.

Chamou-se de imagem mental o fenômeno psíquico da associação da memória dos eventos com seu sentido subjetivo e individual de valoração. Supõe-se que essa associação seja feita a partir das vivencias e tenha por finalidade principal a orientação física e a estabilidade emocional. Sua construção consiste na criação de um modelo abstrato do meio ambiente e de tudo o que nele ocorre, modelo no qual se encontram dinamicamente conectadas as diversas informações, dos valores aos desejos individuais e coletivos. [...] A imagem mental é , pois, um modelo do mundo. (JODELET, 2002, p.109).

É de suma importância salientar que a percepção sobre o mesmo recorte acontece de maneira diferente, variando conforme a capacidade pessoal em apreender o que está a sua volta. Ora os mapas se mostram próximos ao real com a conformação espacial existente, fachadas e marcos fazendo alusão à sua localização real, ora demonstram apenas os marcos encontrados, e muitas vezes apenas referências pessoais, fazendo com que não haja a mesma percepção espacial, mas sim, relativa a um ou outro específico.

Criação de imagens é uma faculdade maravilhosa, mas não devemos nos deixar levar demais pela idéia de figuras na cabeça. Para recomençar, a primeira limitação existente é que as pessoas não podem reconstituir a imagem de uma cena visual inteira. As imagens são fragmentadas. Para lembrar um objeto nós o giramos ou andamos ao redor dele, e isto significa que nossa memória, para este objeto, é um álbum de visões separadas. Nenhuma pessoa perceptiva encarnada, presa a um local e a um momento, pode vivenciar uma cena de vários pontos de observação simultaneamente, por isso não corresponde exatamente àquilo que a pessoa vê. (SOUZAb, 2004,p.51).

Na fase de estruturação pode-se identificar elementos em comum para debates entre todos os atores envolvidos no processo, através de uma linguagem construída em comum, inclusive sobre as diferentes interpretações que os indivíduos possuem sobre as situações e sobre o meio, ou então, buscar tais elementos nas entrevistas, trabalhá-los segundo a visão técnica.

A fase da estruturação é a que procura estudar e compreender o problema. Ela é apontada como uma das fases mais importantes do processo de apoio à decisão. Ela antecede a fase de avaliação e, procura, identificar, organizar tudo o que for considerado importante para estruturar o modelo a ser avaliado. (OURIVES, 2003, p.60).

Ao considerarmos que cada pessoa interpreta uma mesma situação de forma diferente, o processo de definir que o problema a ser resolvido está longe de ser trivial quando se lida com o grupo de indivíduos. A definição do problema de grupo torna-se um processo complexo que exige tempo, sensibilidade e atenção. (ESSLIN, 2001, p.99)

Quem são os personagens envolvidos no processo? Basicamente o facilitador (analista) e o decisor (usuário). E como estão baseadas suas relações: A partir do problema (objetivo) visto pelo decisor, criam-se suas representações mentais seguindo as representações discursivas então através do facilitador as representações mentais são transformadas em representações gráficas gerando o mapa cognitivo (diagrama) revalidado nas primeiras representações mentais trazidas pelo decisor. Nota-se que esse é um processo cíclico e contínuo.

Mapa cognitivo é uma ferramenta que auxilia a pensar sobre problemas de tal forma complexos que o autor dificilmente conseguiria um nível tão sofisticado de definição sobre ele sem seu uso. (MONTIBELLER, 2000; p.71)

Portanto, se o mapa cognitivo será delineado a partir do mapa conceitual, extraído dos desenhos dos decisores (usuários), deve-se compreender os possíveis tipos de mapas cognitivos.

Foram levantados três tipos de mapas cognitivos segundo Corrêa (CORREA, 1996):

- De identidade: identificar os elementos-chaves do problema
- De categorização: obter informações sobre o problema
- Casuais e de argumentação: entender as ligações entre os eventos, mostrando as suposições ou afirmações dos atores envolvidos.

Antes, é necessário entender um mapa conceitual:

O mapa conceitual é uma forma sintética de apresentar um determinado tema ou assunto utilizando apenas palavras-chave ligadas de uma forma lógica, hierarquicamente distribuída e, relacionadas em forma decrescente de importância, a partir de uma categoria ou conceito. (SOUZA, 2004, p.290).

Para construir um mapa cognitivo, podem ser utilizados os conceitos organizados no mapa conceitual, trabalhando a partir da idéia do decisor, com seus objetivos, ou seja o conceito topo, ou ainda ao fazer o caminho inverso, partindo de opções detalhadas e indo rumo aos objetivos. O método adotado na presente pesquisa consiste em formar um único mapa cognitivo, mas que contemple as três categorias de usuários acima citadas.

Assim, a partir dos dados tratados, serão identificados os problemas –chave, com suas informações e suas ligações. A análise dos mapas seguida na pesquisa é a avançada, ou seja:

1. Análise tradicional: compreender o mapa e simplificar a sua complexidade. Compreende as seguintes etapas:

- Leitura do mapa através da hierarquia de conceitos
- Verificar os conceitos, ramos e cabeça
- Análise dos clusters

2. Análise avançada: identificar e reunir os aspectos essenciais e mensuráveis do mapa, conhecidos como pontos de vista fundamentais, buscando as linhas de argumentação.

E como proceder a análise? Seguindo a linha trabalhada por Leonardo Ensslin, (ENSSLIN, 2001), uma vez que o mapa cognitivo esteja pronto:

1. Identificação das linhas de argumentação²⁹
2. Definição dos ramos dos mapas³⁰
3. Enquadramento dos ramos no processo decisório ³¹
4. Construção da árvore de candidatos a pontos de vista fundamentais

4.4. E para construir?

Junto com os atores, o facilitador busca os elementos primários de avaliação (EPAs), assim tem-se a base para a formação dos conceitos. Através da hierarquização destes elementos, a princípio desorganizados o problema pode ser analisado, extraído de Knorek (KNOREK, 2005). Através dos mapas mentais e das entrevistas é que poderão ser elencados então os Pontos de Vista Fundamentais(PVFs). Assim sendo, o mapa vai se construindo hierarquicamente entre meios e fins. A conferência é feita dos meios para os fins.

Melhor do que iniciar no topo e prosseguir no sentido vertical com frases ou listas, é iniciarmos no centro, com a idéia principal, e fazer ramificações, em função das idéias individuais e forma global do tema central. (SOUZAb, 2004, p.206).

O processo de projeto participativo de espaços públicos pode implicar também, em etapas inter e transdisciplinares, já que diversos olhares, de diversos campos do conhecimento, poderiam contribuir, de forma profunda, para a compreensão da organização de um lugar e suas relações com o mundo. Por isso, é também importante que os usuários possam expressar as suas próprias necessidades e desejos. (PROSANTO, 2005, p.124).

Para estruturar e definir o mapa cognitivo, é necessário compreender a diferença entre um ponto de vista fundamental (PVF³²) que é um fim em si mesmo, e os pontos de vista elementares (PVEs) meios para

²⁹ Linha de argumentação: em direção a um conceito cabeça (fim), organizam-se hierarquicamente um conjunto de conceitos a partir de um conceito rabo (meio).

³⁰ Ramo: conjunto de uma ou mais linhas de argumentação dentro de uma mesma área. Trata do conteúdo do conceito.

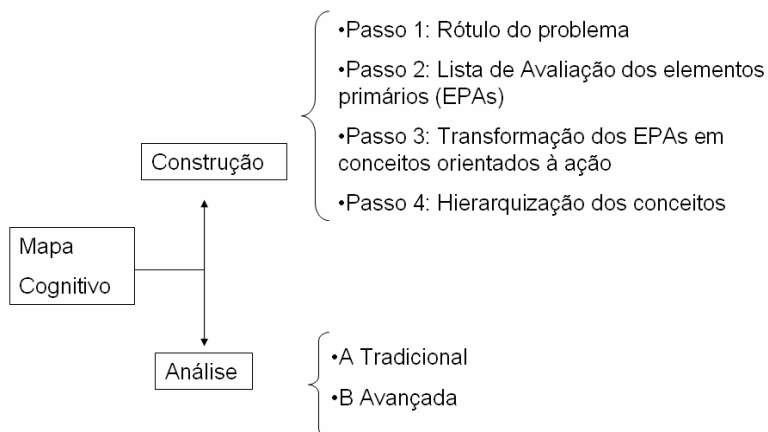
³¹ Enquadramento: conjuntos de conceitos, extraídos de cada ramo, referentes a – objetivo estratégico, ações potenciais, candidato ao ponto de vista.

³² Características dos PVF: Inteligibilidade, consensualidade, operacionalidade, isolabilidade.

alcançar os primeiros. A desconstrução de um eixo de um PVF em PVEs permite levar em conta e compreender a estratégia de ações. Assim os PVFs formam o “rótulo” ou “objetivo estratégico”.

Para operacionalizar os pontos de vista, deve ser efetuada uma construção e classificação dos descritores, depois quais seus tipos e suas propriedades, os níveis de impacto, a combinação dos níveis e a hierarquização.

Sintetizando: seguem abaixo esquemas de formulação de mapas cognitivos e da arborescência:



↔ / ☐ ➡

Ilustração 25 Construção e análise de mapas cognitivos, baseado em Ensslin, 2001 e Ourives, 2003. organização nossa.

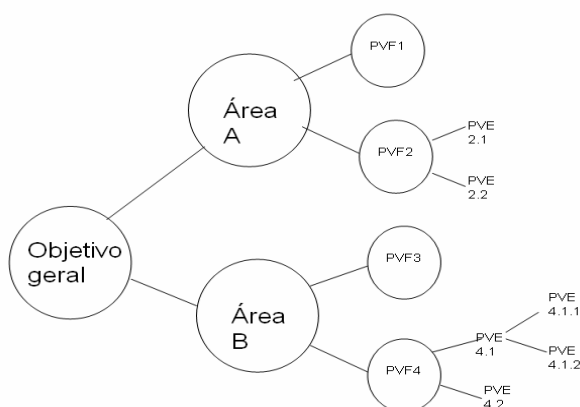
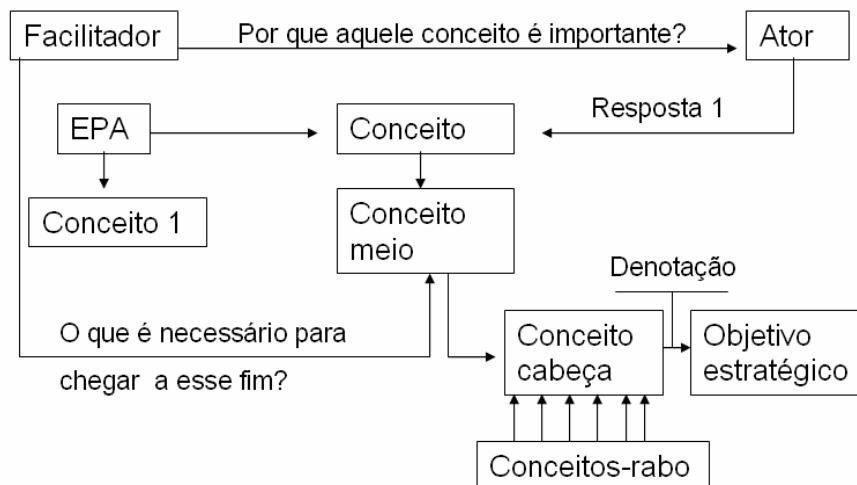


Ilustração 26 Estrutura de uma árvore (OURIVES,2003,p.69)



Partindo-se de um elemento primário de avaliação (EPA), o facilitador pergunta ao ator “por que aquele conceito é importante?” O ator, então, lhe dá o próximo conceito, que representa um fim em relação ao conceito anterior, que é um meio. Mas, também será possível vir dos fins para os meios, sendo, que, neste caso, o facilitador pergunta “o que é necessário para chegar a esse fim”. (KNOREK, 2005, p. 184)

Conceito cabeça: aquele que não se liga mais a nenhum outro conceito mais alto.

Conceito-rabo: é o meio para se chegar a fins mais altos.

Ilustração 27 Construção do mapa cognitivo (KNORECK, 2005, p. 184)

PVF - Ponto de vista fundamental

PVE - Ponto de vista elementar – são meios para explicar o PVF

4.5. Na prática:

Antes, uma breve recapitulação: os decisores foram os usuários. O facilitador nesse caso foi o pesquisador. O mapa cognitivo foi o de identidade e categorização. Partiu-se do conceito topo – o conceito de lugar e sua imagem para os conceitos fins (rabos), passando pelos conceito-meio. Todos esses extraídos das entrevistas, manipulados pelo facilitador. Partindo do mapa conceitual e dos objetivos genéricos traçados na planificação do mapa cognitivo, obteve-se então a árvore final, que pôde ser analisada do modo avançado (em detrimento do tradicional) para a construção das diretrizes finais.

O primeiro passo para a sistematização da ida a campo foi um teste piloto executado com uma amostra de cinco usuários. As cinco entrevistas obtidas, bem como os cinco mapas mentais, resultaram em material para análise com informações cruciais e mesmo com pistas de como conduzir as entrevistas seguintes. Foram acrescentadas mais perguntas após essa primeira ida a campo.

Outro ponto importante a ser levantado é que muitas das referências obtidas puderam ser extraídas enquanto as pessoas desenhavam. Tão importante quanto os desenhos entregues é a própria fase em que se desenha, nesse processo de maneira geral, as pessoas costumavam explicar o porquê de cada um dos

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

elementos, as lembranças que tinham, pois estavam menos intimidadas sem a presença do gravador. Sem ter que olhar para os olhos do entrevistador, a memória aflorava e era mais fácil obter as reais impressões. É interessante notar que a maior parte dos entrevistados, a princípio, mostrava-se contrário a idéia de desenhar, mas uma vez começado o processo, o interesse aumentava gradativamente, a ponto de durarem até quarenta e cinco minutos nessa etapa. Como sugestão de método, começar pela entrevista contribui para o aceite por parte do entrevistado, pois muitos disseram que se tivessem começado pelo desenho, provavelmente não teriam aceitado participar.

Outra questão importante diz respeito à quantidade e ao tipo das perguntas, perguntas simples e diretas facilitam a compreensão do que está sendo solicitado, e evitam muita ‘elaboração’ das respostas, portanto estas são mais espontâneas. Entrevistas longas tornam-se enfadonhas, a menos que sejam marcadas previamente.

Ao fazer o estudo de cada um dos desenhos e o cruzamento de informações das entrevistas três pontos permearam e filtraram a linha buscada:

Most of the research on cognitive maps revolved around three key questions: what are cognate maps like in content and organization; what intervening variables affect the content and organization of maps; how do cognitive maps compare to the geometric reality of the physical environment. (PASSINI, 1984, p.36)³³.

Ao tomar como ponto de partida o terceiro apontamento acima citado: “como os mapas cognitivos comparam a realidade geométrica com o entorno físico” buscou-se em Lynch a maneira de traçar tal paralelo, reconhecendo através das qualidades da forma a melhor maneira para interpretar os desenhos. Aliado a Lynch, foram buscadas em Howard Becker (BECKER, 1994) a complementação das análises:

Para a representação da realidade seja no que concerne a cultura, seja no que concerne o planejamento, ou mesmo na relação entre ambos na cidade resgatou-se um método de construção baseado em quatro instâncias, trabalhado por Becker em sua obra, a citar: seleção, tradução, arranjo e interpretação. A partir de uma prévia seleção sobre o que se vai trabalhar, quais aspectos são relevantes para cada pesquisa, urge a questão de traduzir em termos explicáveis e mesmo inteligíveis tais aspectos selecionados. E a tradução é feita para que possam ser criados arranjos segundo os quais se organizam a estrutura da análise, seja este arranjo determinado ou arbitrário. Desse arranjo advém a possibilidade de interpretação, das fotos e das entrevistas obtidas:

Assim, o que os usuários sabem fazer interpretativamente torna-se uma restrição principal àquilo que uma representação pode realizar. Os usuários têm que saber e ser

³³ A maior parte da pesquisa em mapas cognitivos gira sobre três questões-chave: o que é cognição nos mapas em conteúdo e organização, como as variáveis intervenientes afetam o conteúdo e a organização dos mapas, como os mapas cognitivos são comparam a realidade geométrica com o meio físico. Tradução nossa.

capazes de utilizar os elementos e formatos convencionais do meio e do gênero. Este conhecimento e capacidade nunca podem ser considerados como dados. (BECKER, 1994, p.145).

As entrevistas também trazem à luz termos e expressões condizentes com os conceitos levantados por Lynch, como por exemplo, num dos pontos negativos citados por um usuário, a inserção de elementos novos num contexto consolidado, contrastando com a arquitetura existente. Porém, os próprios elementos novos, ora vistos como elementos negativos, são hoje vistos como marcos referenciais, e como segue no esquema abaixo, “dão vida à cena”.

5. Análise:

Curitiba, que não tem pinheiros, esta Curitiba eu viajo. Curitiba, onde o céu azul não é azul, Curitiba que viajo. Não a Curitiba para inglês ver, Curitiba me viaja. Curitiba cedo chegam as carrocinhas com as polacas de lenço colorido na cabeça - galiii-nha-óóó-vos - não é a protofonia do Guarani? Um aluno de avental discursa para a estátua do Tiradentes. (Dalton Trevisan)

Inicialmente será apresentada a análise de fotos, através da qual tentou-se resgatar o seguinte raciocínio de Jane Jacobs, “A paisagem urbana é viva graças ao seu enorme acervo de pequenos elementos” (JACOBS,2000,p.162). Essa análise foi empírica, do autor, baseada nos conceitos obtidos com a pesquisa do referencial teórico. Em seguida serão demonstradas as análises obtidas junto aos usuários.

5.1. Análises empíricas:

11 de julho 2005 - período manhã 08:00hs às 11:00 hs (fotos acervo pessoal do autor)

A análise das fotos revela, em momentos distintos, o caráter de corredor de passagem de tal espaço, salvo nos domingos de feira. O acompanhamento de tal espaço durante diferentes dias da semana e em horários diferentes ratificou tal constatação. A partir das 19:00 e nos sábados à tarde há uma intensificação no uso dos bares, como espaços para *happy-hours* e de encontro. Diversos grupos somam –se ao espaço, diferentes “tribos” como citado nas entrevistas. O fluxo intenso de veículos nas ruas circunvizinhas ao largo, contrasta com os calçadões de paralelepípedo vazios durante o dia.



Ilustração 28 Igreja da Ordem



Ilustração 29 Bebedouro e Casa Romário Martins



Ilustração 30 Fonte do Cavalo e Sociedade Garibaldi



Ilustração 31 Interior da Galeria das Arcadas



Ilustração 32 Fundação Cultural e casario eclético



Ilustração 33 Ruínas do São Francisco e antigo Belvedere

Ao extrapolar as imagens obtidas com as fotos e com as constantes idas ao local, tentou-se também buscar nas qualidades da forma de Kevin Lynch (1997, p.121) a sustentação para a leitura de tal espaço. Segundo tal autor as formas poderiam ser manipuladas para gerar ambientes atraentes, mas o inverso também se valida, ao buscar em ambientes considerados pela população como agradáveis, pistas para um bom planejamento espacial. Quando fala-se em *singularidade*, três conceitos podem ser analisados: a *nitidez*, como nas imagens 42 e 43, onde apesar de serem diversas formas, elas sobressaem e criam uma imagem clara do conjunto, criando o *contraste*, de superfícies, de formas, de tamanhos, juntamente com o *fechamento* do ambiente, evidente na 37 e na 44 são elementos que dão vida e animam a cena urbana. Nesse mesmo viés há a *simplicidade* presente nas fotos 36, 38 e 47 onde cada um dos elementos em destaque é ressaltado pela simplicidade do conjunto ao redor

12 de julho de 2005 período almoço 12:00 às 14:00 horas



Ilustração 34 Vista do Largo



Ilustração 35 Bebedouro e Casa Vermelha



Ilustração 36 Memorial da Cidade



Ilustração 37 Vista para o obelisco

16 de julho de 2005 tarde 14:00 às 16:00 horas



Ilustração 38 Usos dos bares



Ilustração 39 Igreja e Solar do Rosário, Fonte do Cavalo

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano



Ilustração 40 Preparação para a feira



Ilustração 41 Idem anterior

17 de julho de 2005 manhã período da feira

Fator preponderante para a percepção, a *continuidade* é um elemento presente basicamente em todo o conjunto, pois a ausência de afastamentos laterais denota um conjunto único, cujo gabarito ora é mantido, ora modifica-se sem grandes rupturas, imagens 40 e 43. Evidentemente algumas obras se sobressaem, através do *predomínio*, como na figura 44 o Memorial da Cidade e a torre da Igreja da Ordem, causando a *diferenciação visual*, ou através do predomínio de gabarito, gerando a já citada continuidade. Em certos pontos surgem pontos de inflexão, chamados também de momentos estratégicos da estrutura, podendo ser esquinas no caso do conjunto como um todo, fotos 37 e 40 ora no próprio conjunto arquitetônico, como a Casa Vermelha que constitui um marco no largo em torno do bebedouro, intitulados, clareza das junções, porque permitem a continuidade sem ressaltar a monotonia. As *séries temporais* e a *consciência do movimento* são duas instâncias diferentes da mesma variável: o tempo. A consciência do movimento, marcada pelo ritmo do deslocamento nesse espaço é muito clara, pois faz alusão ao passo humano, em se tratando de extensas calçadas para pedestres. As séries temporais podem variar verticalmente, ou seja, na sequência de usos dia-noite, ou horizontalmente, na evolução de tal espaço. O espaço projeta-se através do alcance visual, concreta no caso real, como nas fotos trazidas, quanto simbolicamente, e aí sim, fazendo referência aos *nomes e significados*, presentes no quadro abaixo. Que são características que aumentam a imaginabilidade espacial.



Ilustração 42 Feira de domingo



Ilustração 44 Feira de domingo



Ilustração 45 Feira de domingo

Ilustração 46 Caracterização de usos em diferentes dias e períodos

Imagens de detalhes e recortes - Significados. (fotos: acervo pessoal do autor)



por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

Ilustração 47 Ator trabalhando



Ilustração 48 Artesã



Ilustração 49 Mescla de estilos



Ilustração 50 Lâmpião - releitura



Ilustração 53 Imóveis sem uso



Ilustração 54 Casa Romário Martins



Ilustração 55 "Banda de Chorinho"



Ilustração 56 Lampião de parede



Ilustração 57 Contrastes



Ilustração 58 Torres

É possível criar contrastes, como o mural de anúncios no quadro abaixo, ou ainda no confronto da

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

torre da Igreja do Rosário e da araucária, ou da torre da Igreja Presbiteriana, com o *edifício Gemini* ao fundo. A esquina da casa Romário Martins, marcada por um lampião e o mesmo objeto que aparece na Livraria do Poeta, elemento presente em diversos desenhos obtido é marcante e foi diversas vezes citada.. A mescla de usos como a “banda de chorinho” o ator e a vendedora, além da releitura do antigo poste de luz, todas essas referências corroboram a imaginabilidade através dos significados.

Segue a análise em dois momentos, primeiro do teste-piloto, depois das demais entrevistas, nota-se que a análise que abaixo é muito próxima à anterior, apesar da primeira ter sido feita empiricamente pelo autor, baseada na observação direta e nas fotos; e a segunda ser parte da leitura obtida na primeira ida a campo, a partir do público usuário.

Ao trabalhar com os conceitos de Lynch sobre as qualidades da forma pôde-se perceber sua correlação com os desenhos obtidos. O alcance visual por exemplo, nas entrevistas feitas *in loco* os desenhos geralmente retratam o campo visual do entrevistado de maneira concreta, beirando uma continuidade espacial muito próxima à realidade – pertencendo à segunda categoria de público buscada. Na terceira categoria, na qual os entrevistados não estavam no Largo, as imagens obtidas foram tratadas com muito mais nomes e significados, os entrevistados tenderam a explicar mais aquilo que haviam retratado, e o alcance visual baseou-se simbolicamente nas imagens mentais guardadas na memória.

As próprias qualidades da forma, encontradas no largo seguem em análise abaixo, tendo como base os desenhos obtidos junto aos usuários: os elementos singulares da paisagem tornam-se referência por serem únicos e a forma do largo, simples e ao mesmo tempo contínua, contribui para o seu fechamento e permitindo uma maior nitidez nas “praças” criadas” – tanto em torno do bebedouro, ou seja o Largo em si, quanto em torno da relógio das flores, que também é confundido com o Largo. Todos esses elementos, estão contidos em uma paisagem que tipologicamente remete ao eclético e ao colonial luso brasileiro, portanto que entre as construções novas e as antigas surgem relações de contraste, ora salutares, ou de maneira equivocada, mas que corroboram para uma dinamicidade espacial. A percepção espacial é facilitada pela harmonia do conjunto por uma predominância arquitetônica que “alinha” as construções e simplifica a imagem a ser retida, e representada sob diversas formas, conforme as expressões obtidas nos mapas. Essa similaridade formal, de gabarito e muitas vezes de ritmo é percebida pelo público usuário, permitindo uma comparação mesmo com outros centros históricos, evidentemente não expressada através desses termos (ritmo, gabarito, etc), mas: “acho que faz parte da cidade, eu acho Ouro Preto curitibano, [...]”. e também: “nós temos aí, a Igreja da Ordem, tem, ligado à Igreja da Ordem tem, o Museu de Arte Sacra, tem o ponto muito interessante que é a Casa Vermelha, mais a casa de exposição Romário Martins, que é tudo que se aproxima e que a gente, tá sempre, tá diariamente vendo [...]” e indo além: “A gente olhando os prédios, a gente tem uma noção como era as luzes, as janelas, as luminárias, e uma base então como era aquela época, que anterior a nossa, hoje né.[...]” Esses trechos vêm de três entrevistas diferentes mas retratam bem a clareza formal de tal espaço. A clareza das junções, feita através do calçamento para pedestre identifica o caminho único e por diversas foram citados o piso em paralelepípedos como referencial. A velocidade

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

aplicada ao caminhar faz com a percepção seja alterada, portanto usuários que somente passam pelo largo possuem imagens diferentes àqueles que freqüentam tal espaço., comparando: “[...]não muitas lembranças nem muitas recordações..é um lugar normal da cidade para mim [...]não é diferente de caminhar na quinze, eu não acho que tenha nada de muito diferente lá”, mas “Ah, aquela sensação de ser mais um na multidão. Assim sabe, essa sensação de ser curitibano.” A imagem clara dada por nomes e significados atribuídos de que ser curitibano é freqüentar o largo, ao menos nos domingos, durante a feirinha. Assim, no tratamento desse espaço tradicional, que em sua configuração morfológica não sofreu grandes intervenções urbanísticas as diferenciações visuais, entre as obras e mesmo entre as séries temporais impressas em duplo sentido, tanto no tempo histórico, quanto no tempo diurno, constituem um palco para o desenvolver das funções urbanas, contribuindo na sua própria percepção mas também, passando despercebida algumas vezes para que a dinâmica da vida urbana seja mantida: “O que eu posso narrar, olha eu acho que tem bastante coisa, pelo menos assim no domingo tem bastante alegria. Com sol então é uma delícia. Então eu gosto de reparar assim nas pessoas, o que elas estão vestindo, se elas estão com frio, com calor, da onde vem, quem são, quando ta vazio, eu fico reparando na arquitetura[...]”

Nota-se obviamente uma proximidade muito grande entre as duas análises, a empírica do autor, e a segunda baseada nas entrevistas e nos desenhos.

5.2. Os mapas mentais e as entrevistas:

5.2.1. O Teste- Piloto:

Como já citado, a primeira etapa do trabalho constitui-se em uma aproximação do experimento testada com cinco pessoas. O número cinco contemplou 10 % do total de mapas e entrevistas que havia sido previsto (cinquenta) de maneira a servir de suporte para a compreensão dos métodos de tratamento e análise dos dados obtidos em campo (mapas e entrevistas). A coleta das entrevistas e dos desenhos aconteceu em dois dias distintos: dez e onze de outubro durante a manhã no primeiro dia e durante a tarde no segundo. Essa alternância contribui também para a observação da alternância de usos entre período. A importância do teste e sua demonstração reside na explicação de muitas dúvidas que surgiram durante sua realização e de uma série de elementos que puderam ser incorporados à pesquisa após sua análise.

Seguindo o roteiro exemplo; procurar contemplar na amostra de diferentes perfis de usuários; buscou-se primeiramente a visão de pessoas que utilizam o largo diariamente, ou seja profissionais que trabalham em seu entorno bem como estudantes. Foram abordados, dessa maneira, dois estudantes, um dono de comércio e duas funcionárias da Casa da Memória. Com relação a esse três últimos notou-se um maior interesse no trabalho na parte das entrevistas, já com relação ao desenho, os estudantes mostraram-se mais dispostos em fazê-los.

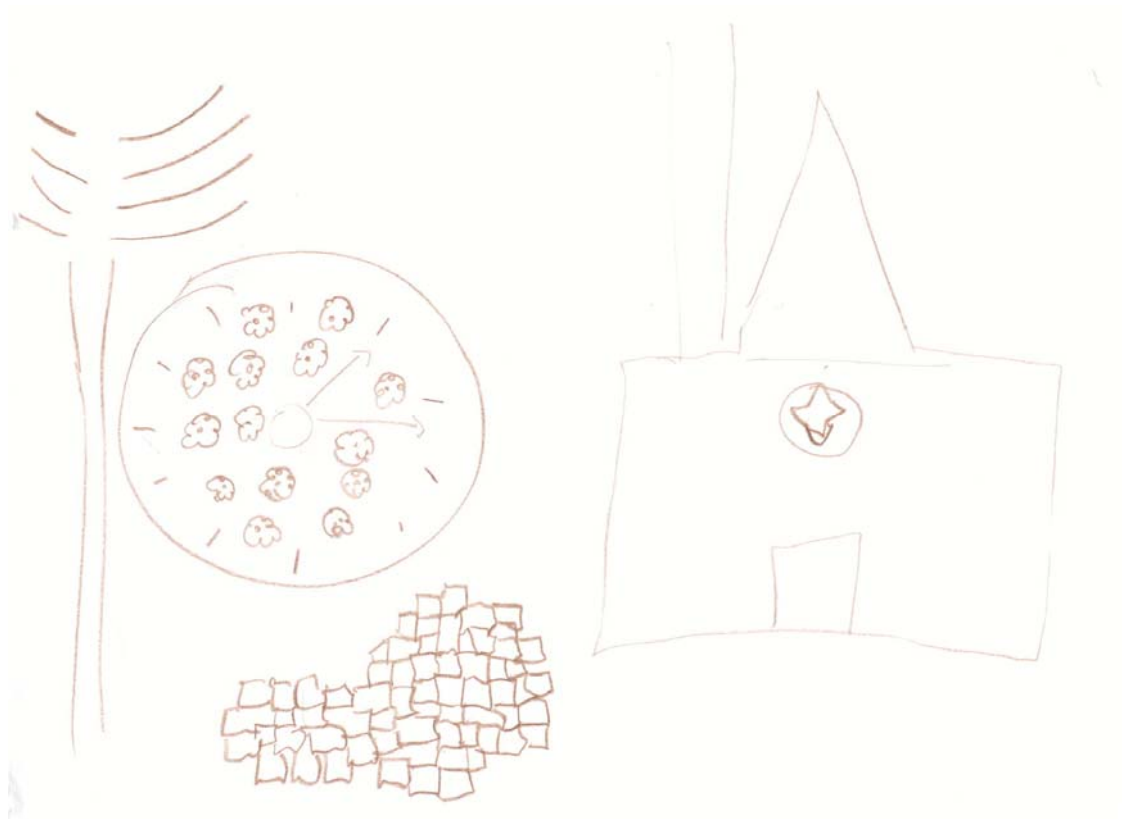


Ilustração 59 Mapa nº 01 Teste Piloto



Ilustração 60 Mapa nº 05 Teste Piloto

A partir do trabalho de campo, colocou-se a questão de como extrair as referências ora das entrevistas ora dos desenhos. Nota-se nos dois exemplos acima duas diferentes maneiras de expressar a visão a partir de um mesmo objeto. No primeiro exemplo (mapa nº. 01), as referências foram dispostas aleatoriamente, os paralelepípedos, o Relógio das Flores, a araucária e a Igreja da Ordem, o autor desenhava aquilo que julgava pertinente sem relação direta com sua disposição no espaço real. No segundo exemplo (mapa nº. 05) percebe-se uma disposição próxima à real, com referências escritas, um mendigo, pichações e outros elementos pertencentes à cidade real. Essa diferença de expressão mostra que a mesma pergunta pode ser interpretada de diversas maneiras, o que demonstra haver necessidade de flexibilidade no método de interpretação. Ao analisar cada um dos cinco desenhos obtidos segundo os conceitos de qualidade da forma de Lynch, obtiveram-se resultados salutar para o cruzamento de dados com as entrevistas. Ao aprofundar a análise, percebe-se que entre os mapas um e cinco, ressalta-se a diferença de percepção. No mapa 01 fica evidente que cada um dos elementos desenhados chama atenção por si só, não havendo uma visão do todo. São ícones que representam a cultura curitibana e a imagem que é repassada sobre a cidade: a araucária, e sobre o largo especificamente: o relógio das flores, a Igreja da Ordem e os paralelepípedos do piso. Essa ausência de noção espacial dificulta a apreensão de como é visto o todo, mas permite que se extraia a importância de cada um desses elementos menores. Há uma simplificação da imagem que facilita sua leitura, e mostram-se elementos que estão fora do alcance visual, mas que constituem símbolos locais, no que concerne a imaginabilidade dos elementos. No mapa número 05, há uma visão mais próxima à configuração real, com o bebedouro colocado no centro e uma série de referências espaciais. Como a Igreja, o museu, e os bares, elementos esses muito citados nas entrevistas, acrescidos de referências sociais também, como o mendigo dormindo na rua com a garrafa de bebida e as pichações, referências claras à falta de segurança de tal espaço. Há uma continuidade entre desenho e realidade, apesar, de haver uma simplificação, mas esta corresponde de maneira muito próxima ao que existe lá.

Trabalhou-se então em duas óticas diferentes: nos desenhos foi buscada a dicotomia entre o imaginário e o real, no que se refere à imagem do largo. E nas entrevistas uma série de referências para a construção da árvore. Por que? Para que fosse validada mais de uma maneira de análise para o trabalho. Observar o esquema abaixo:

Extraído dos desenhos

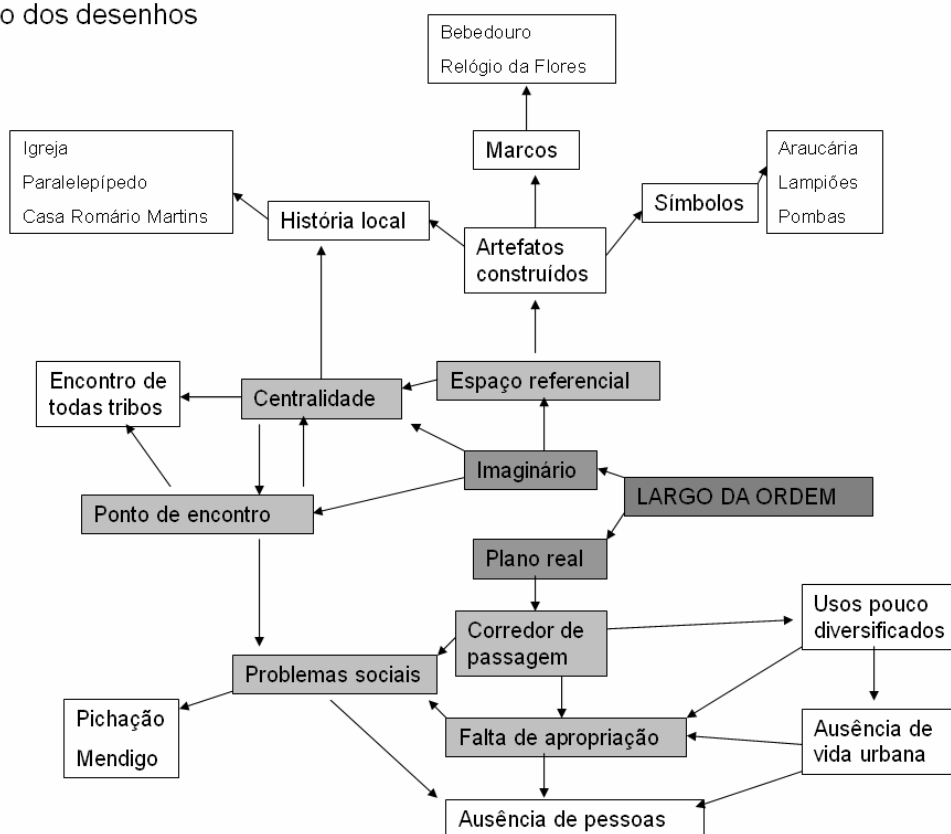


Ilustração 61 análise dos desenhos – piloto

Extraído dos desenhos, a partir do título Largo da Ordem. A partir de dois braços principais, um vinculado ao imaginário e outro vinculado ao plano real encontraram-se uma série de aspectos positivos e negativos a serem trabalhados. No que se refere ao imaginário foram levantadas basicamente três classificações: espaço referencial, o de centralidade e o de ponto de encontro. Espaço referencial relacionado aos artefatos construídos, basicamente por seus símbolos, marcos e pela história local. A história local também o relaciona com a centralidade, muitas vezes considerado como marco zero de Curitiba. E num outro viés com o encontro de todas as tribos³⁴. Relacionada à terceira classificação, efetivamente como ponto de encontro. No plano real ou físico, observou-se basicamente como um corredor de passagem, ligado tanto à falta de apropriação efetiva quanto aos problemas sociais. Falta de apropriação aconteceria não só, mas também por usos pouco diversificados o que também gera a ausência de vida

³⁴ E o que é que vem à mente quando se fala em "tribos urbanas"? Exatamente o contrário dessa acepção: pensa-se logo em pequenos grupos bem delimitados, com regras e costumes particulares em contraste com o caráter homogêneo e massificado que comumente se atribui ao estilo de vida das grandes cidades. Não deixa de ser paradoxal o uso de um termo para conotar exatamente o contrário daquilo que seu emprego técnico denota: no contexto das sociedades indígenas "tribo" aponta para alianças mais amplas; nas sociedades urbano-industriais evoca particularismos, estabelece pequenos recortes, exhibe símbolos e marcas de uso e significado restritos. (<http://www.aguaforte.com/antropologia/magnani1.html>)

urbana relacionada à ausência de pessoas, o que acarreta uma série de crimes, problemas sociais, como pichações, a presença de andarilhos e assaltos.

Tal abordagem é eficaz para pequenas amostras, tanto quanto àquela utilizada para as entrevistas, por sistematizar melhor as informações conforme a percepção. Separadas por ramos de referências, as análises das entrevistas, possibilitaram ressaltar pontos importantes trazidos do referencial teórico como os conceitos de cultura e a construção das imagens. Os ramos foram traçados através do termo referência, classificadas em históricas, ou seja elementos componentes da história curitibana; míticas, aqueles que corroboram para a ratificação da história local; de percepção, tanto positivas quanto negativas; institucionais, apareceram em menor quantidade, fazendo referência ao governo local e suas instituições; simbólicas, aquelas que formam a imagem do largo; de usos; e as ausências, ligadas à percepção, trazendo a imagem de perdas no decorrer de sua história e aspectos negativos hoje levantados. Pela quantidade de elementos levantados, a inter-relação entre os ramos é inevitável. Abaixo segue o mapa traçado:

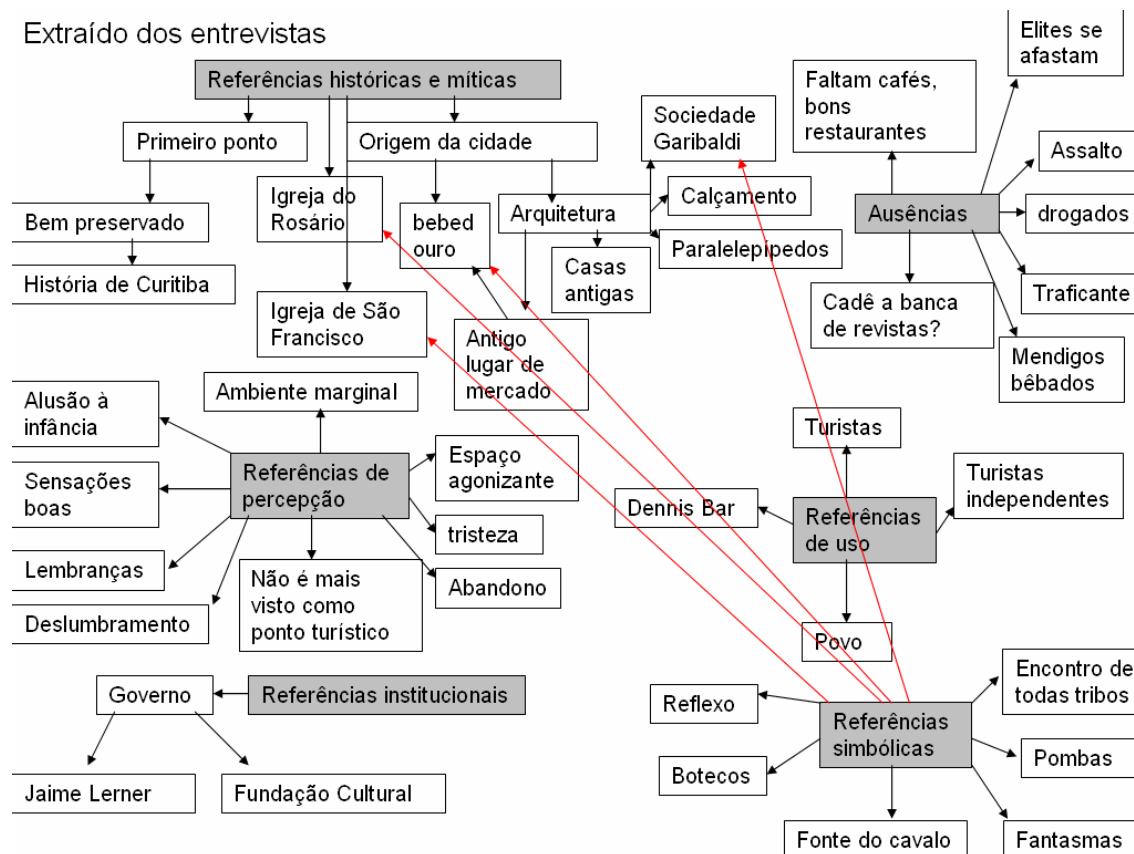


Ilustração 62 análise das entrevistas - piloto

Esse mapa seria uma síntese entre o mapa mental, as imagens mentais obtidas e o conceitual, ou seja, uma série de referências obtidas, acima descritas. Tal maneira de conduzir a análise por referências permite, uma leitura mais ampla, pois muitas vezes os elementos estão presentes tanto no plano real quanto no imaginário, sendo mais fácil sistematizá-los na segunda análise, inclusive com a quantidade de

informações colhidas com o trabalho de campo realizado posteriormente. Cada uma dessas referências será chamada na etapa dos mapas cognitivos de EPA's, elemento primários de avaliação.

Abaixo segue então o cognitivo final obtido, construído pelo facilitador (no caso o técnico), a partir das informações coletadas com os decisores (usuários). É importante ressaltar que o mapa foi construído pelo facilitador e na segunda etapa do trabalho, ratificado pelos decisores (usuários) Poderia ser feita diretamente em grupos com os estes, não necessitando a validação. Com base no material coletado, as etapas foram as seguintes:

A idéia foi reunir em uma síntese os desejos do facilitador e dos decisores. Dos decisores seria a menor violência, espaços mais vivos, mais limpos, com maior cuidado pela prefeitura, etc., todos estes identificados como uma aproximação do planejamento tecnocrático com a cidade real, utilizando para isto a cultura local. Segue a árvore criada:

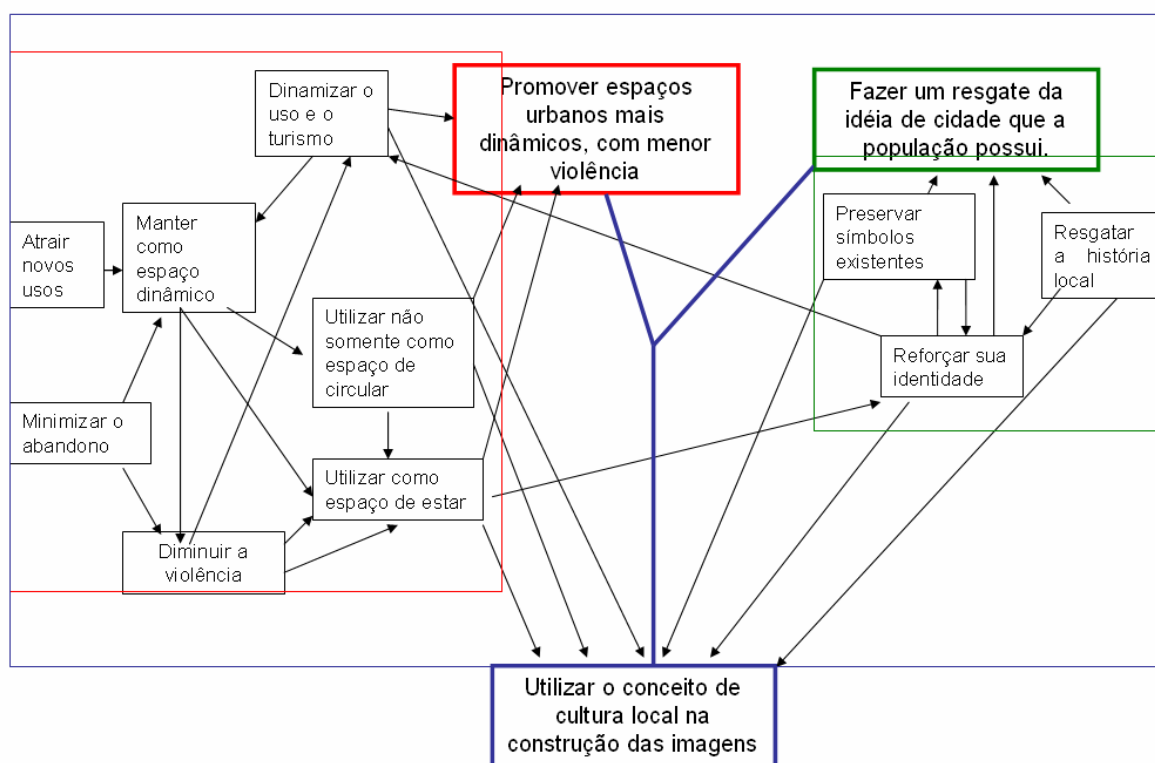


Ilustração 63 Mapa cognitivo

Notar que do ramo principal, formado pelas linhas azuis tem-se a partir do objetivo: utilizar o conceito de cultura local na construção de imagens, bifurca-se para dois ramos (clusters) formados pelos objetivos genéricos: promover espaços urbanos mais dinâmicos, com menor violência e também, fazer um resgate da idéia de cidade que a população possui. Desses a arborescência é criada com os objetivos

estratégicos que fecham os galhos. De qualquer maneira a composição de ambas maneiras de análise trouxe à luz uma série de pontos que deveriam ser melhorados para a seqüência do trabalho.

A primeira concerne a sistematização do trabalho através de fichas de categorização dos usuários. Assim, na segunda ida a campo foram coletados dados pessoais dos entrevistados, permitindo caracterizar as amostras. Na mesma ficha foram deixados mais dois campos: um para os dados extraídos dos desenhos e outro para as entrevistas, de maneira a, de forma resumida e sistemática, reunir todos os dados em uma única ficha, de fácil leitura e compreensão. E ainda um campo para observações e impressões coletados pelo próprio entrevistador. Outra questão importante diz respeito à quantidade e ao tipo das perguntas, perguntas simples e diretas facilitam a compreensão do que está sendo solicitado, e evitam muita 'elaboração' das respostas, portanto estas são mais espontâneas. Entrevistas longas tornam-se enfadonhas, a menos que sejam marcadas previamente.

Dados pessoais 1 Faixa etária: Mora em Curitiba há quanto tempo: Ocupação: Sexo:	<table border="1"> <tr> <td data-bbox="660 875 962 1507"> Ponto de encontro: 4 Referências: Míticas: Simbólicas: Marcos: Ausências: Percepção: Institucionais: Usos: DESENHO </td> <td data-bbox="995 875 1302 1507"> Ponto de encontro: 5 Referências: Míticas: Simbólicas: Marcos: Ausências: Percepção: Institucionais: Usos: ENTREVISTA </td> </tr> </table>		Ponto de encontro: 4 Referências: Míticas: Simbólicas: Marcos: Ausências: Percepção: Institucionais: Usos: DESENHO	Ponto de encontro: 5 Referências: Míticas: Simbólicas: Marcos: Ausências: Percepção: Institucionais: Usos: ENTREVISTA
Ponto de encontro: 4 Referências: Míticas: Simbólicas: Marcos: Ausências: Percepção: Institucionais: Usos: DESENHO	Ponto de encontro: 5 Referências: Míticas: Simbólicas: Marcos: Ausências: Percepção: Institucionais: Usos: ENTREVISTA			
Em relação ao Largo 2 Frequência de uso: Há quanto tempo o frequênta: Uma palavra para descreve-lo:				
Observações 3 <div style="border: 1px solid black; height: 80px;"></div>				
Mapa nº:				

Ilustração 64 exemplo da ficha

A partir do teste-piloto, percebeu-se também que enquanto desenhavam as pessoas costumam continuar conversando, expressando e reforçando suas idéias e opiniões, ao explicar o desenho, trazem mais informações, que podem ser encaixadas mais uma vez, aos conceitos trabalhados no referencial teórico de cultura local e das imagens criadas. Como já foi dito acima, tão importante quanto os desenhos entregues é a própria fase em que se desenha. De qualquer maneira, com as complementações feitas após a ida a campo, o método mostrou-se válido e, portanto segue a seqüência dos trabalhos.

5.2.2. A 2ª etapa:

A entrevista-piloto foi efetuada nas datas de dez e onze de outubro. O tratamento dos dados obtidos foi feito até dia dez de novembro quando foi então retomado o trabalho de campo, na semana entre os dias dez e dezessete de novembro, para a coleta final das entrevistas.

Catalogando os dados, a pesquisa de campo em si:

Seguindo o modelo delineado pelo trabalho na etapa de testes, as entrevistas e os mapas foram catalogados através das fichas criadas. Segue abaixo a análise das principais referências encontradas nas entrevistas:

- **Os pontos de encontro:** foram perguntados quais os pontos de encontro, para que pudessem ser levantados os pontos mais facilmente reconhecíveis dentro do conjunto. Foram citadas dezoito referências, sendo os principais: a Fonte do Cavalo, o Relógio da Flores, a Praça, entorno da fonte, o Bebedouro.

- **Referências espaciais:** quais são os lugares e/ou artefatos que caracterizam o conjunto. Foram listados vinte e sete referências entre as quais: a Fonte do Cavalo, a Igreja do Rosário, o Relógio das Flores e o Solar do Rosário.

- **Lembranças e recordações:** junto com o próximo item, na tentativa de resgatar as imagens que são feitas sobre o espaço, com o intuito de trabalhar com o imaginário coletivo. Obtiveram-se também vinte e sete diferentes idéias, de uma grande variedade, entre os quais: diversas lembranças pessoais, que ora remetem à infância, ora a acontecimentos cotidianos. Também houve muitas referências com relação à história da cidade. Às marcas do tempo e com relação ao lazer e à cultura. Inclusive surgindo termos como *nostalgia*, *espaço vivo*, *alternativo* e muitas vezes referências às próprias famílias.

- **Sensações e percepções:** como o espaço serve de suporte para o acontecimento da vida e como é percebido nesse viés: as percepções vão desde sentimentos que as pessoas desenvolvem pelo lugar, como *sentir-se curitibano ao caminhar em tal espaço*. É interessante notar que neste comentário está implícita também a imagem de um curitibano que vai ao largo aos domingo, na feira, fazendo referência aos diversos símbolos da cidade, então surgindo a identificação entre cidade, espaço construído e a identidade de ser curitibano. Houve também um paralelo do Largo ser um lugar, um conjunto harmonioso entre a arquitetura e o movimento intenso. Interessante foi o comentário: sensação de estar sempre voltando e de reencontro de pessoas. As sensações também relacionam-se com os pontos negativos, com a insegurança do local à noite.

- **Pontos positivos e negativos:** foram encontrados trinta e sete pontos positivos e dezoito negativos: é interessante notar que a presença de galerias de arte e espaços para exposições, teatros, etc. configura o Largo, hoje, como centro da “cultura curitibana” mesmo que não haja um uso efetivo de tais lugares por grande parte da população (observação feita *in loco*), resgata-se o *convívio de pessoas*, mas conforme o observado, durante a semana o Largo configura-se apenas como um corredor de circulação, diferente dos finais de semana, quando realmente configura-se em um *lugar de encontro* através da *feirinha*, os entrevistados levantaram pontos como o *resgate da história da cidade* relacionando-o também um lugar

turístico, assim como na maior parte dos centros antigos há uma estreita ligação entre o apelo turístico à imagem de formação das cidade, muitas vezes recriando –se a história local, por falta de testemunhos fiéis, ou por interesses diversos:

Lastimável é que Curitiba não possua museus suficientes (inclusive sobre a sua imagem evolutiva) de maneira a que os habitantes do presente e do futuro possam orgulhosamente falar da memória viva de sua cidade natal, com perfeito conhecimento de causa, sem fugir à verdade e sem exigir correções. (CARNEIRO, 1981, s.p.).

Os pontos negativos fazem alusão, sobretudo, à insegurança de tal espaço durante à noite, problema esse que já vem sendo percebido há algumas décadas. É importante perceber a variação de usos e percepções, portanto, no decorrer do dia e da noite, pois as sensações narradas de paz e tranquilidade são revertidas por medo e violência, estando obviamente relacionadas à venda de drogas. Outros enfoques também foram levantados, inclusive com relação ao comportamento dos curitibanos, *curitibanos são frios*, foi o comentário obtido, ou seja, havendo uma mescla entre a percepção da imagem da cidade e dos próprios cidadãos. Outro ponto levantado *a presença de mendigos estraga a imagem turística*, denota uma preocupação maior com a imagem da cidade em si, do que com a própria qualidade de vida de seus moradores e a diversidade preconizada para a urbanidade típica das cidades. Voltando à imagem da cidade e do conjunto, foi feita também referencia à inserção de elementos externos ao conjunto, que não condizem com a arquitetura local.

- Pontos que fazem referência ao planejamento: foram levantados alguns pontos que relacionam o espaço aos slogans criados, o primeiro faz referência ao mito, o mito de Curitiba, mas que guarda a dicotomia centro urbanizado versus periferia com graves problemas urbanos, e em outro viés no direcionamento do turismo para os parques em detrimento da *Curitiba tradicional*. A conservação das fachadas é bem vista pela população mas foi ressaltada a ausência de políticas de promoção espacial, ou seja mais eventos no decorrer da semana e ano somente a feira dominical ou a tradicional Festa de São Francisco.

- Entorno próximo: ruas e praças citadas: Rua Trajano Reis, Rua do Rosário, Praça Carlos Gomes, Travessa Julio Moreira, Praça Tiradentes, Travessa Moreira Garcez, Rua Trajano Reis, o Largo em si e o próprio cemitério municipal. Ressalta-se então a percepção e um espaço que mesmo fechado em si, relaciona-se com outros espaços da cidade sobretudo no que concerne os acessos.

Foram levantados pontos discutíveis, diferenças e conflitos de opiniões sobre diversos temas. Algumas entrevistas e desenhos ressaltaram que o “encontro das tribos” é salutar, enquanto para outros, a presença dessa diversidade pode gerar violência sobretudo no que concerne grupos específicos como *punks* ou *skin heads*. Há também a dicotomia noite e dia, ou seja, durante os dias, por mais que o Largo configure-se como espaço de circulação, existe a sensação de segurança, enquanto a noite, mesmo que os bares estejam sendo utilizados, a sensação é de insegurança, e mesmo aumentam as taxas de criminalidade. A arquitetura e a história local estão presentes em diversos dos pontos levantados, tendo sido citadas tanto nas percepções, quanto sensações, quanto nas referências e mesmo nos pontos de encontro, nos pontos

positivos, servindo como base portanto para a construção das diretrizes de manutenção desse espaço. Quanto à relação entre cultura e espaço, sendo esta relação consolidada com o decorrer do tempo e a ratificação da imagem através do imaginário coletivo, muitas vezes com elementos exógenos ao local, as galerias e os usos conferidos às edificações. Assim as fachadas foram mantidas, mas houve uma revalorização do conjunto, antes residencial e marcadamente típico da vida colonial urbana, hoje núcleo histórico com usos voltados ao turismo e para um público específico. Voltando a elementos exógenos inseridos no conjunto, observe-se a própria Fonte do Cavalo que foi a mais citada tanto em ponto de encontro quanto em referência espacial, e no entanto é relativamente nova se comparada com o conjunto arquitetônico e com as outras referências espaciais.

Ao efetuar a análise comprovou-se a seqüência apresentada sobre o processo cognitivo que rege as inter-relações entre as informações simbólicas: A partir do *reconhecimento* dos elementos principais da paisagem, dos principais marcos, como a antigo bebedouro, um pouco mais recente o Relógio das Flores, e por fim a Fonte do Cavalo, há uma *assimilação* dessas imagens dentro do conjunto arquitetônico formado. Percebe-se que conforme a posição dos elementos dentro do conjunto, a citar a Fonte do cavalo que foi construída no ponto focal, justo em face às duas Igrejas (Presbiteriana e do Rosário) há uma integração dessas imagens àquelas que provêm da oralidade, daquilo que se fala sobre o espaço. Como a turista entrevistada (mapa 23) que narrou ter escutado que não poderia deixar de ir à feira de domingo. Assim, ao chegar ao espaço real confrontou o que tinha ouvido, ao que observou, e através da intra-integração pôde associar as imagens aos sentidos obtendo aquilo que para ela eram os significados: “Me trouxe a imagem do nordeste.” Pois esta era a imagem mental que ela já possuía, esse procedimento exemplifica a *extra-integração* na qual pode-se traçar paralelos entre as imagens formadas. Essa criação de símbolos, como a construção da fonte, as narrativas feitas sobre o espaço, basta observar as diversas publicações analisadas corrobora para a *retenção*, ou seja o armazenamento das imagens segundo o próprio sistema visual humano, possibilitando *relembrar*, em outro momento, aquilo já registrado sob a forma de imagens, as quais dependem em essência da visão espacial, e por isso, a estruturação dessa pesquisa está baseada também em desenhos e não somente nas entrevistas, como seu primeiro contato real com a feira foi através do teatro de bonecos, essa foi sua referência ao ponto de encontro, ficando evidente também em seu desenho. A palavra usada para descreve-lo foi diferente, mas diferente de quê? Do restante da cidade?! Já na entrevista dada, ela reconheceu como ponto de encontro o Memorial da Cidade, como símbolo do largo a Igreja do Rosário.

Obviamente esse processo não ocorre somente para os turistas, acontecendo de maneira mais estruturada nos usuários que o utilizam em maior frequência. Como o entrevistado do mapa 17, que frequenta o largo praticamente todos os dias há quase duas décadas. Em seu desenho puderam ser observadas diversas referências, condizentes com uma *imagem ambiental*, conforme trabalhada por Lynch apreendida pelo uso.

Segue abaixo as análises sucintas de alguns dos mapas separados por grupos de usuários. Delineando em poucas linhas a idéia central e cada desenho e das entrevistas.

Categoria número um: pessoas que trabalham no largo.

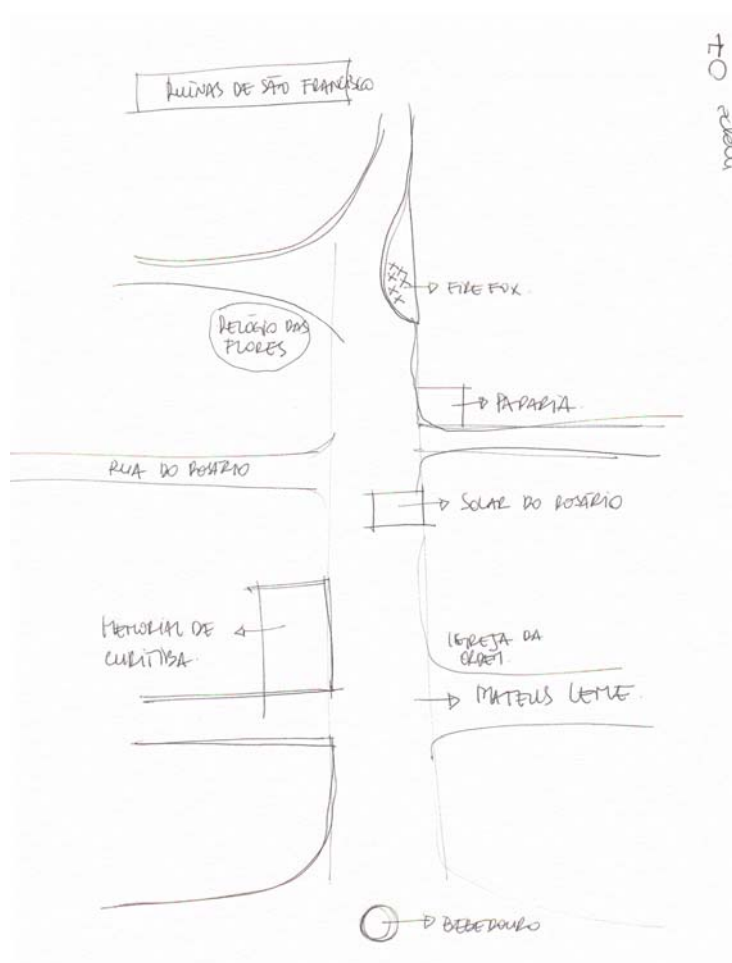


Ilustração 65 Mapa nº 07

O mapa número sete retrata uma boa apreensão espacial, havendo uma série de referências por todo o plano. Enquanto desenhava a usuária fez questão de dizer exatamente onde começava e terminava o Largo para ela, indo desde o bebedouro até as Ruínas do São Francisco. Assim sua percepção está calcada em uma série de referências que vão seguindo a “ladeira” como ela mesma definiu. Apesar da quantidade de usos diferentes, mais uma vez não há presença de pessoas nas ruas. A palavra para defini-lo foi *infância* e a usuária fez alusão: “mais mito do que realidade.” Em sua entrevista trouxe uma série de referências à imagem urbana, como Capital Social, que não se reflete na prática e mais especificamente do largo *como espaço de cultura, mas cultura para quem?* Ressaltando um descompasso entre o planejamento do centro e da periferia. A presença da guarda municipal e da polícia não consegue evitar a violência e o acúmulo dos marginais. A quantidade de marcos por ela levantada é grande, sobretudo porque contempla uma diversidade grande de usos: o Relógio das Flores, o Bebedouro, o Solar do Rosário, a Igreja da Ordem, a Galeria das Arcadas e a Secretaria de Cultura. Em seu desenho conseguiu tecer a costura entre as esquinas,

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

da cidade tradicional, como marcadas por *Jane Jacobs*, a padaria, a esquina, os marcos, os bares, tudo está retratado em seu desenho de uma forma esquemática, demonstrando a geometrização trabalhada por *Passini* acima citada.

Categoria número dois: usuários e freqüentadores do largo para lazer



Ilustração 66 Mapa nº 16

“[...] as pessoas que caminham absortas, sem muita preocupação com a vida, isso é o que chama atenção.” Esse trecho foi citado pelo usuário número dezesseis. Ao confrontar com a palavra que definiu o espaço - *nostalgia*, percebe-se um freqüentador assíduo do Largo, ao menos uma vez na semana. Seu desenho está repleto de referências, que complementam sua entrevista. A citar os lampiões antigos em ferro fundido, o

Relógio das Flores, a Sociedade Garibaldi e as araucárias. Ao citar um ponto de encontro foi justamente em frente à sociedade o local escolhido, a qual junto com as ruínas do São Francisco constituem seus marcos e as referências históricas. O problema de segurança citado não refere-se à noite, como nos demais, mas sim, durante a feira dominical, com o acúmulo de pessoas. As sensações remetem à nostalgia de uma Curitiba antiga, as obras conservadas criam segundo ele, um espaço cultural, e a forma como as pessoas se portam também é digna de percepção. Como se todo o espaço fosse um cenário, um palco para as relações sociais. Essas pistas é que foram extraídas para a criação de algumas das diretrizes.



Ilustração 67 Mapa nº 17

“O curitibano não dá valor ao que deve ser visto aqui” e a *“segurança funciona quando não precisa”* são duas expressões que retratam o conhecimento profundo do recorte escolhido. Segundo ele o que mais chama atenção é a história do lugar, que com seus usos configurou *“[...]uma região cultural, tranquila num dia de sol, mas não passe às três horas da manhã!”* Os pontos de encontro escolhidos foram alguns bares locais. No desenho o ponto central é o relógio das flores, claramente configurando um ponto de encontro, junto com a fonte do cavalo. Há uma série de pessoas nas ruas, mostrando usos urbanos diversos e a araucária também está presente e de maneira bem evidente. Interessante notar que ele ressaltou no desenho a presença das pombas, que já haviam sido citadas em outras entrevistas. Há uma série de referências, como a garrafa de bebida, as pessoas pedindo dinheiro, e os hippies, numa clara alusão à

diversidade social. No canto inferior esquerdo, nota-se a presença de “pessoas cinza” cobrando dinheiro, segundo o usuário essa é a especulação imobiliária, a pressão que tem sofrido a cidade como um todo.



Ilustração 68 Mapa nº 30

O mapa número trinta expressa de maneira diferente a paisagem, visto em elevação, retrata tanto o Solar do Rosário quanto a Igreja do Rosário, somado à presença maciça de pessoas que configura um domingo na feirinha. “*Conjunto de ruas de pedestres*”- ao ressaltar essa visão ele coloca o espaço em evidência e também como “*o espaço em que a cidade se encontra*”. No qual “*alguma coisa te chamará a atenção*”. Essa série de frases relata bem a palavra com a qual ele definiu o Largo, um *Agrupamento*. Trouxe como ponto de encontro o Relógio das Flores, e como referência mítica “*esse encontro de todo mundo no domingo.[...] Esse tumulto gera problemas relacionados com o estacionamento*”, problema típico levantado por quem utiliza veículo próprio.

Categoria número três: usuários que não estavam no Largo no momento da entrevista:

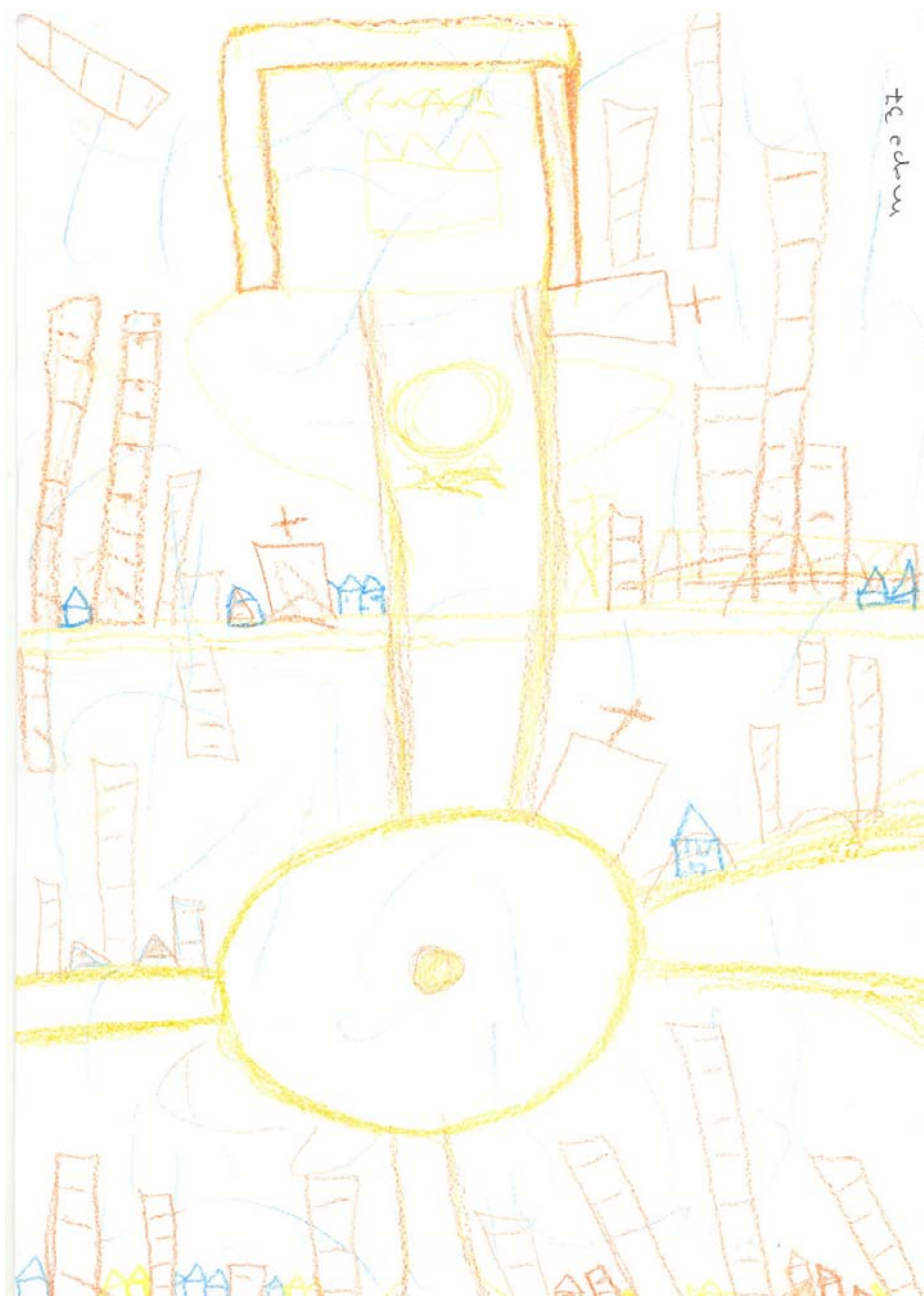


Ilustração 69 Mapa nº 37

O mapa 37 foi um dos poucos a extrapolar as “fronteiras” perceptíveis do largo e trazer a cidade, o entorno para o contexto. A partir do bebedouro (nota-se a Igreja da Ordem no canto) o calçadão desenvolve-se até a Fonte do Cavalo e o Relógio das Flores, finalizando na Sociedade Garibaldi. Notam-se também a Igreja Presbiteriana e a Igreja do Rosário, bem como as Ruínas do São Francisco atrás da Sociedade. De qualquer maneira não são encontradas pessoas ou referências à vida urbana. O usuário o frequenta diariamente há quase duas décadas, definindo-o como “a interação entre o calor humano e a violência.”

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

Nessa frase consegue-se perceber a relação entre o espaço de encontro, do calor humano com a ausência de segurança – a violência. Indo além, ele define como o *espaço mais europeu de Curitiba*, que lhe traz a sensação de estar caminhando em uma cidade de primeiro mundo, e essa é justamente a imagem buscada pelas campanhas e pelos slogans relacionados à cidade. Seu ponto de encontro é o “Cavalo Babão”. E fecha a entrevista com a frase *“juventude, o largo é um espaço muito vivo”*.

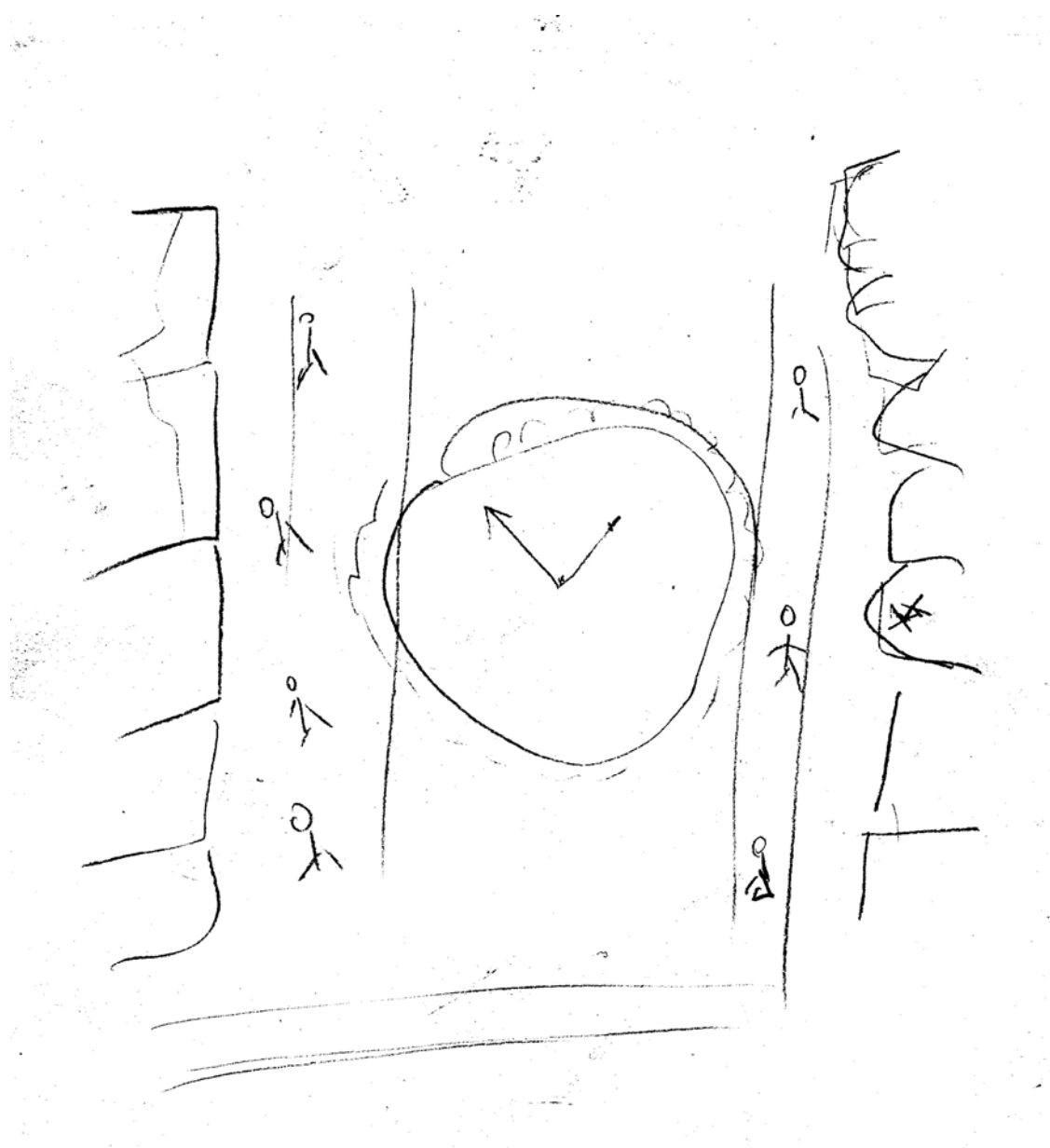


Ilustração 70 Mapa nº 43

Ao frequentar o largo desde a infância, semanalmente, a usuária número 43 definiu-o como *Lindo*. Em seu desenho há série de referências, como casario histórico por ela citado, a Igreja do Rosário, o relógio, repleto de pessoas a sua volta. Sua entrevista condiz com seu desenho, ao citar como ponto de encontro o Relógio das Flores. Segundo ela, o largo remete à vida do século passado (no caso o século XIX), e lhe traz

uma série de recordações pessoais, “Passava sempre ali para brincar, para passear” e indo além, “parece que tem uma vida muito grande.”

A quantidade de palavras diferentes utilizadas para definir o mesmo espaço contempla a diversidade de visões sobre o mesmo objeto. Mas todas corroboram para a formação da imagem mental formada. Assim conforme o esquema já proposto na pág. XX sobre a formação de tais imagens, pôde-se organizar as palavras da seguinte maneira: 1. *slogans*, 2. Imagem, 3. Imaginário, 4. Sensações. A organização foi dada de maneira que tanto o imaginário quanto as sensações colaboraram para a formação das imagens que acabam sendo ratificadas pelos *slogans*. Três entrevistados preferiram não responder tal questão.

Imaginário	
Acolhedor	Bucólico
Agradável	Cult
Alternativo	Cultural
Bonito 2	Curioso
Diferente	Excelente
Lindo 2	Maravilhoso 2
Razoável	Tudo de bom
Perigoso	Histórico 2
Romântica	
Imagens	
População	Instituição
Agrupamento	Patrimônio
Confraternização	Cultura 2
Diversidade	Feirinha
Variedade	
Sensações	
Alegria	Beleza
Boemia	Diversão
Infância	Movimento
Nostalgia	
Slogans	
1. Alma de Curitiba	4. Centro Histórico e Cultural
2. Espaço mais europeu de Curitiba	5. Coração de Curitiba
3. Ponto de encontro	6. Ponto Principal com relação ao turismo

Tabela 2 Imaginário, imagem, sensações e slogans obtidos junto à população.

A partir do contato com o local, das percepções, criou-se o imaginário. Este é o papel ativo do observador no processo da percepção. Com o uso, ou mesmo com a intervenção de agentes externos, a mídia, os relatos, as histórias sobre, as imagens começam a ser criadas – assim de um espaço acolhedor, agradável, maravilhoso, somado às percepções: diferente, romântico, chega-se à diversidade e variedade. De histórico e bucólico chega-se à imagem de patrimônio, de *cult*, cultural chega-se à imagem de cultura. E essa síntese expressa-se justamente na imagem da feirinha, construída desde a década de setenta e que está permeada por todas as demais imagens. Essas imagens variam conforme diferentes observadores, e vão se ajustando as necessidades variáveis, e as sensações levantadas, dizem respeito justamente a isso, diferentes observadores, percebem o espaço de diferentes formas, muitas vezes já filtrada pelas imagens criadas. Assim através da familiaridade criada, diversos usuários puderam responder às entrevistas e mesmo fazer os mapas mentais sem estar no local, pois trouxeram à luz a identidade e a organização de tal espaço, conforme já havia sido trabalhado por Lynch. Essa identidade pôde ser percebida através dos diversos slogans, trazidos pela população, mas extremamente próximos aqueles trazidos pelos jornais e outros meios de comunicação. Importante ressaltar que esses slogans não são mais que o reflexo das imagens, ora trazidas pela população, ora criadas e simplesmente apropriadas.

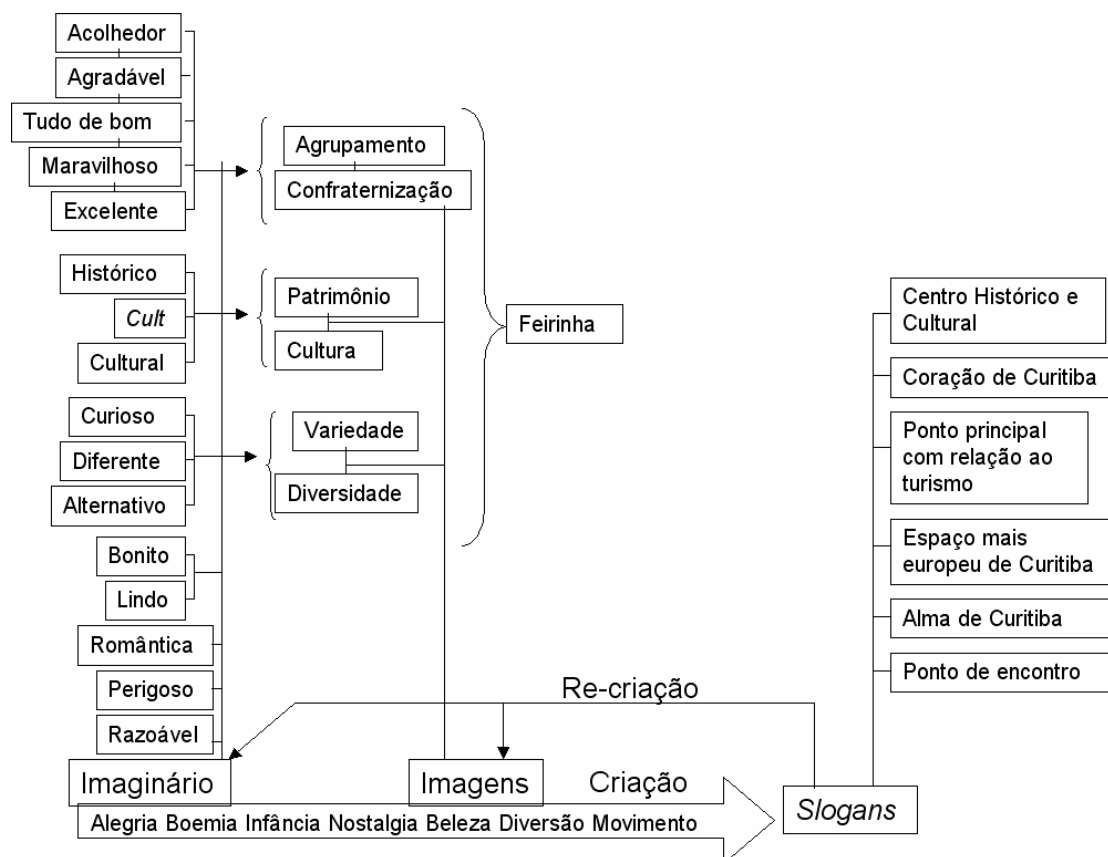


Ilustração 71 Formação do imaginário e dos slogans, a partir das imagens e das sensações, organização nossa.

Os slogans numero 1, 3,4 e 6 são reflexos claros do trecho que segue abaixo, publicado há duas décadas.

O calçadão unindo todo o setor histórico foi inaugurado no dia 29 de março de 1980, e hoje é local de lazer para idosos, crianças e pessoas em geral diariamente, além de ser visitado por grande número de turistas que aqui comparece. (Gazeta do Povo, 03/11/82).

Indo além e buscando a ligação entre a cidade, a imagem e a identidade, encontrou-se:

Ces villes [...] ont découvert que l'identité est un item de qualité de vie. Mais tout ce processus ne serait pas vécu et il n'arriverait pas près de la découverte et de l'affirmation de cette identité, si la ville ne s'était pas mise à racheter sa mémoire, en même temps qu'elle s'ouvrait ses chemins pour l'avenir [...] p.64³⁵

La mémoire est le lieu d'ancrage 'de l'identité. Et l'identité est le sentiment d'appartenir à un lieu. (LERNER, 1993, p.64).

Segundo a recuperação de tal espaço, ligando os conceitos presentes no imaginário: perigoso, com praticamente todas as entrevistas trazendo a imagem de violência e insegurança, numa tentativa que remonta a década de noventa, e indo além, mesmo com todas as intervenções feitas no sentido de recuperação tanto espacial quanto socialmente ainda hoje é levantada a questão da segurança.

“O setor histórico de Curitiba está reconquistando o seu espaço como local de lazer da população.”

“[...]a prefeitura tomou basicamente duas medidas: estabeleceu algumas áreas de estacionamento, impedindo o tráfego de veículos ao redor do bebedouro, e colocou a Guarda Municipal em vigilância permanente.” (O ESTADO DO PARANÁ: 20/06/93).

É importante ressaltar que todos os recortes de jornal analisados, trabalham ora com o caráter histórico e de ponto de encontro ora ressaltam o problema da violência, fazendo referência clara às imagens trazidas pela população em suas entrevistas e desenhos.

“O Largo da Ordem teve o bebedouro pelo fato de ali se concentrarem os portadores de hortigranjeiros vindos dos arredores da cidade, e como Curitiba ficou durante muito tempo sem mercado onde se fosse comprar legumes e frutas, as feiras sendo instituição recente copiada do Rio de Janeiro, a necessidade do ponto fez-se sentir e o prefeito de

³⁵ Estas cidades [...] descobriram que a identidade é um item de qualidade de vida. Mas todo este processo não seria vivido e ele não chegaria próximo da descoberta e dessa afirmação desta identidade, se a cidade não tivesse se proposto a resgatar sua memória, ao mesmo que ela abriria seus caminhos para o futuro. [...]

A memória é o lugar no qual se ancora a identidade. E a identidade é o sentimento de pertencer a um lugar. Tradução nossa

então , Cel. Macedo, mandou colocar o bebedouro como solução natural em que mostrasse também a aquiescência do poder público.” (CARNEIRO, 1981, s.p.).

Além disso fica evidente também a “setorização” espacial pelos grupos que o utilizam, tanto na identificação da população quanto nos artigos publicados pela mídia, como publicado em “Larga Desordem” (VEJA PARANÁ, 30 de outubro, 1991). O encontro de todas as tribos e sua conseqüente separação em áreas menores é vista ora como ponto positivo, ora como negativo. No primeiro sentido, é interessante perceber que ainda há espaços capazes de abrigar diversos grupos, como inclusive, um dos parques mais tradicionais de Curitiba, o Passeio Público. Já no segundo aspecto (negativo), a setorização gera espaços não transitáveis devido a alguns de seus freqüentadores em determinados períodos do dia. De qualquer maneira a presença de diversos grupos demonstra uma animação que a princípio deveria ser buscada em todos os espaços urbanos, pois minimiza os efeitos da segregação social.

“ O problema maior que o barulho e a bagunça é a violência. Não é preciso ser muito atento para perceber os tipos estranhos que circulam entre o Largo da Ordem e as Ruínas de São Francisco. Existe aliás, uma divisão geográfica para cada turma de jovens. “em Larga Desordem. VEJA PARANÁ, 30 de outubro, 1991.

A identificação com tal lugar pode ser referenciada com relação ao ser curitibano, como citado nas entrevistas, utilizar tal recorte é fazer parte da cidade e o mesmo acontece com muitas publicações que aproximam a imagem ao espaço.

“ Uma cidade é como a gente, precisa ter um rosto. Rosto conhecido, familiar e conservado, para inspirar confiança, para acolher. O rosto de Curitiba está nas casas, nas velhas casas que a gente viu desde pequeno. Nas velhas casas, de babuchas e nonas, que nos viram crescer. Casas que representam, no seu conjunto, a melhor fotografia do que nossos pais construíram.” (PEREIRA, 1983, s.p.).

Ao fazer um resgate da literatura local, algumas obras fazem alusão direta à presença deste na vida do curitibano, conforme o poema Largo Esquerdo da Ordem – de Marilda Confortim: “[...]Água benta /Água ardente/ Arte sacra/ Arte nata / Boates / Beatas / Brotam no mesmo chão /O Largo é um misto / De santo e profano / O Largo é o espelho curitibano. “O Largo é o espelho curitibano, ser curitibano é ir ao Largo aos domingos, e ter reconhecida como sua a identidade de tal espaço, o Relógio da Flores, a Fonte do Cavalo, o Bebedouro, e indo além, os parques, as estações tubo e todas as outras intervenções lançadas e incorporadas à imagem de Curitiba. Essa identificação direta espaço construído física e socialmente é o caminho a ser buscada para que sejam utilizadas e ratificadas as imagens ambientais.

As intervenções feitas no Largo, bem como em outros locais da cidade são pensadas sobre um discurso forte e calcado na re-proposição constante de imagens. No aniversário de 330 da capital uma série de obras foram propostas, e essa ideologia foi muito explicitada no memorial justificativo do Memorial da Cidade:

“Na base da estrutura está uma grande praça que suplanta, em tamanho, o próprio Largo da Ordem, mas que, pela proximidade, lhe dá seqüência.”

“[...] a cúpula do memorial, que é simbolicamente, a copa do pinheiro.”

“Do ponto de vista filosófico, o Memorial dos 300 Anos quer ser um espelho de Curitiba, acessando, de maneira desburocratizada, as informações a todos, na forma de arquivo dinâmico. Porque a cidade toda é seu próprio arquivo. O memorial preservará peças únicas e raras, ao tempo em que apontará as formas de se revivenciar, ao vivo e em toda a cidade, sua própria história. (MENDONÇA, 1997, s.p.).

A primeira citação evidencia a re-proposição espacial por algo que suplanta o existente, mas em seguida busca amenizar tal efeito ao sugerir a sequência pela continuidade, além disso, resgata um ícone local, a araucária o pinheiro do Paraná através de sua cúpula. *A cidade toda é seu próprio arquivo*, mas resgata sua própria história através das obras que têm sido construídas com esses fins. Curitiba torna-se então agente ativo, capaz de manipular sua própria história e continuamente se renovando para oferecer a seus habitantes as melhorias necessárias às condições de vida de seus habitantes:

Pour éviter que la paralysie et l'immobilisme provoquent la régression, la ville elle-même reclame de nouveaux changements à chaque cycle qui se complète. [...] Ce phénomène consiste à penser l'homme d'une manière plus sensible, moins spécialisée, moins technocratique. [...] C'est le citoyen considéré dans son histoire et dans sa vocation. (LERNER, 1993, p. 63) ³⁶.

5.3. Os conceitos e as árvores:

A partir da análise feita acima, foram montados os mapas mentais e conceituais um uma única vez, resultando na síntese de todas as entrevistas e de todos os desenhos.

A exemplo do método aplicado durante os teste piloto, a construção do mapa cognitivo e da arborescência para as demais entrevistas seguiu o seguinte roteiro:

1. Desenvolver uma lista de desejos:

- a.1. Aproximar, através do processo de planejamento, técnicos e comunidade, utilizando para isto a cultura local. Trazido do conhecimento do facilitador, e percebido como necessidade.
- a.2. Instrumentalizar a leitura comunitária, afim de que possam ser extraídas pistas para diretrizes projetuais e de manutenção da dinamicidade espacial.
- a.3. Manter os aspectos positivos levantados pela comunidade potencializando suas características mais relevantes.
- a.4. Sanar (quando necessário) os aspectos julgados como negativos.

³⁶ “Para evitar que a paralisia e o imobilismo provoquem a regressão, a cidade ela mesma demanda por novas mudanças a cada ciclo que se completa [...] esse fenômeno consiste em pensar o homem de uma maneira mais sensível, menos especializada, menos tecnocrática, [...] é o cidadão considerado em sua história e sua vocação.” tradução do nossa.

a.5. Nortear princípios de ação sobre o local, tanto na inserção de novos elementos, quanto na manutenção de práticas que o mantenham sob utilização.

2. Identificar alternativas:

a) Utilizar a percepção da comunidade sobre o espaço real:

a1. resgatar a visão do que é positivo

a2. evidenciar aqueles que já são marcos na paisagem

a3. trabalhar com o imaginário local

a4. acrescentar quando pertinente informações novas, agregando, não substituindo padrões existentes.

a5. controlar a violência no local, diminuindo a sensação de insegurança

a6. potencializar o sentimento de pertencer

Continuar concebendo planos tecnocráticos (descartada)

3. Considerar problemas e deficiências:

a) Como utilizar a visão da comunidade para diminuir:

a1. A violência urbana

a2. A morte dos espaços tradicionais

a3. A ausência de vida urbana

a4. A criação de espaços somente de circulação

b) Diminuir a distância entre técnicos e comunidade

b1. existem locais similares, quais foram as soluções adotadas, é possível readaptá-las.

b2. criar um vocabulário comum entre técnicos e comunidade, seja através de desenhos ou de entrevistas simples, como aquelas que foram aplicadas no experimento.

4. Determinar objetivos genéricos:

a) Instrumentalizar o processo de planejamento, através de um Plano Diretor Participativo para:

a1. Reconstruir o conceito de lugar

a2. Dinamizar o turismo

a3. Diminuir a violência

a4. Resgatar a história local

a5. Utilizar não somente como espaço de circular

a6. Utilizar como espaço de estar

a7. Manter como espaço dinâmico

a8. Atrair novos usos

a9. Preservar símbolos existentes

a10. Minimizar o abandono

a11. Reforçar sua identidade

b) Ampliar o conceito de Plano Diretor para esfera maior, englobando a própria idéia de região.

(Não fazem parte do escopo do presente trabalho)

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

- b1. Buscar soluções holísticas que contemplem mais de um município
- b2. Sanar problemas que extrapolam as divisas de um único município, como de bacias hidrográficas, áreas de preservação, e mesmo de ocupações ilegais.
- b3. Maior integração nas redes e sistemas, como de transporte, entre outros, além da criação de uma identidade regional.

5. Determinar objetivos estratégicos:

- a) Promover espaços urbanos mais dinâmicos, com menor violência, que denotem a conceito de lugar.
- b) Fazer um resgate da idéia de cidade que a população possui, para a partir daí ter condições de lançar slogans pertinentes com a realidade.
- c) Utilizar o conceito de cultura local na construção das imagens, não somente nas imagens pretendidas, mas também naquelas existentes.
- d) Extrapolar o recorte específico utilizando o mesmo método para outras abrangências, inclusive em visões regionais.

6. Considerar perspectivas diferentes:

- a) Dar à cidade um caráter holístico em detrimento da visão fragmentada.
- b) Permitir novas formas de planejamento
- c) Conhecer o objeto cidade não somente através de dados estáticos
- d) Promover o interesse e a participação comunitárias

Sinteticamente a árvore que segue representa a junção entre os pontos de vista, elementos primários obtidos tanto nas entrevistas quanto nos desenhos, portanto dos decisores, a conceituação teórica que permitiu a extração de conceitos, portanto do facilitador, permitindo sua construção. Dos objetivos estratégicos agora, serão extraídas então as diretrizes de planejamento. Ao atingir os conceitos orientados à ação, cada um dos objetivos estratégicos será implementado conforme as diretrizes delineadas no capítulo de conclusões.

6. Conclusões e diretrizes:

[...]

Curitiba alegre do povo feliz
 essa é a cidade irreal da propaganda
 ninguém não viu não sabe onde fica
 falso produto de marketing político
 opera bufa de nuvem fraude de arame
 cidade alegríssima de mentirinha
 povo felicíssimo sem rosto sem direito sem pão
 dessa Curitiba não me ufano
 não Curitiba não é uma festa

[...]

Dalton Trevisan

A partir da análise do material levantado delinearam-se uma série de apontamentos reunidos sob a forma de conclusão, e sobre a leitura da árvore obtida puderam ser traçadas as diretrizes.

A construção da nova matriz urbanística passa pela eliminação da distância entre o planejamento urbano e gestão. Passa ainda por uma nova abordagem holística, que não esgota o espaço dos planos locais ou das decisões participativas descentralizadas. Mas, talvez mais importante do que tudo, ela não pode ignorar a necessidade de desconstrução das representações, dominantes na cidade e nem a necessidade de construção de uma nova simbologia engajada a uma práxis democrática. (Maricato, 2000, p.169).

6.1. Concluindo

A pesquisa delineou-se sobre diversas linhas de pensamentos que uma a uma foram sendo construídas, desconstruídas e agregadas. Tanto na formulação dos conceitos-base quanto na busca pelas técnicas utilizadas.

O planejamento urbano, de cunho tecnocrático, e com forte apelo aos preceitos modernistas, teve um grande impulso no Brasil, durante o regime militar, sobretudo nas décadas de 70 e 80. Os resultados obtidos e indo além, o embasamento teórico levantado por diversos autores desde a década de sessenta e a própria realidade urbano-social observada nas cidades brasileiras alimentou a discussão sobre a participação popular. Muito foi escrito sobre o assunto porém sua aplicação real e prática ainda necessita de um tempo longo para a implementação efetiva.

Compreender a visão do usuário sobre a cidade através dos mapas mentais, conceituais e cognitivos, é um método utilizado há algumas décadas, por autores como Kevin Lynch (basicamente mapas

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

mentais), e utilizá-lo com o intuito de promover a participação efetiva no processo de planejamento mostrou-se exequível. A visão do usuário captada pelos mapas mentais pode contribuir para oportunizar a inclusão da visão popular sobre questões e aspectos do espaço a ser planejado e gerido.

Na verdade a crítica não está no planejamento em si, nem em sua ausência ou quantidade, mas sim, numa re-proposição para um método que não se encaixa mais na realidade. Não há busca para a fundamentação contra ou a favor do tecnocratismo, mas sim a complementação da leitura técnica num viés de maior abertura para a visão popular, engajada e baseada sobretudo no grande salto em direção à democratização das cidades com a aprovação do Estatuto da Cidade em 2001, cujas bases já vinham sendo discutidas desde a década de 80.

A idéia de um zoneamento fragmentário esteve muito bem embasada numa discussão crítica que fundamentou as alterações na então cidade industrial, caótica e repleta de contradições. Se o discurso e as bases conceituais foram deturpados em sua aplicação prática e muito de sua essência foi perdida, ainda assim a teoria mostrou-se engajada na real melhoria das condições e da qualidade de vida urbanas.

Uma boa parte dos problemas originou-se na alteração do *mecenas* da produção urbana, recaindo na especulação imobiliária que então utilizou-se indiscriminadamente do instrumento zoneamento para objetivar seus interesses.

A deturpação conceitual também recaiu sobre a busca de identidades face ao processo de mundialização fazendo com que as cidades tenham buscado criar imagens para fazer face às metrópoles mundiais, muitas vezes buscando em pastiches as origens para seus espaços, que tornaram-se cópias de cenários transpostos e sem nenhuma relação com o local. O discurso suplantou em muitos casos a efetiva participação popular e à população coube o papel passivo de ratificação dos propostas e intervenções que vieram do poder público.

Dentro dessa matriz composta por diversos vieses que se constitui o planejamento urbano, a fim de minimizar os efeitos já observados e mesmo de gerar propostas mais condizentes com a nova realidade urbano-social, delineou-se nessa pesquisa a aproximação da imagem ambiental urbana³⁷, (imagem ambiental urbana nesse caso - refere-se à imagem do ambiente urbano, e não se refere ao meio ambiente como espaço de desenvolvimento dos ecossistemas), numa relação entre a imagem, o imaginário e a cultura, obtida com os mapas mentais e com o embasamento conceitual.

As diversas imagens são formadas através da percepção visual, e em paralelo com base na vivência e nas informações trazidas pelo imaginário coletivo. Cada uma das imagens, é única, portanto, podendo ser modificada ou reforçada conforme a construção discursiva feita sobre ela. Sendo as imagens unidades menores sobre a paisagem real seu conjunto conforma o imaginário. Ou seja, um complexo que além das imagens também traz implícito todas as informações passadas com outros signos que não os

³⁷ Extraído de LYNCH, 1997.

visuais, processados através do sistema cognitivo. Assim influenciam tanto os sentidos do corpo humano, quanto as referências histórico-sociais, as qualidades das formas e o próprio conceito de cultura.

Com relação à cultura, dentro do universo conceitual buscou-se fazer um resgate da cultura urbana, como sendo produto da sociedade humana, portanto algo não natural, mas que constitui-se em um escopo passível de ser processado, armazenado e transmitido, e que portanto reflete-se nos espaços da cidade e através de um processo de *mão-dupla* o conforma e por ele é conformado.

Cultura sob essa ótica é um dos elementos-chave para a compreensão e conseqüente utilização da visão da população no processo de planejamento. E como entender a cultura urbana? A busca pela leitura desse conceito deve estar focada em um objeto específico, na verdade, deve-se ter sempre como base um objeto específico, uma cidade específica, tendo como suporte uma realidade

A linha evolutiva da cidade de Curitiba, estudada na busca da compreensão da identidade do curitibano de hoje trouxe à luz a clara relação entre a cidade, o espaço, e o cidadão. A construção das imagens urbanas, obtidas através dos desenhos e citada nos esquemas das páginas 26 e 31 esteve vinculada ao imaginário coletivo, desde a emancipação do Paraná e a busca pela criação de uma identidade *paranista*, sobretudo curitibana, numa estreita relação com a imigração européia e com a nova direção dada ao curitibano, agora não mais de origem indígena-portuguesa, mas sim com o novo perfil europeizado, que inclusive se traduziu na cidade, como as diversas colônias formadas, os costumes das feiras, realizadas entre outros no Largo da Ordem. Essa estreita relação traçada entre a evolução da população e do espaço urbano obviamente não aconteceu somente em Curitiba, tendo sido observado em diversas cidades brasileiras, sobretudo a partir da laicização do Estado e conseqüentemente da alteração dos costumes e hábitos da vida urbana. A cidade deixou de ser então cenário de festas religiosas e procissões para ser o espaço do cotidiano, da efetiva vida urbana, servindo como base real para o desenvolvimento de uma cultura propriamente urbana.

Curitiba desenvolveu-se basicamente em quatro etapas, sendo que o planejamento urbano esteve presente de maneira mais evidente nas duas últimas. Esse direcionamento no desenvolver urbano esteve, num primeiro momento calcado na ideologia modernista, a partir do Plano Agache, zoneando a cidade e conferindo-lhe um *ar de modernidade*. A seqüência foi dada pelo Plano SERETE, re-configurando a cidade, que havia se desenvolvido mais rapidamente que o previsto. A partir da década de 70, houve um estreitamento na identificação entre as personagens importantes no panorama urbano-político curitibano e a cidade, que sofreu o processo de personificação.

Esse mesmo processo foi impulsionado pelo *city marketing*, baseado na criação de uma identidade forte e na divulgação desse ideal para a fixação no imaginário coletivo. Tanto que houve uma verdadeira internacionalização da imagem de Curitiba, como cidade modelo, tendo seus *slogans* renovados a cada nova campanha. Em torno de cada grande projeto lançado há uma grande campanha publicitária, fazendo com que a população não só aceitasse a nova idéia como também cria-se expectativas quanto às necessidades com relação a esse projeto, tornado então *essencial*.

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

Essa criação de imagens e espaços em si não é negativa, pois há um retorno efetivo para a população através de uma rede maior de parques e praças, mas a crítica baseia-se na disseminação de uma imagem que *universaliza* os recursos, ao passo em que na realidade há uma grande diferença entre a periferia e o centro, não havendo a mesma equidade de equipamentos e recursos. De qualquer maneira, tenta-se mostrar a neutralidade do instrumento em si, que é passível de ser manipulado conforme interesses maiores.

Cultura urbana, identidade, imagem e imaginário, *city marketing*, essa seqüência de conceitos levou à efetivação da intenção para o passo seguinte, buscar imagens na própria população sobre a cidade. A visão da comunidade tornou-se o foco central para a pesquisa, no viés da participação comunitária no processo de planejamento. Obviamente, esse processo participativo extrapola em muito a utilização das imagens, pois necessita de um número maior de assembleias, encontros, para que as reivindicações possam ser feitas, e de um engajamento e treinamento maior – aliados a uma consciência participativa ainda a ser desenvolvida, mas a leitura dos desenhos e a interpretação das entrevistas é uma das muitas maneiras de abordar o tema e fazer uma primeira aproximação que permeou todo o trabalho.

Obteve-se a construção da imagem do Largo, como um cenário ainda presente no imaginário coletivo, fato este observado pela quantidade de referências trazidas pelos desenhos e na oralidade das entrevistas. A dinamicidade de usos contudo, como observado é pouco diversificada, não havendo grande apropriação espacial durante os dias da semana, somente nos momentos de feira e festas. Neste ponto é que se verificou na prática a observação empírica de que o Largo é corredor de passagem em detrimento de um lugar de estar e convívio, ao menos no decorrer da semana.

A seqüência adotada, foi resultante da análise do processo de construção dos mapas mentais, conceituais e cognitivos. Cada uma dessas ferramentas por si só poderia instrumentalizar a leitura, mas ao somar e criar um caminho que os relacione obteve-se uma conceituação mais aprofundada e que permitiu a proposição de objetivos genéricos e diretrizes projetuais ratificados pela população.

Os mapas mentais refletem a imagem da população sobre o recorte escolhido. Suas principais referências, pontos notáveis, detalhes menores mas que refletem a diversidade encontrada no Largo. Como a dicotomia entre a Fonte do Cavalo e o Relógio das Flores. O Relógio foi inserido em tal espaço na década de setenta, tornando-se o marco da paisagem e sendo citado pela população mais velha como ponto focal, sem ser levado em conta, na década de noventa a Fonte do cavalo foi posta justo em frente ao Relógio, e sendo muito maior suplantou o antigo marco, sendo citada pelos mais jovens que já não fazem alusão ao Relógio. Essa construção simbólica é salutar, dinamiza a cena urbana, mas deve ser feita com cuidado e baseada em estudos sobre o imaginário coletivo. A partir das entrevistas e da primeira análise feita sobre os desenhos são extraídos os conceitos de lugar, estrutura, significado e identidade. Mostraram-se como conceitos-chave para a elaboração dos objetivos genéricos da etapa seguinte, então a construção do mapa cognitivo através de sua arborescência.

Os objetivos traçados no começo da pesquisa resultaram em etapas dentro da construção conceitual que foram sendo alcançados com o avançar do trabalho. Essas múltiplas etapas levaram às diretrizes que exemplificam medidas a serem tomadas para o planejamento e gestão da área, e que, conforme previsto, consolidaram o método como aplicável a outros locais e estudos, resultando em um profícuo sistema de leitura ambiental.

Teve-se como intenção também a busca de grupos de usuários que não utilizam o Largo como espaço de trabalho, mas generalizando para os que o utilizam para o lazer, para a circulação e também os que o possuem apenas no imaginário e na memória. As imagens foram todas muito próximas e demonstraram inclusive diversos pontos em comum.

Entre esses pontos em comum é necessário ressaltar que elementos novos, como a Fonte do Cavalo, inserida no ponto focal do centro histórico, conseguem atingir a proporção de novos marcos, suplantando muitas os antigos, como o Relógio das Flores, antigo cartão postal da cidade desde sua implantação na década de setenta, caindo em estado de abandono. A proposição de novos marcos é salutar no sentido de re-dinamizar os espaços, mas deve ser trabalhada no sentido de não obliterar a presença de referenciais anteriores, numa complementaridade e não no sentido de negação.

A partir das palavras escolhidas para descrevê-lo foram trabalhadas quatro taxonomias não excludentes que lhes agrupam e facilitam sua leitura. O imaginário, a imagem, as sensações e os slogans. A princípio quatro classes desconexas entre si, mas que relacionam-se da seguinte maneira: o imaginário coletivo direciona e é direcionado pelas imagens, a partir do existente, e através das sensações causadas gerando os slogans, ora, trazidos pela população, ora no sentido inverso do poder público, re-criando o processo até chegar não imaginário e nas imagens.

A separação entre a etapa de teste e a etapa efetiva de coleta de dados, foi de suma importância para a organização da estratégia de abordagem, num primeiro momento, e também, delineou os melhores procedimentos a serem tomados na análise. A amostra de quarenta e nove usuários demonstra a eficiência de grupos relativamente pequenos em estudos qualitativos, pois já a partir das primeiras entrevistas observou-se uma certa concordância entre as respostas e os referenciais.

A pesquisa iniciada a princípio sem muitos parâmetros por ter sido uma junção de técnicas, foi sendo construída rumo à execução dos mapas cognitivos – que nada mais são do que as arborescências encontradas, permite a recomendação de tais mapas para pesquisas futuras no mesmo campo de planejamento urbano, e em outros campos do conhecimento científico.

6.2. Propondo

Seguem as diretrizes de planejamento como resultado da pesquisa desenvolvida, ratificadas posteriormente por parte da amostra. São propostas a serem aplicadas em casos como a área-exemplo, e que podem e devem ser analisadas seguindo o mesmo procedimento metodológico utilizado na pesquisa no

caso de outro trabalhos. Como toda diretriz de planejamento, estas abaixo precisam de base instrumental para serem aplicadas, seja através de aparato legal, incentivos e/ou outras maneiras de trazer à realidade o embasamento teórico.

Diretrizes para o planejamento:

As diretrizes do quadro a seguir são a continuidade dos objetivos estratégicos traçados na execução do mapa cognitivo. De cada objetivo foram extraídas três diretrizes, e houve a tentativa de resgatá-las através da leitura comunitária (entrevistas; mapas mentais, conceituais e cognitivos), além do registro fotográfico e da observação direta do autor, acrescidos da coleta de dados “técnicos”, através de fontes secundárias e da análise das publicações na mídia local. Como segue no esquema abaixo, a partir dos instrumentos escolhidos, partiu-se para os objetivos estratégicos e com base nesses, o *caminho a ser seguido* leva às diretrizes. Notar que as flechas que contornam o quadro estão em todos os sentidos, ou seja, é um processo de construção e avaliação continuadas.

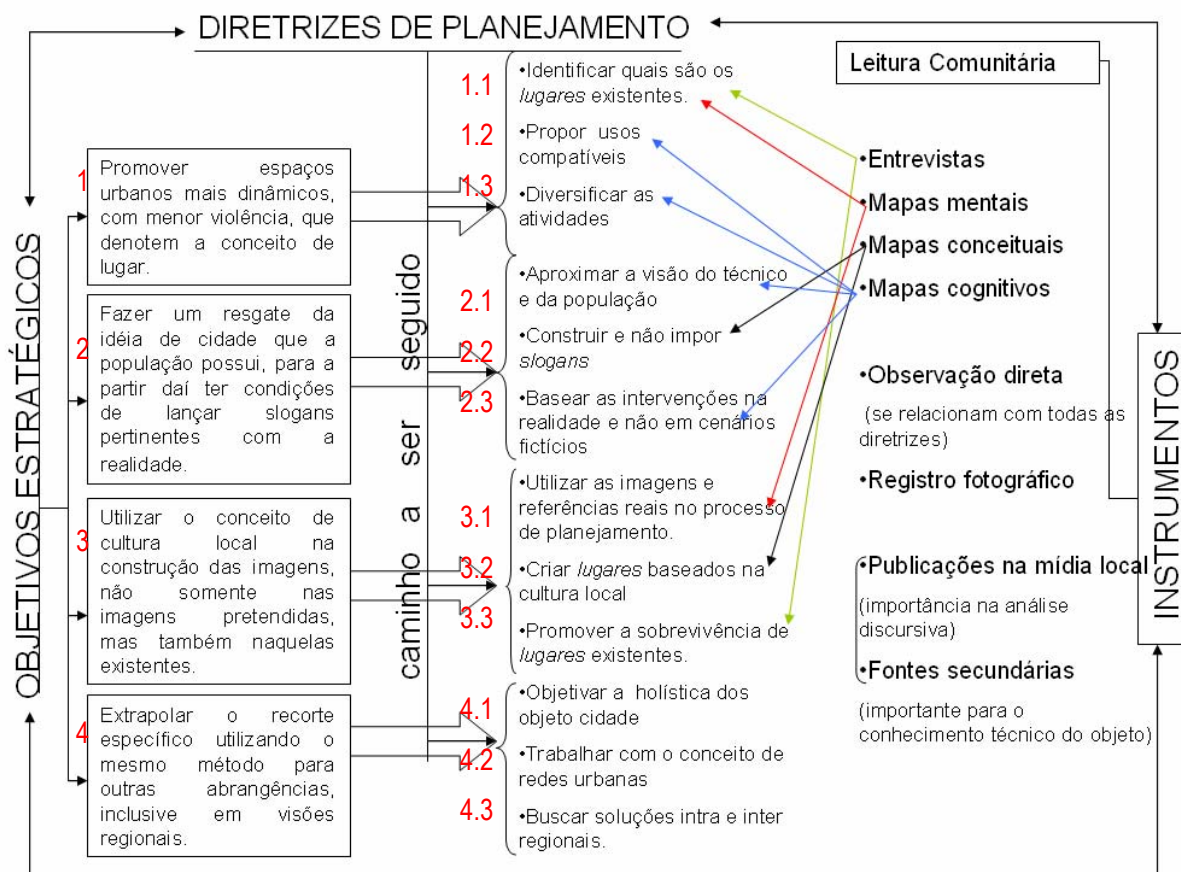


Ilustração 72 Diretrizes obtidas

Do objetivo número um, promover espaços urbanos mais dinâmicos, com menor violência, que denotem a conceito de lugar, foram extraídas as seguintes diretrizes:

- 1.1. Identificar quais são os lugares existentes.
- 1.2. Propor usos compatíveis

- 1.3. Diversificar as atividades

Esse primeiro objetivo busca diversificar as atividades e usos, provendo então a reconstituição da vida local e portanto diminuindo a violência. Como já citado, os olhos voltados para a rua geram a segurança através da permanente vigilância da própria comunidade. Essa dinamicidade resgata também a apropriação, e assim, espaços apropriados tornam-se lugares, porque adquirem valor social. Ao falar de instrumentos, nota-se que a primeira diretriz relaciona-se diretamente com as entrevistas e com os mapas mentais, pois que refletem diretamente a visão da comunidade. Em paralelo, as outras duas podem ser buscadas diretamente nos mapas cognitivos, por serem estes uma concatenação da visão técnica e da visão comunitária. Diversas frases trazidas pela comunidade permitiram identificar que a diversificação das atividades e a identificação dos diversos lugares existentes na cidade tradicional completam o imaginário coletivo permitem que este seja repassado e conformam a imagem de muitos desses ambientes. Relaciona-se com o objetivo número dois, ao resgatar o conceito de lugar sobretudo no que concerne a sua segunda diretriz de construir e não impor *slogans*.

O segundo objetivo, fazer um resgate da idéia de cidade que a população possui, para a partir daí ter condições de lançar slogans pertinentes com a realidade, propiciou a construção das seguintes diretrizes:

- 2.1. Aproximar a visão do técnico e da população
- 2.2. Construir e não impor *slogans*
- 2.3. Basear as intervenções na realidade e não em cenários fictícios

Esse objetivo aproxima a primeira e a terceira diretrizes, resultam de uma leitura aprofundada das condicionantes locais, tanto sociais quanto físico espaciais, portanto são traçadas pelos mapas cognitivos, ao mesmo tempo em que a segunda relaciona-se aos conceitos extraídos com a população, portanto com o mapa conceitual e com o mental. Essa idéia sobre a cidade que a população possui traz clara a intenção de desenvolver o interesse pela participação da comunidade no processo de tomada de decisões. A partir de uma maior identificação cidadão – cidade, e da tomada de conhecimento sobre seu papel no processo decisório o interesse pela participação pode ser incitado.

Ao analisar o terceiro objetivo, utilizar o conceito de cultura local na construção das imagens, não somente nas imagens pretendidas, mas também naquelas existentes, este objetivo relaciona-se tanto com a primeira diretriz do objetivo número um quanto à terceira do objetivo número dois, está baseado sobre as seguintes diretrizes:

- 3.1. Utilizar as imagens e referências reais no processo de planejamento.
- 3.2. Criar *lugares* baseados na cultura local
- 3.3. Promover a sobrevivência de *lugares* existentes.

Os mapas mentais e as entrevistas foram os instrumentos mais indicados para levantar os dados das diretrizes número um e três, porque trazem as referências diretas para tais intenções. Já para a segunda, são necessários os mapas conceituais, para a percepção direta dos conceitos. Afinal a cultura local, como visto anteriormente é dinâmica e altera-se com o passar do tempo ora espontaneamente ora por

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

intervenção do poder público. Apropriar-se desse conceito para a manutenção dos espaços existentes e a melhoria de suas deficiências também contribui para possíveis acertos na proposição de espaços completamente novos. A sobrevivência dos espaços existentes é fundamental para a manutenção da memória urbana, seja através da cultura local e para tanto das imagens e referências locais, seja em resgates feitos para lugares novos que agregam valores novos aos espaços ora existentes, ora novos.

Finalmente para o quarto objetivo, extrapolar o recorte específico utilizando o mesmo método para outras abrangências, inclusive em visões regionais, foram delineadas três diretrizes:

- 4.1. Objetivar a holística dos objeto cidade
- 4.2. Trabalhar com o conceito de redes urbanas
- 4.3. Buscar soluções intra e inter regionais.

Esse objetivo extrapola o foco do trabalho e para tanto não serão analisadas suas diretrizes, ficando apenas como proposta. De qualquer maneira extrapolar o recorte específico pode se encaixar tanto na cidade como um todo, vista como a soma total de partes menores, quanto em uma região metropolitana, planejada dentro de uma visão de conjunto, ou mesmo rede de cidades.

Obviamente essas são diretrizes de planejamento que para sua efetivação necessitam de aparato legal condizente. Para que a implementação dessas diretrizes seja efetiva é necessária a criação de diretrizes de gestão. Além das diretrizes também são necessários instrumentos legais para a implementação e manutenção.

6.3. Recomendações para futuras pesquisas

O presente trabalho delinea uma série de caminhos a serem seguidos para futuras pesquisas. Serão listadas tanto as que complementam o trabalho já realizado, quanto as que alçam rumos novos e ampliam as possibilidades de estreitamento entre a visão técnica e a visão comunitária.

1) Realizar a mesma pesquisa em uma área-exemplo planejada, ou seja, não-histórica, para que sejam aferidas se as relações com o local são as mesmas.

2) Aumentar a abrangência do trabalho, não no sentido do tamanho da amostra, que mostrou-se válida, mas buscando recortes mais complexos, como um bairro ou mesmo uma cidade como um todo para aplicação dos mesmos métodos e técnicas.

3) Instrumentalizar as diretrizes obtidas, com um suporte legal condizente com os resultados encontrados.

4) Aumentar a busca por fontes publicadas na mídia local e montar um mapa cognitivo e uma árvore baseada nessa visão (dita oficial) para comparar com a encontrada junto à população. Dessa maneira poderiam ser compreendidas duas visões sobre o mesmo objeto.

5) Além dessas, cabem também aprofundamentos a serem feitos no campo de leitura dos mapas mentais, sua compreensão baseada na forma e na extração de padrões que podem facilitar e agilizar o processo e mesmo direcionar novos apontamentos sobre a interpretação desses mapas.

6) Outro campo que tem sido desenvolvido largamente concerne à participação efetiva da população nos processos de planejamento e decisão sobre a cidade, não de maneira consultiva, como no caso dessa pesquisa, mas deliberativa, abrindo um espaço maior para a discussão.

7. Referências Bibliográficas:

- AUGÉ, Marc. Não – Lugares. Introdução a um antropologia da supermodernidade. Editora Papirus, Campinas – SP, 1994.
- BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo. SP, Martins Fontes, 1994.
- BARBETA, Pedro Alberto. Estatística aplicada às ciências sociais. Editora UFSC, Florianópolis, 2001. 4º ed.
- BECKER, Howard S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. Editora Hucitec, São Paulo, 1994.
- BRAGA, Ney. Depoimento 01. In Memória da Curitiba Urbana. HAYGERT, Aroldo M. G. (org.). Imprensa do IPPUC, Curitiba, 1990.
- BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, cidadania e imaginário, in SOUZA, Célia Ferraz de & PESAVENTO, Sandra Jatahy, org. Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1997.
- BUDAG, Luciana; Universidade Federal de Santa Catarina. Vida coletiva e trocas sociais na área central de Blumenau/SC. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Geografia.
- CANEVACCI, Massimo. A Cidade Polifônica. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. 2º Ed. São Paulo: Livros Studio Nobel Ltda. 1997.
- CARNEIRO, David. O Largo da Ordem, Jornal Gazeta do Povo. Curitiba- PR. 11/08/1981.
- CASTELLO, Lineu & MASCIA, Eleonora, Place-Marketing e o Projeto do Lugar. In.: PROJETO DO LUGAR – colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Organizadores Vicente del Rio, Cristiane Rose Duarte, Paulo Afonso Rheingantz. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ Proarq, 2002.
- CHINOY, Ely. Sociedade : uma introdução a sociologia. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1978. 734p
- CYRO, I.C. de Oliveira Lyra, Plano de Revitalização do Setor Histórico de Curitiba, 1970.
- CORBUSIER, Lê. A Carta de Atenas, 1933. In: Laboratório de Planejamento Municipal -LPM– IGCE/UNESP. Extraído do site www.rc.unesp.br/igce/plnaejmaento.
- CORREA, C.E. Construção de um modelo Multicritério de Apoio ao Processo Decisório. Florianópolis – Brasil – 1996. Dissertação de Mestrado. Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina.
- DUTRA, Olívio. Prefácio da obra: Estatuto da Cidade, guia para implementação pelos municípios e cidadãos. Instituto Polis e Caixa Econômica Federal. 2º Edição, Brasília, 2002.
- ENSSLIN, Leonardo; MONTIBELLER NETO, Gilberto; NORONHA, Sandro Mac Donald. Apoio a decisão: metodologias para estruturação de problemas e avaliação multicritério de alternativas. Florianópolis: Insular, 2001
- FENIANOS, Eduardo. Almanaque Kurytyba. Ed. UNIVER CIDADE. Curitiba/2003.
- FERRARA, Lucrecia D'Alesseio. As cidades ilegíveis: Percepção ambiental e Cidadania. In DEL RIO, Vicente (org) . Percepção Ambiental, ed. Studio Nobel, 1996

FREIRE, Cristina. Além dos mapas – os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. Editora Annablume, São Paulo, 1997.

GAZETA DO POVO, 03/11/82. No setor histórico o lazer.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, c1989. 323p.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: M. Fontes, 2000. 510 p.

JODELET, Denise. A Cidade e a Memória. In.: PROJETO DO LUGAR – colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Organizadores Vicente del Rio, Cristiane Rose Duarte, Paulo Afonso Rheingantz. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ Proarq, 2002.

KNOREK, Reinaldo; Universidade Federal de Santa Catarina. Mentalidade de posse e ocupação da terra um estudo cognitivo-explicativo entre atores atuantes no meio rural, na dialética de construir uma ecovisão sustentável, frente ao método multicrit. Florianópolis, 2005. [267] f.Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção

KOHLSDORF, Maria Elaine. A apreensão da forma da cidade. Brasília: Ed. UNB, c1996. 253p.

KREBS, Alzira Pereira; Universidade Federal de Santa Catarina. Legislação urbana e (des)construção da urbanidade uma análise observacional dos efeitos das leis municipais na perspectiva de um técnico. Florianópolis, 2002. 193 f.Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

LERNER, Jaime. Curitiba, La Révolution Écologique. Paris, Pallotti, 1993.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa. 2.^a Ed. São Paulo:Atlas 1990.

MARICATO, Ermínia. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias. In: MARICATO, ARANTES e VAINER. a Cidade de pensamento único. Petrópolis, Ed. Vozes, 2000.

MARX, Murillo. Nosso chão: do sagrado ao profano. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

MASSEY, Doreen. "La conceptualización del espacio y la cuestión de la política en un mundo Globalizado" (Profº Drº Open University – Londres) in VI ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia. Fortaleza, 2005.

MENDONÇA, Maí Nascimento. O Projeto. Fundação Cultural de Curitiba. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO Não Patrimoniado. 19/02/97.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. Petropolis, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO a, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 3. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994.

MONTBELLER, N. G. Mapas Cognitivos para apoio à Decisão. Tese de Doutorado. UFSC, Florianópolis, 2000.

MOURA,Rosa. Os riscos da cidade modelo. In ACSELRAD, Henri (org). a Duração das Cidades. DP&A Editora, Rio, 2001

O ESTADO DO PARANÁ: 20/06/93. Melhorias tornam setor histórico mais seguro.

por uma metodologia de leitura popular aplicada ao planejamento urbano

“O setor histórico de Curitiba está reconquistando o seu espaço como local de lazer da população.”

O ESTADO DO PARANÁ. 15 – 02 – 84. No Largo da Ordem, o fim das multas.

OBA, Leonardo Tossiaki. Marcos Urbanos e a construção da cidade: a identidade de Curitiba. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, USP, Brasil. 1999.

PARANÁ EM PÁGINAS. Outubro 71. n.º 80.

PASSINI, Romedi. Wayfinding in Architecture. VNR Company, Nova Iorque, 1984.

PECHMAN, Robert Moses. A cidade dilacerada. In SOUZA, Célia Ferraz de & PESAVENTO, Sandra Jatahy, org. Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

PEREIRA, Gisele de Fátima. Planejamento Urbano e Qualidade de Vida: Reflexão a partir de um bairro de Curitiba. Dissertação de Mestrado. IPPUR UFRJ. Março/2003.

PEREIRA b, Regina Armênio. Memória Cultural – Um bem da humanidade. Curitiba, terça-feira. 06.09.1983. Jornal do Estado.

PESAVENTO, Sandra Jatahy, A cidade Maldita, in , in SOUZA, Célia Ferraz de & PESAVENTO, Sandra Jatahy, org. Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

PEIRCE, Charles S. .Semiótica. São Paulo: Perspectiva, 1977. 337p.

PINTO, Onaldo. Depoimento 04. In Memória da Curitiba Urbana. HAYGERT, Aroldo M. G. (org.). Imprensa do IPPUC, Curitiba, 1990.

PRONSATO, Sylvia A. D. Arquitetura e Paisagem, projeto participativo e criação coletiva. Anna Blume edições, São Paulo, SP, 2005.

RISCHBIETER, Karlos Heins. Depoimento 02. In Memória da Curitiba Urbana. HAYGERT, Aroldo M. G. (org.). Imprensa do IPPUC, Curitiba, 1990.

ROSSETO, Adriana Marques; Universidade Federal de Santa Catarina. Proposta de um Sistema Integrado de Gestão do Ambiente Urbano (SIGAU) para o desenvolvimento sustentável de cidades. Florianópolis,, 2003. 1 v. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina.

RUANO, Miguel. Ecourbanismo entornos humanos sostenibles, 60 proyectos =: Ecourbanism sustainable human settlements, 60 case studies. Barcelona: G. Gili, c1999. 192p.

SANCHEZ GARCIA, Fernanda Ester. Cidade espetáculo: política, planejamento e city marketing. Curitiba: Palavra, 1997. 166 p.

SANCHEZ GARCIAb, Fernanda Ester. A (in) sustentabilidade das cidades-vitrine. In ACSELRAD, Henri (org). a Duração das Cidades. DP&A Editora, Rio, 2001

SANTOS, José Luiz dos. O que é Cultura. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1986.

SENNET, Richard. O declínio do homem público. As Tiránias da intimidade. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. 5.º reimpressão. Ed. Schwarcz Ltda. São Paulo, São Paulo. 1998.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Mudar a cidade : uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. 556p.

SOUZA b, Lucilene Inês Gargioni de; Universidade Federal de Santa Catarina. O redesign da informação no processamento da imagem. Florianópolis,, 2004. 461f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

SOUZA c, Célia Ferraz. Construindo o espaço da representação: ou o urbanismo de representação. IN SOUZA, Célia Ferraz de & PESAVENTO, Sandra Jatahy, org. Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre, Editora da Universidade/UFRGS, 1997.

SOUZA d, Nelson Rosário de. Planejamento Urbano em Curitiba: Saber técnico, classificação de cidadãos e partilha da cidade. *In*.: Revista Sociologia Política, Curitiba, jun. 2001.

TANIGUCHI, Prefácio. In Memória da Curitiba Urbana. HAYGERT, Aroldo M. G. (org.). Imprensa do IPPUC, Curitiba, 1990.

WILHEIN, Jorge. Depoimento 03. In Memória da Curitiba Urbana. HAYGERT, Aroldo M. G. (org.). Imprensa do IPPUC, Curitiba, 1990.

DICIONÁRIO FERNÃO DE MAGALHÃES

Sites:

Site: La Défense, Paris. www.volker-goebel.de/LaDefenseLeCorbusier.html acessado em 10 de junho de 2005.

Site: ARCOweb – artigo: Urbanismo - Anos 90, <http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/arquitetura44.asp>, acessado dia 10/02/2006.

Site urbanauta, <http://www.bonde.com.br/urbanauta/bairros/saofrancisco.htm?bairro=saofrancisco.htm>, acessado em 10/12/2005.

Site: Mapas Mentais – Ferramentas da sua inteligência. <http://www.mapasmentais.com.br/artigos/artigos.asp>, acessado em 15/09/2005

Site: Tribos urbanas, metáfora ou categoria? <http://www.aguaforte.com/antropologia/magnani1.html>, acessado em 22/07/2005.

Site: SESC, www.sescsp.com.br, acessado em 04/02/2006.

Site oficial de Curitiba: <http://www.curitiba.pr.gov.br/pmc/curitiba/bairros/bairro.asp?bcod=64&codgrupo=7>, acessado em 20 de dezembro de 2005.

Site oficial da UNESCO Brasil,
http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/diversidadecultural/index_html/mostra_documento,
acessado em 10/04/2006

8. APÊNDICES

APÊNDICE I

Entrevistas piloto-teste.

Dia 10/10/05.

Trabalhadores e estudantes do Largo

01.

P- Com qual frequência você vem ao Largo, na verdade?

U- Todos os dias, eu trabalho aqui.

P- Se você tivesse que marcar um encontro no Largo, onde marcaria?

U- Aqui na parte de cima, aqui no Relógio das Flores.

P- Qual o seu ponto de referência espacial, o que mais lhe chama atenção?

U- A Igreja da Ordem de São Francisco, a Igreja do Rosário, na realidade são três pontos, e a Sociedade Garibaldi.

P- Qual imagem que esse espaço lhe traz? Lembranças, recordações:

U- Lembranças, recordações...e abandono agora.

P- Abandono? Como assim?

U- Abandono pelo governo,né. Os prédios estão abandonados descuidados. É aquela história do[...]como se você por exemplo, ignorasse teus pais, teus avós. Se você ignora teus pais, teus avós, você não tem historia, você não tem passado. E é o que o governo vem fazendo, quer dizer é o que o povo faz na realidade, né, porque o governo é o reflexo do povo.

P- E quando você caminha pelo Largo, quais são as suas sensações?

U- Olha, são várias, são primeiro, um deslumbramento, assim, por várias coisas, pela arquitetura, que eu acho muito interessante, se você começa a perceber certos detalhes. Eu acho muito interessante. Eu gosto do calçamento, de você estar pisando nesses paralelepípedos, perceber e se tocar que isso foi colocado por mãos há séculos atrás...essas pedras foram trazidas, enfim... Envolve um monte de sensações boas..e, e uma tristeza muito grande, por ver que as pessoas não valorizam, não respeitam, acham legal jogar uma capona de asfalto por cima do paralelepípedo, porque o carro vai rodar melhor, acham melhor derrubar essa velharia e subir arranha céus horrorosos, enfim, é um monte de coisas junto.

P- Você tem idéia de quantos anos está aqui?

U- Nós estamos aqui há...nós estamos aqui há, 23 anos. É muito tempo.

P- E as pessoas? Tem muitos turistas? O curitibano usa esse espaço?

U- Tem turistas, é, turistas, digamos, como é que eu vou te dizer, turistas independentes, que não vêm com grupos. Ah, os grupos, por exemplo que vêm, com guias na verdade, eles

não vêm mais aqui. eles ignoram esse espaço. As agências, enfim. O porque eu não sei, eles preferem mostrar o Jardim Botânico, que não deixa de ser interessante claro, a Ópera de Arame tal, então quem vem pra cá, são turistas que estão por conta própria. Então, vem muito europeu, que gostam e não entendem porque aqui não é um centro de mais, de mais movimento. Durante o dia assim. E noite isso aqui é uma coisa horrorosa né. É uma visão do inferno. Você só vê drogado, enfim, não dá pra entender. Aqui deveria ter bons restaurantes, eu acho, espaços abertos, cafés na rua, como você vê por exemplo que é aqui do lado, Buenos Aires. Lá em Buenos Aires, você passeia ali pela Rícoleta, que é um deslumbramento aquilo, as famílias estão na rua dez, onze horas da noite. Se fala em crise da Argentina, não sei o que, mas você vê aquele centro cultural, as pessoas passeando, uma livraria do lado da outra, nessas partes. Nesses setores mais históricos. E no Brasil ocorre justamente o contrário, né. As elites vão se afastando dos centros, vão se isolando, vão se isolando, e vão entregando a sua história, e vão entregando sua história, pra enfim, ... E viram aquelas coisas, aqueles favelões, você desce duas ruas aqui por exemplo, você vai ali na Carlos Cavalcanti, que passa em frente ao Clube Concórdia ali, quando eu vim pra cá tinha um casarão ali na esquina, o casarão tava inteiro, ele precisava de uma manutenção mas ele tava lá, inteiro. Era uma pensão. Bom nesses vinte anos, que na realidade haviam dois. Um aqui e um aqui (um de frente para o outro), o daqui tava melhorzinho, e esse aqui tava mais ou menos, mas os dois estavam ali, inteiros. E o daqui todo em arquitetura neo-clássica., maravilhoso, cor-de-rosa. Bom chegou a um ponto que só sobrou a parede agora, e desse aqui não sobrou nada, só sobrou o muro, virou um estacionamento agora Um descaso, uma coisa assim, e daí eles vão para esse condomínios fechados, constroem esses...se você for é ridículo. Tenho vários amigos que moram, parentes inclusive, eu vou e fico assim impressionado. Todas as casas elas tem uma referência americana. Aquele *garajão* horroroso na frente, aquela coisa, aquele frontão, que não diz nada, é que não tem nada haver com a gente aquilo, e é feio além do que né. Eu gosto muito da arquitetura... um pouco da arquitetura americana, mas aquela arquitetura meio colonial, aqueles varandões na frente, São lindas, são confortáveis, conheço, Mas essa arquitetura arrogante, você vai em todos os condomínios, é a mesma arquitetura. A mesma bobagem. A gente continua meio filhote da... a gente continua só muda de tutor. Continuamos sempre parasitas de uma cultura, importada e envergonhados da nossa, né. Não é nunca a nossa. A gente foi da francesa, e agora da americana, E daí a gente tem a,, tem a..., a arquitetura colonial portuguesa né, que eu acho muito legal você vai pra Bahia, vai pra..mesmo a Casa Romário Martins, ali embaixo, acho linda aquela casa, mas enfim, as pessoas falavam mal do Jaime Lerner, Porque o Jaime isso, o Jaime aquilo, o Jaime foi um dos poucos políticos, um dos poucos prefeitos, que pensou Curitiba. E que valorizou e tentou de todas as maneiras preservar isso aqui. Se não fosse por ele isso aqui já tinha sido...então ele desapropriou isso aqui na esquina que era uma coisa abandonada, era

uma pensão assim horrorosa, ele desapropriou e transformou numa fundação cultural. Que é muito legal, já foi muito melhor né. Em épocas de Lucia Camargo, e coisa tal. Hoje em dia é, virou meio que, desde a administração do Greca o Largo vem sendo, foi abandonado. O Greca....

Aqui na frente a gente tinha um banca de revista. Que era bem simpática e uma banca de flores. Era bem agradável assim, tinha a banquinha, o (...) as flores, criava até uma, uma criava assim um visual romântico. É um movimento né. Havia um comercio. Ele colocou isso aí que é de um mau gosto (a fonte do cavalo) absurdo assim. Ele extrapolou no mau gosto. Esse escultor, que ele contratou, o tal do Ricardo Todd, por favor, né. Devia ser preso. Por atentado à estética, à beleza, ao panorama, gente do céu. Tudo bem. Quer botar uma coisa moderna no meio do antigo, então faça a pirâmide, lá como fizeram no Louvre, sabe como? Tem que ter um cuidado, não pode intererir, você não pode interferir assim na, você não pode interferir assim na paisagem urbana sem pensar o todo né. Roubando o visual do relógio, e o que aconteceu? O relógio foi abandonado, completamente abandonado. ele não funciona, não tem flores e ele era um marco aqui pra região. Sabe, foi o presente de uma família. Tem toda uma historia.

Esse cavalo, alem da aflição, isso ai deveria ser assim: o Largo está assim. Agonizando. Eu tinha vontade de colocar um corante nessa água.

Oh, oh, o que eu ia dizer, alem de ser horrível, ele não funciona né. Toda semana a gente tem que ligar aqui, eu e os outros, num 156, pelo amor d e deus, está vazando, então ela vaza, e inunda toda a frente da Igreja. E também a bomba, ela foi construída, o arquiteto, o tal do Rodolfo Beck, que é amigo do prefeito na época, incompetente, não era a dele, ele não sabe fazer fonte. Então o que acontece? A fonte ela não funciona, então a água é podre.. Olha alem de tudo isso. Alem de ser feia, ela não funciona, ela fede.

P- Como é a diferença entre o público que frequenta aqui de manhã, de tarde, de noite?

U- Na loja o que a gente recebe mais, é turista e um público mais alternativo. A gente tem assim, clientes, que preferem, porque a gente trabalha com brinquedos educativos. A gente recebe muitas mães, muitos pais que preferem esse tipo de brinquedos, então um pessoal mais alternativo. E tal. Daí tem assim, é, a gente não tem muito público numa faixa média, eles são ou mais jovens ou mais velhos. Tipo dos 30 aos 45 não tem muito. Acho que esse público médio gosta mais de shopping. Mas enfim, estamos sobrevivendo. Com esperanças de que o próximo prefeito olhe com mais amor por isso aqui. Por que senão olhar você veja aqui o: Você veja aqui oh, aqui atrás tinha uma casa. Linda. Pequeninha, mas ela tinha árvores centenárias, uma árvore que dava uma sombra maravilhosa, aqui pra nós. Um idiota herdou a casa aquelas coisas que a tia morre, não tem herdeiro, então ele herdou a casa. Então ele resolveu que ia fazer um estacionamento na casa. E o IPPUC deu autorização pra ele, ele construiu o estacionamento, quer dizer, ele começou a obra porque ele não terminou, a casa, sumiu, as árvores foram todas derrubadas. A gente ligou, todo mundo

ligou, não pode, não pode, vai afetar, como afetou. a gente teve problemas com rachaduras na casa, aqui, ali um problema mais sério. Porque eles foram fazer uma fundação para construir, então aqui a gente olhava pra lá, e tinha casinha ali. E o jardim aqui, e ali no fundo era tudo árvore., era um jardim, que tinha imagina, mais de um século. Tinha camélia, tinha uma árvore chamada acaiaque que inclusive, o cara deu o nome pra galeria inclusive. Ela dá uma flor de madeira, é linda, linda, linda, e raríssima. Tinha uma oliveira, o Ippuc autorizou e ele derrubou, e construiu isso aí que não serve pra nada. E agora ele tá vendendo claro, porque, quem vai estacionar o carro aí. E a casinha tá lá verdade sem função nenhuma. E antes morava uma família, tipo assim, tinha um senhor, coisas de Brasil, mas enfim. E aqui tem uns loucos que têm um projeto. Que querem que abram a rua, que cubram os paralelepípedos com asfalto. Se a gente não cuidar eles fazem mesmo.

02.

P- Com qual frequência você vem ao Largo?

U- Eu frequento bastante o largo porque eu trabalho aqui. Mas é, quando eu não trabalhava aqui eu também vinha bastante ao largo. assim, acho que faz parte da cidade eu acho Ouro Preto curitibano,

P- Se você tivesse que marcar um encontro no Largo, onde marcaria?

U- Ah, na frente do cavalo. É a referência.

P- Qual o seu ponto de referência espacial, o que mais lhe chama atenção?

U- Na verdade como estética eu gosto muito da parte de baixo do largo, porque tem ali aquelas casas antigas, tem o bebedouro, são coisas que me atraem praticamente.

P- Qual imagem que esse espaço lhe traz? Lembranças, recordações:

U- Ah eu vejo fantasmas pra tudo quanto é lado. (risos) é essa idéia que eu tenho. Eu tenho idéia de outras vidas ali, de outra população na cidade. E eu não consigo esquecer que a cidade começou aqui né?! Então essa é uma coisa que está muito forte em mim né?!

P- Então se você tivesse que narrar algumas sensações que você tem enquanto caminha por aqui:

U- É isso, fora a gente estar em 2005, eu não consigo esquecer da origem da cidade que se formou ali. É de todas as pessoas que já andaram por aqui. E o que era esse bairro antigamente, que na verdade toda a civilização de Curitiba começou por aqui. Então isso é uma coisa que a própria arquitetura me traz na lembrança.

P- Então vendo as pessoas que caminham por aqui, o que essas pessoas que usam, o que te passam na verdade?

U- bom então esse assunto é meio complicado....porque hoje o que eu vejo por aqui é um ambiente marginal. Eu vejo muita droga aqui de cima, muito tráfico, vejo muita pessoa alcoolizada, então é, infelizmente hoje, isso tá mais frequente do que qualquer turista, ou qualquer movimento da cidade mesmo.

03.

P- Com qual frequência você vem ao Largo?

U- Todos os dias né?! Eu trabalho aqui na Fundação Cultural, então todos os dias.

P- Se você tivesse que marcar um encontro no Largo, onde marcaria?

U- Sempre que eu marco um encontro, meu ponto de referência é na frente da Fundação Cultural, no chafariz, no cavalo. Sempre. Sempre é esse meu ponto de referência.

P- Qual o seu ponto de referencia espacial, o que mais lhe chama atenção?

U- Para mim é o bebedouro lá embaixo mesmo, na frente da Igreja do Rosário. Que é o primeiro ponto, né, assim, que a gente lembra da história da cidade de Curitiba. Que era onde os cavalos das pessoas que vinham trazer as verduras, vender lenha, né, na região de Curitiba, 50 anos atrás que é muito pouco tempo né. Deixavam os cavalos, ali eles tomavam água, vendiam seus produtos. Então essa é a lembrança que eu tenho. Até por já ter conversado com pessoas que viveram naquela época.

P- Qual imagem que esse espaço lhe traz? Lembranças, recordações:

U- Até um tempo atrás assim muito bom. Tem lugares,....., legal assim pra você vir, conversar,..se divertir, você encontra muita gente de fora. Tanto do Brasil quanto do exterior, mas infelizmente né, de um tempo pra cá tá um pouco mais perigoso você frequentar o Largo da Ordem. Depois de uma determinada hora, ou deixar carro, e coisa assim, então eu acho que isso faz com que a gente se afaste um pouquinho desse local.

P- Então se você tivesse que narrar algumas sensações que você tem enquanto caminha por aqui, que você diria assim na verdade:

U- Pra mim é como se fosse a minha casa né, porque é tanto tempo. Tanto trabalhando quanto desde criança passando por aqui, A familiaridade é muito grande, toda as casas, todos os espaços, você acaba conhecendo os donos das casas que passaram a ser galerias agora de arte ou restaurante, então é muito familiar é a própria casa mesmo.

P- Você vê o largo como um ponto de encontro?

U- Eu vejo, eu acho que é não só pra para as pessoas aqui de Curitiba como as de fora. O Largo da Ordem é um ponto de encontro, e até porque é mais despojado é uma coisa menos formal, é completamente informal, então você todo tipo de pessoa, circulando por aqui, é o encontro de todas as tribos na verdade.

Dia 11/10/05

04.

P- Com qual frequência você vem ao Largo?

U- Todos os dias, porque eu venho pro colégio.

P- Se você tivesse que marcar um encontro no Largo, onde marcaria?

U- No Dennis Bar.

P- Qual o seu ponto de referência espacial, o que mais lhe chama atenção?

U-. Ah, eu acho que os botecos daí né! Bastante gente.

P- Qual imagem que esse espaço lhe traz? Lembranças, recordações:

U- Ah, também os bares, né, as noites bem curtidas.

P- Quando você está vindo para o cursinho quais são as suas sensações, enquanto você está caminhando aqui dentro?

U- De manhã de cansaço quando eu venho pro colégio, e de noite de alegria de festa. O cheiro também....

P- E você acha que o Largo é um ponto de encontro aqui dentro?

U- Dependendo sim.

05.

P- Com qual frequência você vem ao Largo?

U- Ah eu venho todo dia porque eu estudo aqui no Largo.

P- Se você tivesse que marcar um encontro no Largo, onde marcaria?

U- Ali na frente da fonte porque é um lugar muito emocionante.

P- Qual o seu ponto de referência espacial, o que mais lhe chama atenção?

U- O que me chama atenção são os pombos, porque eles são da natureza, e são muito bonitinhos, e é só.

P- Qual imagem que esse espaço lhe traz? Lembranças, recordações:

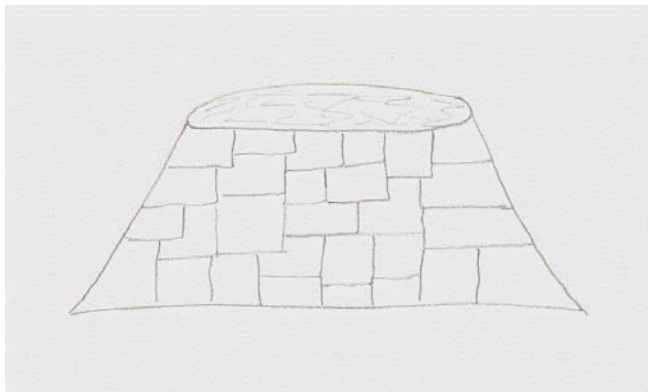
U- O que eu acho legal nesse lugar aqui porque é muito antigo, é a historia de Curitiba. É um lugar bem preservado e isso é bacana.

P- Então se você tivesse que narrar algumas sensações que você tem enquanto caminha por aqui, que que você diria assim na verdade:

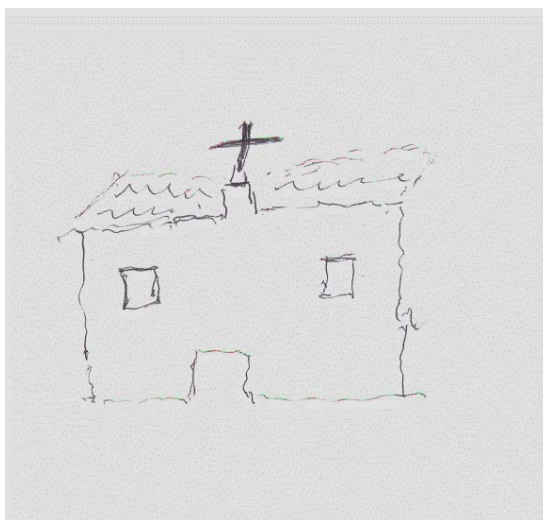
U- Eu me sinto praticamente um traficante ai, ah, não um traficante na verdade, mas sei lá, eu acho uma coisa muito louca, porque ta acontecendo muito assalto e o Largo é um ponto de...esse é um ponto negativo do Largo da Ordem.

APÊNDICE II

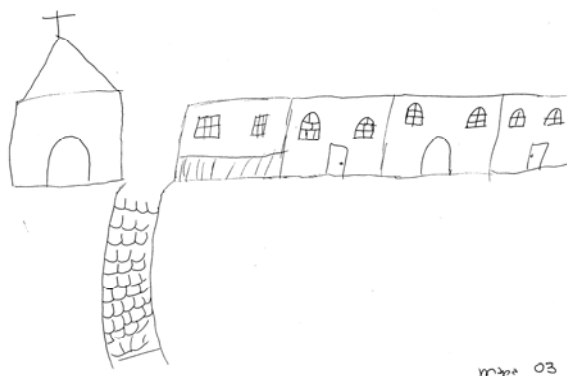
Mapas mentais analisados



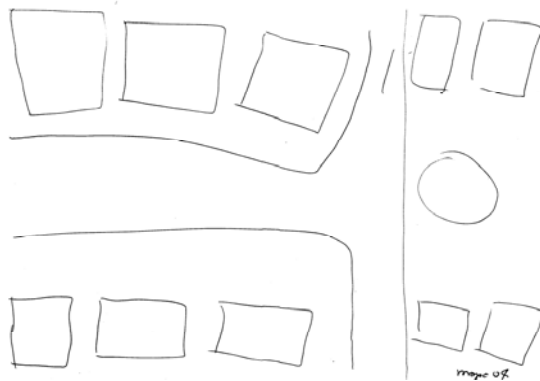
O desenho número um traz como único objeto no desenho o bebedouro. Não havendo referências ao entorno, ou mesmo a pessoas. A usuária o freqüenta diariamente há vinte e sete anos. É preciso notar que o bebedouro não foi citado na entrevista, que trouxe outros elementos, como ponto de encontro o restaurante do Solar do Rosário, denotando um uso de tal espaço. Como referencias podem ser citados o Solar do Rosário e a Casa Romário Martins podendo ambas serem consideradas como referencias arquitetônicas e históricas ao mesmo tempo. Já no desenho, nota-se uma ausência de visão espacial, de pessoas na rua, enfim de vida urbana. A insegurança e a violência foram pontos levantados na entrevista e o largo é percebido como a própria vida e trabalho da usuária, trazendo-lhes boas lembranças. A palavra para descreve-lo foi *Agradável*, além da citação do largo estar sempre se dinamizando, ou seja, há sempre espaços que fecham e que abrem somado às pessoas que transitam. Nesse caso, houve a necessidade da entrevista para a complementação do desenho.



Já o desenho número dois, trouxe com descrição para o largo : o *Ponto Principal com relação ao Turismo*. Contrastando seu desenho com a entrevista nota-se claramente a diferença entre o único referencial trazido no desenho, a Igreja da Ordem, e todas as outras citações da entrevista, afinal o entrevistado frequenta o Largo há pelo menos vinte e oito anos, diariamente. Como no desenho número um, não há presença de vida urbana, de usuários nem mesmo de entorno. O ponto de encontro citado foi o próprio Largo o que em si denota a força do conjunto como um todo para esse usuário. Existem várias referências histórico arquitetônicas, como o bebedouro, a Igreja da Ordem, o Museu de Arte Sacra a Casa Vermelha e a Casa Romário Martins. Quanto às míticas, claramente relaciona-se o Largo ao mito da origem da cidade.



O desenho número três é interessante quanto à sua configuração: mostra o casario diferenciando entre as casas antigas e o Solar do Rosário, última construção antes da Igreja, na esquina. Os paralelepípedos foram desenhadas, mas nota-se a ausência do principal referencial citado na entrevista: a Fonte do Cavalo, havendo então dois marcos, a Igreja no desenho e a Fonte na entrevista. A percepção espacial do desenho é próxima à real inclusive, definido pela usuária como perigoso, não há a presença de pessoas nas ruas. Foi levantada a questão dos usos noturnos, sobretudo dos bares e restaurantes, caracterizando o largo como um ponto de encontro da cidade, onde “encontra-se muita coisa”.

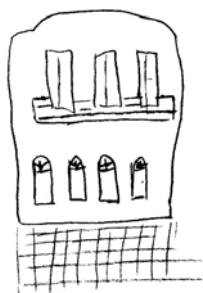


O recorte espacial demonstrado no desenho número quatro compreende a fonte do cavalo no centro, contornada por algumas ruas e construções. Diferente do mapa número três,

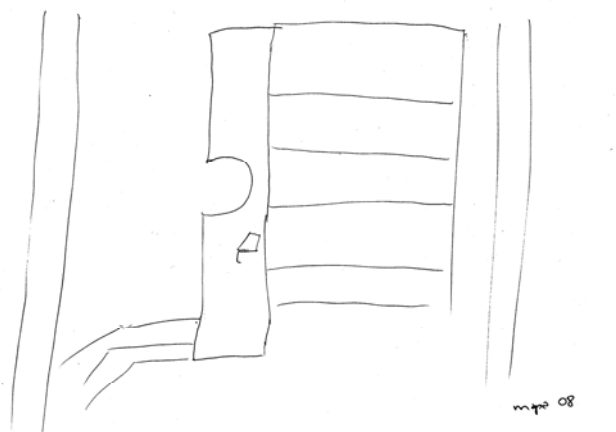
esse foi visto de cima. Há anos a usuária o frequenta diariamente, tendo-o definido como *cultura*. Obviamente a Fonte do Cavalo é sua referência principal no desenho, ao mesmo tempo em que, na entrevista, foram acrescentados uma série de novos itens, como o solar do Rosário e o bebedouro como referências históricas, este servindo ainda como referência Simbólica. O ponto de encontro é próximo ao desenho, a Praça que contorna a fonte, e mais uma vez, o ponto negativo levantado é a violência. Em sua percepção o espaço “é bem legal” e o “*movimento é bem intenso*”.



É importante ressaltar que a percepção e apreensão também acontecem conforme o uso diário do espaço, como no desenho número cinco, no qual o usuário desenhou somente o Solar do Rosário, sendo este seu local de trabalho. Frequentador do largo há 16 anos, praticamente todos os dias, ele definiu o espaço com *bonito*, expressão usada por diversos outros usuários. É interessante notar a presença do lampião na esquina, pois este objeto foi citado em outros desenhos, bem como a araucária, símbolo de Curitiba. Não há uma visão do conjunto como um todo, mas isso mostra que a percepção de um mesmo objeto pode se dar de diversas maneiras. Na entrevista foram trazidas uma série de outras referências: o ponto de encontro citado foi a Fonte do Cavalo, a arquitetura apareceu como referência histórica tanto no Solar quanto no bebedouro. Símbolos novos foram citados, como o Memorial e o Centro Cultural, e uma série de lembranças foram extraídas, tanto no que concerne a história da cidade, quanto à segurança (ou sua ausência). Interessante o contraste entre os mapas 05 e 06, ambos feitos por trabalhadores do Solar do Rosário.



No desenho 6 não há a presença de elementos referenciais como o lampião ou a araucária, mas surge o contato com a rua, através do calçamento em paralelepípedos. Mais uma vez não há pessoas ou vida urbana. A usuária o frequenta diariamente há dois anos, e citou a *beleza* como uma palavra para descrevê-lo. Trouxe como ponto de encontro três momentos da história do Largo, o bebedouro, o Relógio das Flores e por último a Fonte do Cavalo, sendo que o largo, ao fazer referencia à história da cidade remete a como seria a vida no mesmo espaço mas em outra época, constituindo uma parte importante do setor histórico da cidade. Mais uma vez foi traçado um paralelo entre a noite e a violência e inseguranças locais.

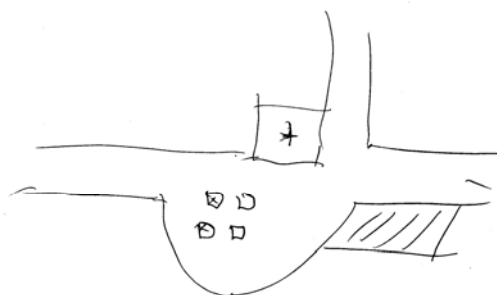


No desenho número oito fica evidente mais uma vez o elemento lampião, já retratado em outros desenhos e que nas entrevistas simboliza a cidade do passado. É interessante notar a aproximação entre o desenho e a entrevista, pois o usuário que apesar de morar em Colombo, vai diariamente ao Largo, há oito anos, citou como ponto de encontro justamente as arcadas, presentes em seu desenho. A referência as ruínas foi utilizada mais uma vez como um paralelo com a história local, sendo que o conjunto de construções antigas definido juntamente com o Largo como *bonito*. Mais uma vez foi levantada a questão entre o turismo e a violência, no sentido de que a presença de trombadinhas e mendigos

demonstra uma imagem que não condiz com a que deve ser vista. Através das ruínas, do relógio das flores, da Igreja do Rosário e mesmo da fonte, podem ser revistas as lembranças do passado.

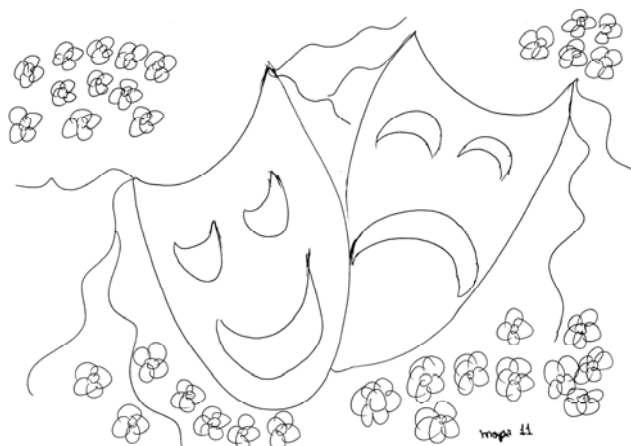


No nono desenho a relação entre entrevista, desenho e a palavra escolhida é ainda mais estreita. A usuária que o frequenta diariamente há três anos definiu-o como romântico, e depois faz referência a uma arquitetura romântica que seria aquilo que ela percebe, ao lado, da cor das casas e de suas lembranças pessoais de infância. Como referências a serem extraídas de seu desenho nota-se a Igreja do Rosário e o casario antigo, marcados pelo calçadão. É o primeiro desenho que traz pessoas com semblantes alegres, ou seja, mais uma vez, a imagem de um espaço de convívio e encontro. O ponto negativo levantado, mais uma vez foi a insegurança, e é interessante que a usuária citou o relógio das Flores e não a Fonte do Cavalo como símbolo, ao passo que, como ponto de encontro, a referência foi o Depósito da Ordem, seu estabelecimento comercial.



No desenho dez há uma diferença entre a utilização do espaço para o lazer e para o trabalho: o usuário o frequenta diariamente para atividades de trabalho, mas esporadicamente para o lazer. Frequentador de tal espaço desde a juventude. Em seu desenho, onde estão retratados de maneira esquemática a igreja da ordem, as mesas de bares e a casa Romário Martins, nota-se a ausência do elemento mais central, ou seja o bebedouro. O que corresponde a sua entrevista, pois seu ponto de encontro citado é o Bar do Alemão., e como referências encontra-se o calçadão, as construções históricas e a casa

Romário Martins. Esse conjunto arquitetônico, acrescido do uso e das pessoas, cria aquilo que o usuário chamou de ambiente agradável e *acolhedor*. Mais uma vez os problemas citados relacionam-se à área de segurança. Interessante ressaltar também a expressão [...] *lembranças são como as marcas do tempo*.



O desenho onze traz uma imagem clara que a usuária tem com relação ao espaço. Definido por ela mesmo como centro histórico cultural, seu desenho expressa claramente seu cotidiano vinculado ao teatro: as duas máscaras, da tragédia e da comédia, romantizadas ainda pela presença de flores em todo o desenho. Frequentadora do largo há dez anos, diariamente, identifica como único problema a falta de segurança, já apontada em diversas outras entrevistas. Seu ponto de encontro é o teatro Cultura, suas referências históricas são as construções antigas definindo-o como mito de um lugar cultural. As igrejas e o Relógio das Flores, são seus marcos, conformando um conjunto harmonioso, que é, e é salutar a mistura entre o novo e o antigo.



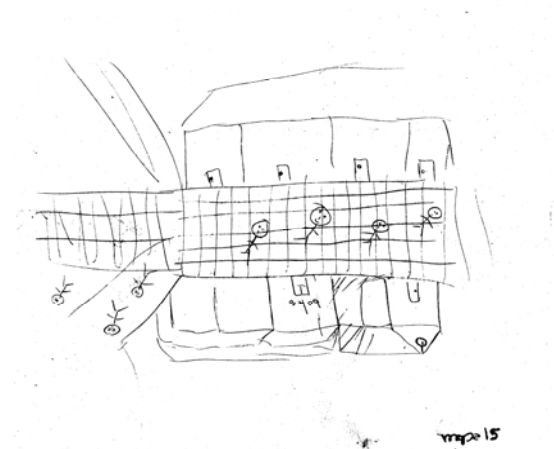
Desenho doze, freqüentando o largo diariamente há apenas um mês, a usuária identificou como lugar da *Boemia*. Em seu desenho existem uma série de referências como a fonte central, a Igreja, nesse caso desenhada sob a forma de um castelo, um bar na esquina, grande se comparado às demais construções. Existem pessoas e carros no desenho, configurando usos urbanos, e a vegetação que conforme a usuária são araucárias. Há uma boa visão do conjunto. Seu ponto de encontro é a casa lilás, seu local de trabalho. Como referências foram citadas as construções antigas, e o mito, relaciona-se ao turismo e à tradicional feirinha dominical. Mais uma vez foi levantado o problema da violência à noite, conforme as demais entrevistas. Portanto, o espaço, é: *histórico, retrata a cidade como deveria ser antes, onde encontram-se muitas pessoas.*



No desenho treze o usuário utiliza a expressão: *imagem de uma época passada*, ponto turístico, caracterizado como *histórico*, sendo uma ilha dentro da cidade, o que está perfeitamente retratado em seu desenho: uma ilha. Ele citou os lampiões, as janelas, que configuram um dos maiores símbolos municipais, [...] *olhar os detalhes para entender a vida passada, cujas marcas são a Praça e as casa antigas.* O ponto central para ele é o bebedouro, a prefeitura deveria promover mais eventos no local, faltam atrações para o povo! Há quatro anos o freqüenta diariamente. Além de um ponto de encontro, também é um ponto de circulação. Mesmo assim não é um lugar para trazer a família à noite. Os bêbados, vândalos *denigrem* a imagem de tal espaço. Portanto ele é percebido ponto histórico, cuja iniciativa de tombamento do patrimônio é salutar inclusive na manutenção da *imagem de como se vivia antigamente*

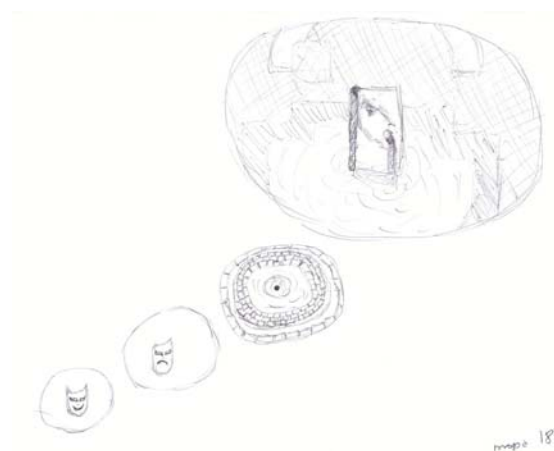


Desenho 14, foram dadas palavras para descrevê-lo: *Patrimônio e Diversão*. O desenho é um recorte, um trecho que mostra mais uma vez um lampião, e uma cornija e uma cimalha. O casario ao fundo e o calçamento. Nota-se a ausência de pessoas. Freqüenta o largo há uns oito anos uma vez por mês. Com pontos positivos levantados pode ser citado a preservação do patrimônio, agregando pessoas, ou seja, através de usos diversificados. Já os pontos negativos foram encarados como a inserção de elementos que não condizem com o conjunto. Os pontos de encontro citados, são os dois marcos mais citados no Largo “O Cavalo Bêbado” e o antigo bebedouro de cavalos. As referencias históricas são retratadas pelo conjunto arquitetônico ao redor do bebedouro, e também pela sociedade Garibaldi. É interessante notar que a feirinha aparece como um símbolo local, ao lado das imagens da noite. Quanto à percepção, as imagens formadas dizem respeito a pessoas passando, diversão, “*gente feliz, nunca triste*”, e também a sensação de estar sempre voltando.



O usuário número quinze descreveu o Largo como sendo “*Maravilhoso*” e em seu desenho estão presente uma série de usuários pelo calçadão. Freqüenta o largo ao menos uma vez

por semana, possuindo portanto uma vivência nesse espaço, traduziu esse espaço como “O Largo é tudo de bom.” E também “É um lugar de encontro”. Em seu desenho nota-se claramente os paralelepípedos, o casario histórico, a Igreja da Ordem e também um “boteco” série de referencias atribuídas mais tarde na própria entrevista. Os pontos de encontro citados, não aparecem no desenho sendo, o Solar do Rosário, em frente à fonte e também o Bar do Alemão, e o Sal Grosso. As referências históricas são as igrejas e o calçadão, e as simbólicas ficariam por conta da feirinha “[...] um inferno maravilhoso de gente.” Notadamente a estrutura física marca uma outra época, com expressões do tipo : “[...] pessoas que vão do luxo ao lixo”, e também “O largo é um charme”. Um lugar de gente bonita, onde todos vêm para se encontrar, desde rock ate punks. Mais uma vez foi levantada a questão da falta de segurança no período da noite.



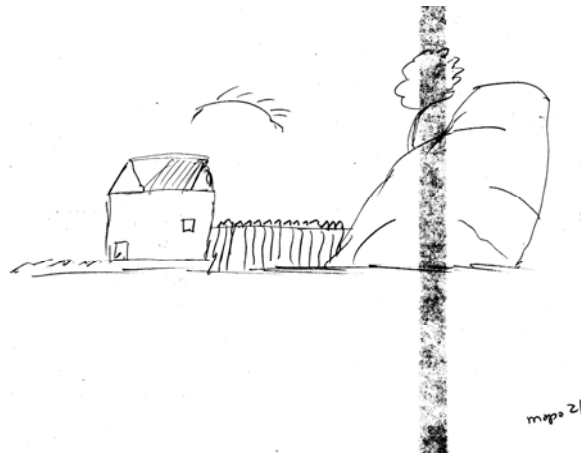
O desenho dezoito traz uma configuração diferente: em uma série crescente de balões, ele expressa seus pensamentos que vão desde as máscaras da tragédia e da comédia (ou seja um espaço cultural) passando pelo antigo bebedouro até chegar à fonte do cavalo, um símbolo relativamente novo, mas que já rouba a cena dos demais. Percebido como espaço de tranquilidade, calma e alegria, o usuário definiu-o como “A alma de Curitiba” conforme as seguintes expressões: “rola muita alegria aqui e venho aqui para pensar”. Visto como um lugar de encontro a expressão cavalo babão foi citada diversas vezes. Em relação aos aspectos negativos foram ressaltadas as brigas que acontecem no local. Ainda citando o usuário ele trouxe a idéia de que o lugar está repleto de lembranças pessoais, sua frequência de uso é duas vezes na semana e há três anos.



O desenho dezenove é muito claro com relação aos símbolos: traz três ícones muito marcantes: a Fonte do cavalo, a Fundação Cultural e uma araucária. O usuário o frequenta desde a infância, na frequência de duas a três vezes por mês. Sua entrevista foi extremamente sucinta, trazendo como ponto de encontro a Fonte, mas uma das expressões mais importantes para a compreensão de todo esse trabalho: “*sinto um ar bom, assim em casa, estar sentado, enfim uma coisa boa.*” E além disso “*você chega e conhece pessoas*” ou seja um local de encontro. Indicado como um espaço *razoável* seus aspectos negativos estão sobretudo na presença de maloqueiros e nas pichações.



No desenho número vinte a usuária não quis dizer uma palavra para traduzir o largo, mas traduziu-o em duas expressões: “*coisa familiar, pessoas felizes*” e “*tudo é referência nesse espaço...*” frequentando o Largo há três anos uma vez por semana, o aspecto negativo que percebe é a quantidade de pessoas na feira dominical, o que dificulta o caminhar, no mais a sensação é de calma. Seu desenho preconiza os usos, em detrimento do espaço, ou seja, na imagem mental formada, o que mais chama atenção são as pessoas utilizando-o do que a arquitetura propriamente.

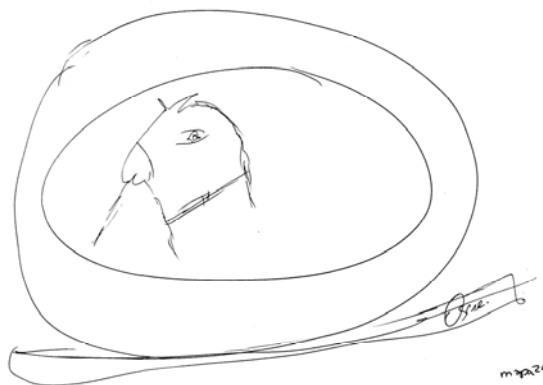


Da mesma maneira que o mapa anterior, o usuário número vinte e um, frequenta o espaço uma vez por semana, definindo-o como *tudo de bom*. Citando como ponto de encontro o chafariz, trouxe como referências os monumentos e as Igrejas. “[...] *o largo já traz algo de bom, não tem nada de negativo*.” seu desenho é interessante no sentido de não fazer referência ao espaço em si, ao não ser pelo “morro” que ele definiu como sendo a ladeira que sobe rumo as ruínas do São Francisco. “*Sensação de paz e alegria na minha alma*.” Sua imagem faz referência também à sua vida, como ele mesmo traduziu, do interior onde ele vivia.



O desenho vinte e dois traz um paralelo entre cidadão e espaço “Positivo é porque onde as pessoas se encontram, negativo porque são curitibanos e são bem fechados.” A identidade do espaço é traduzida como a própria identidade da população. Sobretudo para uma artista que não é de Curitiba, mas adotou-a como segunda casa. Frequentando o espaço de duas a três vezes por mês, já “trocou” sua arte por um prato de comida neste espaço, portanto percebe esse lugar como passado e presente, do próprio usuário e da própria cidade. Seu

ponto de encontro é o “*Cavalo que vomita*” seu desenho é extremamente dinâmico, representando a fonte do cavalo no centro e as torres das igrejas ao fundo, expressando o *movimento* que o próprio usuário se referiu como sendo a palavra para traduzir tal espaço.

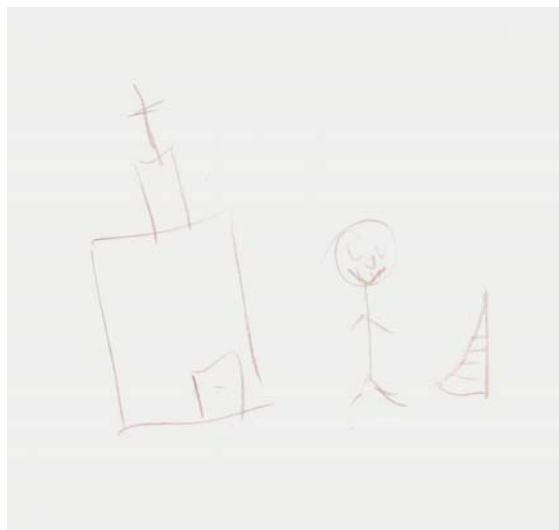


Excelente, assim foi definido o largo pelo usuário número vinte e quatro. Frequentando o largo há dez anos, todos os domingos, trouxe como única referência em seu desenho a fonte de cavalo, o que está de acordo com sua entrevista, pois este também foi traduzido como seu ponto de encontro. Além disso as Igrejas lhe chamam a atenção, dentro da paisagem local. Não há referências por usos ou pessoas no desenho, mas na entrevista há a dicotomia entre dia e noite. Um ponto negativo levantado é a sujeira, se comparada com outros espaços da cidade. De qualquer maneira a sensação que lhe traz é a de tranquilidade “*Eu lembro a primeira vez que eu vim aqui*”.



Visto de topo, o desenho número 25, traz a organização das quadras com uma série de pequenos ícones, segundo a usuária, as canecas podem ser de chope ou de quentão conforme a cor, o copo é o de cerveja as cruzes são as igrejas, o confete e a serpentina é um local de “balada” a fonte do cavalo está no centro, as arcadas do São Francisco e por último uma mesa simboliza os jogos colocados nos finais de semana para as crianças na Praça João Candido. Um desenho simples, mas que expressa uma visão clara do conjunto. A palavra para descrever o espaço foi feirinha, mas sua utilização não se restringe somente

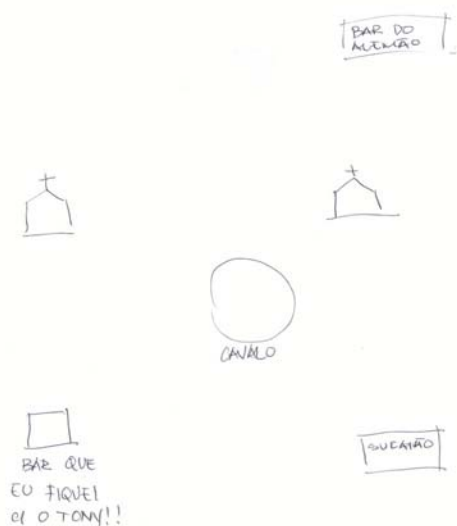
a isso, pois a usuária o frequenta no mínimo duas vezes ao mês, há cinco anos. Ela ressaltou a dicotomia dia e noite, noite os bares, dia a feirinha. “*É tudo antigo parece que volto no tempo.*” Além disso: “*lembranças?! Das amigas sentadas na grama [...] venho muito à noite aqui não é para comprar drogas [...] um monte de gente, de turistas, tudo misturado.*” A questão das drogas levantada está soma-se à falta de segurança e ao excesso de violência. Como ponto de encontro foi citado “O Cavalo Babão” e como marcos as ruínas.



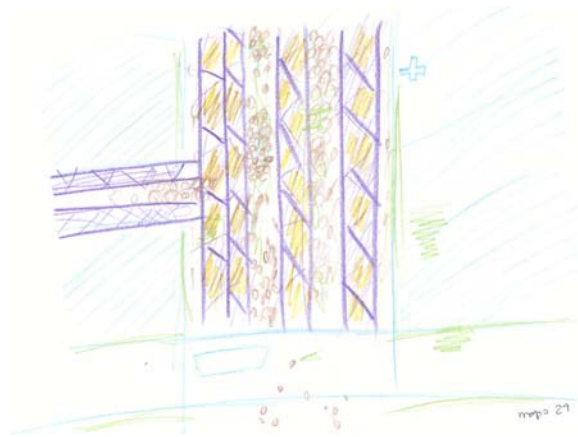
A diversidade e o encontro de amigos foram duas expressões que permearam o desenho e a entrevista número vinte e seis. Em seu desenho praticamente não há visão espacial apenas três ícones básicos: uma Igreja, uma pessoa sorrindo e um trecho das ruínas do São Francisco. Três imagens desconexas cuja costura foi feita no momento da entrevista. Frequêntador da feirinha desde seu início, ou seja, desde a década de setenta, o espaço sempre “*traz de volta o passado da cidade*” através de recordações de infância e do encontro com amigos, de maneira a ser extremamente agradável. A fonte do cavalo foi citada como ponto de encontro, mas todo o largo, através de sua arquitetura é visto como referencial. Mas existem muitos aspectos a serem melhorados, as pichações, a sujeira, o estado de conservação de alguns prédios e obviamente a insegurança. Outro importante aspecto citado foi a presença dos turistas.



A presença intensa de pessoas na rua marca o uso social dado no desenho vinte e sete. A usuária dificilmente vem ao largo, guardando portanto mais imagens de sua infância. Seu ponto de encontro é a Igreja do Rosário, citando num segundo momento a Fonte do Cavalo como marco na paisagem. Definido como *cultura*, o que mais lhe chama atenção é sempre a presença de coisas novas, aliado à “diferença de culturas” e de pessoas. Em seu desenho percebe-se uma igreja (provavelmente a igreja do Rosário) a Fonte do cavalo, uma barraca típica da feira e o estande do teatro de bonecos.



No desenho vinte e oito notam-se apenas as referências, com alguns textos, mas a ausência de ruas é muito marcante. Inclusive trazendo referências a acontecimentos pessoais. Mas o que mais marca em seu depoimento é a frase: “[...] *sensação de ser mais um na multidão, sensação de ser curitibano*.” ou seja para ser curitibano tem-se que frequentar a feira aos domingos. O largo foi definido como *Ponto de Encontro*, definindo a identidade da cidade e própria sensação de a ela pertencer. O ponto de encontro citado foi a fonte do cavalo, mas as referências e os marcos, são definidos como a própria arquitetura do lugar. “[...] *lembranças de sábado à noite*” configurando um uso que vai além da feirinha, que inclusive mostra um bom conhecimento do local, como o ponto negativo levantado que relaciona-se há alguns pontos degradados dentro do conjunto.



“É um tumulto gostoso” assim foi definido o largo pelo usuário número vinte e nove. Frequentando o largo “a vida toda”, uma vez ao mês pelo menos, a palavra para descrevê-lo é *cult*. Seu desenho retrata a aglomeração típica de um domingo de feira, inclusive nos tons amarelos que representam as barracas e no excesso de pessoas caminhando. Há também uma cruz, representando uma igreja, na lateral direita do desenho. O ponto de encontro citado é o “Cavalo Babando, e as referências tanto o Cavalo quanto o relógio das Flores. “:É uma mistura de culturas.”



O desenho trinta e um traz a imagem da noite, da boemia, em frente à Igreja da Rosário, em uma mesa de bar, pessoas cantam. A usuária definiu tal espaço como *Confraternização*, o ponto de encontro é o “*Cavalo Vomita*” e quanto aos aspectos negativos “... *muito maloqueiro e drogas...*” comentário típico de quem conhece a vida noturna local. Mas vai além, definindo-o como místico, antigo e histórico. Leitura de quem o frequenta há dois anos pelo menos uma vez por semana. Interessante que, para quem cita como ponto de encontro a Fonte do Cavalo, no desenho aparece a Igreja do Rosário.



O desenho trinta e dois foi um dos únicos a retratar o Largo da Ordem propriamente, pois observam-se o bebedouro, a Casa Romário Martins e a Casa Vermelha, a passagem entre os espaços, como se estivesse sendo observado a partir da Igreja da Ordem propriamente. *“Eu gosto de reparar, assim, nas pessoas”* um comentário que na verdade não se observa nem no desenho, pois há uma ausência total de pessoas, nem no ponto de encontro citado “O Cavalo Babão”, que está acima do espaço retrato no desenho. As referências simbólicas são a feirinha e o Relógio das Flores, quando o espaço está vazio, o que chama atenção da usuária é o eixo todo, seu caráter de rua de pedestre, *“eu fico reparando na arquitetura”*, já *“[...] nos domingos têm bastante alegria”*. Definido como bucólico, ela o frequenta desde a infância, ao menos duas vezes ao mês.

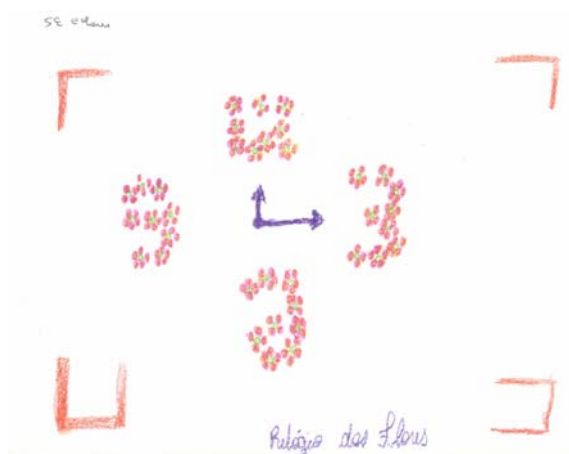


“as pessoas variam conforme o período do dia e da região do largo” portanto um espaço alternativo, através do qual o autor se identifica tanto *Alternativo*, que seu desenho é seu próprio rosto. Essa heterogeneidade, trazida por um usuário que o frequenta

diariamente, está retratada também nos pontos negativos e positivos, as drogas. O ponto de encontro é o *Cavalo que Gospe*, enquanto as referencias históricas são as ruínas de São Francisco. “O largo é um espaço alternativo”, capaz de abrigar turistas, a galera da *night*, o circuito alternativo, também para as artes e para pessoas de diversos tipos. A feirinha e os artesãos seriam o símbolo de tal espaço.

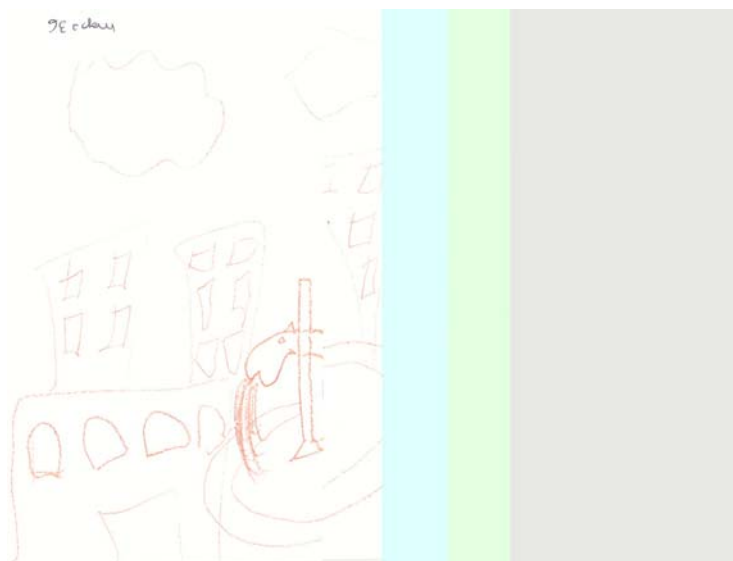


Conforme outros desenhos, o número trinta e quatro traz somente a fonte do cavalo, definido pelo autor como ponto de encontro e “Cavalo babão”. Frequentando o espaço três vezes por semana há um ano, a palavra escolhida para defini-lo foi *Alegria*. O largo lhe traz lembranças boas “[...] a tranquilidade do dia e a zoação e a baderna da noite.”

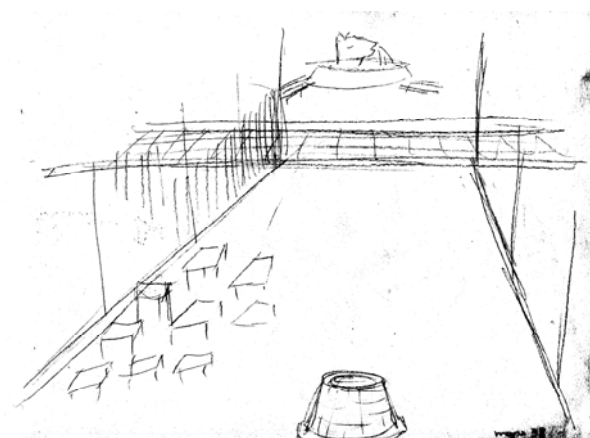


O desenho trinta e cinco traz como única referencia o Relógio das Flores, o que coincide com o ponto de encontro citado na entrevista. A usuária frequenta o espaço há três meses uma vez na semana, e tem como referencia tanto o relógio quanto a Igreja do Rosário., trazendo como marco na paisagem, além destes, a fonte do cavalo. Percebe como pontos

negativos as drogas, a violência e o roubo, porém durante o dia, é um lugar sossegado “[...] para você sentar e bater um papo”. A palavra para defini-lo é *Curiosa*.



Existem uma série de referências no desenho 36. O casario antigo, a Fonte do cavalo no centro, o teatro cultura (esse usuário é ator) e mais interessante ainda, são os arranha-céus no fundo. Em sua entrevista, foram citados como ponto de encontro o “cavalo babão” e o Relógio das Flores (que não aparece no desenho). Frequentador do largo desde a adolescência, pelo menos três vezes por semana, definiu-o como *Lindo*. Fez referência também a usos, como o Festival de Teatro de Curitiba que acontece também em tal espaço. Trouxe como referencial na paisagem a cúpula da Igreja Presbiteriana, que chama atenção de longe, ficando ao bebedouro a referência histórica. Sua percepção está baseada em dois valores: “[...] a beleza desse lugar, é o valor histórico das construções”, enquanto também há a degradação e a violência urbana.



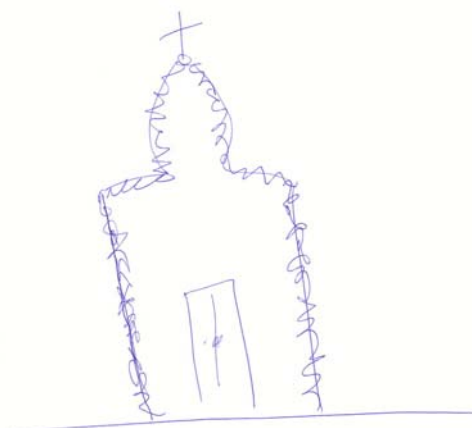
O desenho 38 foi feito fora do Largo, com uma moradora de São Jose dos Pinhais, que frequenta tal espaço mais ou menos uma vez a cada dois meses, há mais de dez anos. Definiu-o como *cultural*, “[...] sensação de que a gente sempre vai encontrar um conhecido por lá.” Seu desenho traz diversas referências, o bebedouro em primeiro plano, finalizando a

perspectiva coma fonte do cavalo. O calçadão em paralelepípedos e as mesas dos bares. Importante ressaltar que o ponto de encontro citado na entrevista, o memorial, não aparece no desenho, ao lado do Cavalo Babão, a variedade de pessoas também chama a atenção. Quanto aos usos que tornaram-se simbólicos tem-se a Feirinha e o Festival Teatro. Mais que o perigo do próprio lugar, segundo ela, são as pessoas, elas é que tornam o ambiente perigoso. De qualquer maneira é um espaço cultural, é um espaço *bem bacana*.



mapa 39

“É um lugar normal da cidade para mim.”, para o usuário que o frequenta uma vez por mês, desde a adolescência, caminhar no Largo não é diferente de caminhar na Rua XV, sendo a imagem da *Variedade*. As referências históricas são as casas e o largo. Tem-se como um dos símbolos mais tradicionais o Bar do Alemão, seu ponto de encontro é o Memorial. Os problemas estão relacionados às drogas e à segurança., além de não haver esforços para levantar a qualidade do lugar, que mesmo sendo de entretenimento, deveria ter um cuidado maior. De qualquer atenção o que mais chama atenção é a manutenção das fachadas. Em seu desenho não há uma visão do todo, apenas três imagens referenciais soltas: o bebedouro, um estande de venda da feira e os jogos infantis colocados aos domingos na Praça João Candido.

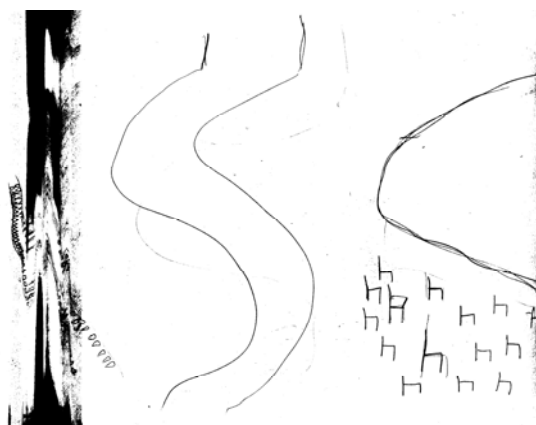


A usuária do desenho 40, definiu-o como *Maravilhoso*, afinal, lá pode-se “ver vários tipos de pessoas [...] e fazer de tudo um pouco.” Segundo ela, as pessoas de fora dão valor, enquanto os curitibanos não. Frequenta o largo ao menos uma vez por mês, há catorze

anos, trazendo como ponto de encontro a Igreja da Ordem, segundo ela é um espaço para a cultura. “*Eu só o acho muito bonito*” numa referencia clara a um cenário, onde toda da a arquitetura chama atenção. Em seu desenho só há a Igreja do Rosário, sem pessoas, usos urbanos ou outras referências.

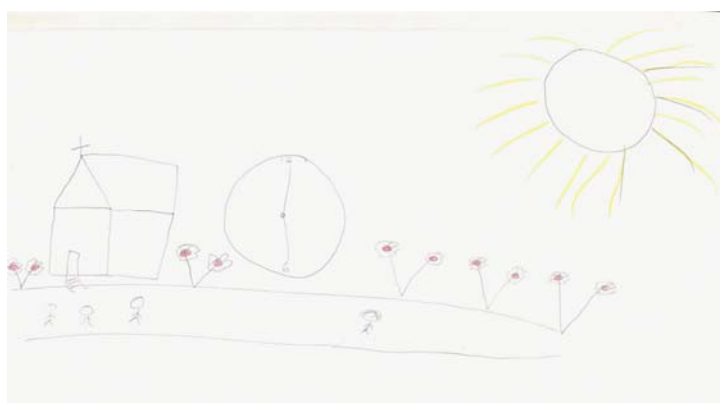


O usuário do desenho 41, sintetizou em seu desenho a Igreja do Rosário (notar que no desenho está verde). Em sua frente foram colocados a Fonte do cavalo e o Relógio das Flores, também foram dispostos algumas barracas da feira, complementando o desenho. O usuário frequenta tal espaço há catorze anos, mas com uma frequência muito baixa, uma vez por semestre. Segundo ele “*[...]o Largo é um ponto de encontro*”, cuja presença de pessoas e o movimento chamam a atenção. Como marco foi identificada a Fonte do Cavalo (o que condiz com o desenho), Já como ponto de encontro foi trazida uma outra referência o Bar do Alemão, que não aparece no desenho. Os pontos negativos coincidem com a maior parte dois outros entrevistados, a violência, a insegurança e as drogas.



O desenho número 42 seria de difícil interpretação, se não tivesse sido acompanhado o processo do desenho. A usuária retratou elementos existentes no Memorial da Cidade. O rio de pinhões na esquerda, a escadaria central, ao meio, e na direita o palco com as cadeiras. Segundo ela o largo é o *Coração de Curitiba*, o qual ela frequenta pelo menos uma vez por mês desde a infância. Seu desenho extremamente simples se comparado à sua entrevista. O ponto de encontro mais notável seria perto do chafariz. E o que mais lhe chama atenção é a variedade e pessoas, de turistas, gente de toda parte de

Curitiba e de fora. Enfim um espaço cultural, onde se encontra dança, música, feira, etc., que possui como pontos negativos a violência, as drogas e assaltos noturnos.



O desenho 44 é interessante porque traz as mesmas referências de outros mapas já citados ou seja uma série de flores que tornam o desenho mais lúdico. Além disso traz uma Igreja, a do Rosário, o Relógio das Flores, e a presença de pessoas, tudo isso num “domingo ensolarado” (através da presença do sol). Frequentando o largo há trinta anos, uma vez a cada dois meses, definiu-o como *Histórico*. Segundo ela o espaço traz uma série de referências ao passado, sendo que o ponto de encontro é a Igreja da Ordem. Ela o percebe como um espaço de “lembranças”, infelizmente hoje um ponto de banditismo, “trombadinhas”, drogas e “fumo”.

Seguem os desenhos do teste-piloto:

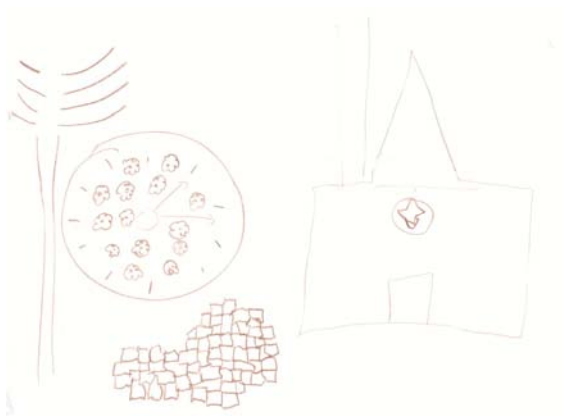


Ilustração 1 Desenho 1

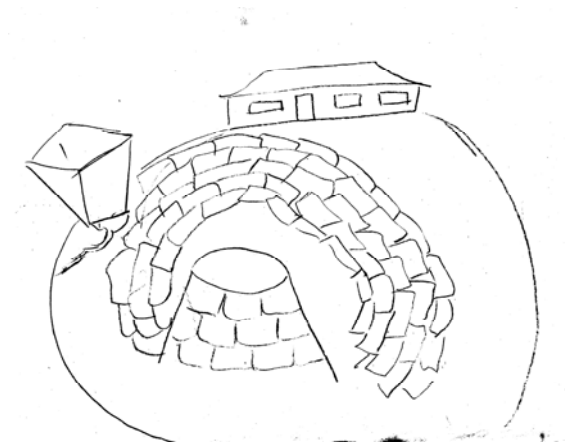


Ilustração 2 Desenho 2



Ilustração 3 Desenho 3



Ilustração 4 Desenho 4



Ilustração 5 Desenho 5